

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



A cultura material simbólica de Bet-Chan entre os séculos
XV e XIV a.C.: Identificação, materialização e
significação

Catarina Pinto Fernandes

2016

*Don't only practice your art, but
force your way into its secrets; art deserves
that, for it and knowledge can raise man to
the Divine*

*Ludwig Van Beethoven, carta a Emilie a 17 de
julho de 1812*

Agradecimentos

Nem que aprendesse todas as palavras criadas em todas as línguas alguma vez nomeadas, me seria possível expressar o quanto agradeço a todos os que, por vários motivos e em vários momentos, estiveram presentes.

À família, dos mais novos aos mais velhos, pelo que me ensinaram, me inspiraram e me amaram. É difícil citar todos e a todos dizer um obrigado que esteja à altura do que significam, pelo que por aqui me fico em relação a todos eles, esperando que saibam a importância vital que sempre terão.

Aos amigos, não muitos, mas verdadeiros, sobretudo pelo apoio e felicidade que sempre me proporcionaram. Por todas as gargalhadas e palhaçadas, por todas as lágrimas e distâncias, por todas as revisões de textos e trabalhos, por todas as conversas e sobretudo por continuarem na minha vida.

Aos meus orientadores, que no verdadeiro sentido da palavra me encaminharam académica e emocionalmente em todo este processo. Pela aceitação e carinho que foram demonstrando e por terem sempre acreditado!

Aos investigadores, da Palestina à América, que se disponibilizaram a partilhar os seus conhecimentos e publicações com alguém que tão pouco sabe.

"Amamos o que amamos. A razão não se intromete. De muitas formas, o amor menos sensato será o mais verdadeiro. Qualquer um conseguirá amar uma coisa "porque". É tão fácil como guardar um tostão no bolso. Mas amar alguma coisa "apesar de", conhecer os defeitos e amá-los também, é algo raro e perfeito"

Patrick Rothfuss, *O Medo do Homem Sábio*, p.81

A todos, o maior Obrigado!

Resumo

Bet-Chan apresenta um dos conjuntos materiais com artefactos egípcios mais antigos da Síria-Palestina, tendo os estudos mais recentes feitos pela Universidade Hebraica de Jerusalém, proposto a primeira presença de aquartelamentos militares no sítio para fins do século XV e inícios do XIV a.C.

Estando os materiais estudados e publicados pelos respectivos investigadores, serve este trabalho para fazer uma análise Social dos objectos ditos simbólicos do designado nível IX, que corresponderá ao período cronológico referido.

Percebe-se que a confluência de exemplares cananaicos e egípcios é premente, mas que a eles se juntam alguns outros micénicos e mitânicos, numa construção social que terá primado pela aceitação de grupos exógenos e pela introdução de novas crenças e práticas, onde novas hierarquias se formam e ambientes de reformulam.

No fundo é dizer que os primeiros contactos do Egipto com Canaã são marcados por uma gradual miscigenação, que só nos séculos seguintes permite a presença efectiva dos primeiros, mas que já na XVIII dinastia é marcante socialmente, ainda que com reservas e sempre respeitando os modelos antigos, impostos desde o Bronze Médio.

Palavras-Chave: Bet-Chan, Síria-Palestina, Egipto, Identificação social, materialização

Abstract

Beth-Shean has one of the oldest Egyptian archaeological remains in all Syria-Palestine area. The latest studies from de Hebrew University of Jerusalem proposed the presence of the first garrison for the late XV and early XIV B.C.E.

The material remains are already studied by the researchers, and so, this thesis serves to make a social analysis of the so-called symbolic objects of the designated level IX, which correspond to that chronological period.

It is noticed that the Canaanite and Egyptian artifacts appear to be primary, but Mycenaean and Mitannian artifacts join them in a lot of contexts, allowing a social environment that accepts exogenous groups and the introduction of new beliefs and practices, where new hierarchies are formed.

In conclusion, the first Egyptian contacts with Canaan are marked by a gradual miscegenation, that only in the following centuries allows the effective presence of the Egyptians. Nonetheless, their presence was perceived in the XVIII dynasty, although accompanied by the social models of the Middle Bronze Age.

Key-Words: Beth-Shan, Syria-Palestine, Egypt, Social Identification, materialization

Índice

Agradecimentos

Resumo/Abstract

1. Introdução temática e histórica.....	1
2. Enquadramento geográfico.....	8
3. Teorias de base.....	12
3.1. Ciências cognitivas	14
3.2. Cultura Material	21
3.3. Identidade e Identificação	29
3.4. Os contextos de interacção social, os utilizadores e os objectos em acção.....	37
3.4.1. Objectos simbólicos.....	41
3.4.2. Funcionalidade e Além-funcionalidade	43
4. Metodologia de ensaio	45
5. Os materiais em estudo e a sua integração diacrónica.....	49
5.1. Quartos Norte e Pátio 1228 associado.....	57
5.2. Quarteirão Nordeste	59
5.3. Pátio 1228 e exterior do templo 1230-1234.....	61
5.4. Quarteirão Oriental	62
5.5. Complexo Sul.....	66
5.6. Rua	67
5.7. Quarteirão Ocidental – Edifício 18970	68
5.8. Edifício 1240	69
6. Análise social dos materiais por contexto de interacção	71
6.1. Quartos Norte e Pátio 1228 associado.....	71
6.2. Quarteirão Nordeste	76

6.3. Pátio 1228 e exterior do templo 1230-1234.....	84
6.4. Quarteirão Oriental	91
6.5. Complexo Sul.....	102
6.6. Rua	105
6.7. Quarteirão Ocidental.....	109
6.8. Edifício 1240	112
7. A crença e a pratica na organização social dos grupos humanos	114
7.1. O papel da religião em Bet-Chan	117
8. Considerações finais	124
8.1. Religião pública em Bet-Chan.....	127
8.2. As dinâmicas grupais na restante cidade.....	130
9. Referências bibliográficas	134
Anexos.....	141

Índice de tabelas em texto

<i>Tabela 1</i> - Relações entre contextos de interacção, grupos, acções e objectos.....	38
<i>Tabela 2</i> - Contextos públicos e privados onde aparecem os materiais religiosos, nobres e administrativos em Bet-Chan	43
<i>Tabela 3</i> - Cronologias, áreas e níveis em estudo para o período de ocupação egípcio	49
<i>Tabela 4</i> - Materiais e salas dos quartos Norte e Pátio 1228.....	57
<i>Tabela 5</i> - Materiais e salas do Quarteirão Nordeste	59
<i>Tabela 6</i> - Materiais e salas do Pátio 1228.....	61
<i>Tabela 7</i> - Materiais e salas do Quarteirão Oriental (Complexo do templo 1230-1234)	63
<i>Tabela 8</i> - Materiais e salas do Complexo sul.....	66
<i>Tabela 9</i> - Materiais e salas da Rua 1238.....	67
<i>Tabela 10</i> - Materiais e salas do Quarteirão Ocidental.....	68
<i>Tabela 11</i> - Materiais e salas do Edifício 1240	69
<i>Tabela 12</i> - Relações entre a decoração e a trombeta e estátua do oficial egípcio ...	80
<i>Tabela 13</i> - Relação entre as crenças e práticas e os seus representantes materiais e respectivas actividades, consoante a origem do grupo humano.....	89

Tabela 14 - Relação entre os artefactos e a cerâmica por sala, dentro do complexo do templo91

Tabela 15 - Função dos diversos espaços do complexo do templo 1230-1234.....99

Tabela 16 - Relação entre as naturezas do espaço e do grupo social, tendo em consideração os contextos de interacção para Bet-Chan no nível IX.....117

Índice de figuras em texto

Figura 1 - Mapa com os sítios onde aparecem alguns materiais egípcios desde o Império Novo. A cidade de Tell Abu Hawam, parece ter sido um importante porto, de onde se pensam ter chegado algumas peças a Bet-Chan. O ponto vermelho representa o planalto de Chechem, in (Edwards, Gaad e Hammond 2008) 3

Figura 2 – Esferas de influência e interface durante o Bronze Final II in (Killebrew, Biblical Peoples and Ethnicity: an Archaeological study of Egyptians, Canaanites, Philisthines, and Early Israel, 1300-1100 B.C.E. 2005, 40) 8

Figura 3 - Mapa do Mediterrâneo Oriental com as rotas comerciais durante o Bronze Final, in (Gilmour 1992, 119) 9

Figura 4 - Mapa da área R de Bet-Chan, com as diferentes áreas em destaque, durante o século XV e início do XIV a.C. A vermelho os Quartos Norte, a rosa o Quarteirão Nordeste, a azul escuro o pátio 1228 e exterior do templo, a verde escuro as duas zonas do Quarteirão Oriental, a verde claro, o Complexo Sul, a amarelo a Rua, a azul claro, a localização do Quarteirão Ocidental e a roxo, o Edifício 1240.55

Índice de esquemas em texto

<i>Esquema 1</i> – Interacção entre os elementos mediadores na formação e análise da realidade social no presente estudo.....	45
<i>Esquema 2</i> - Variáveis associadas ao interface cérebro-artefacto, tendo em conta a sua relação com o contexto de interacção social	47

1. Introdução temática e histórica

O presente trabalho tem dois objectivos primários, o de construir uma metodologia de análise baseada nas ciências cognitivas e no potencial que têm demonstrado para entender o homem enquanto ser biossocial e o de através da análise dos materiais simbólicos do nível IX do sítio de Bet-Chan, na Síria-Palestina, tentar compreender a natureza dos primeiros contactos entre Egipto e Canaã, não numa perspectiva de domínio e controlo, mas numa perspectiva social, dedicada à natureza dos grupos humanos que se poderão de algum modo identificar através da teoria e metodologia aqui concebidas.

Os capítulos seguem uma ordem que espera poder levar o leitor num percurso, que começa na apresentação das problemáticas e introdução ao método de análise, e que se vai desenvolvendo até chegar aos artefactos e ao que evidenciam acerca da essência dos grupos e respectivas relações com o meio envolvente e os outros grupos, numa ansia cultural de sobrevivência. Assim se explica que após o enquadramento geográfico, onde se espera indicar as relações que o sítio teve com o meio, tanto em termos de exploração de recursos, quanto em termos comerciais, apareçam as teorias de base, que se pretende que marquem o tom com que toda a tese vai ser construída.

Os capítulos seguintes expõem a metodologia de ensaio, assim designada, porque não é possível à data construir um modelo metodológico completo e capaz de fazer justiça a todas as variáveis idealmente em consideração, e a apresentação do sítio de Bet-Chan no primeiro momento de contacto com os egípcios.

Neste capítulo contar-se-á com uma síntese das cerâmicas encontradas por zona, ou como lhe chamaremos, contexto de interacção social. Haverá também a preocupação em expor algumas características como a arquitectura e a função das zonas já mencionadas, tendo em conta aquilo que os investigadores que trabalham o sítio supuseram para as mesmas. Neste capítulo, não existem interpretações pessoais nem aplicações metodológicas, pois a intenção é apresentar o sítio exactamente como ele é compreendido actualmente.

É no capítulo “análise social dos materiais em contexto de interacção” que se processará à aplicação dos modelos teóricos expostos no início da tese, desta feita,

aglutinando as conclusões actuais com as novas ideias baseadas no comportamento grupal e intergrupal e criação de vínculos sociais, onde os materiais servem como mediadores, permitindo estudar interfaces e contextos com variáveis externas mais facilmente limitadas.

Antes do capítulo final, faz-se uma pequena síntese acerca das práticas e crenças e de como elas influenciaram a coesão social da Bet-Chan dos séculos XV e XIV a.C. Por fim, as considerações finais, espera-se, servirão para em parte demonstrar de que modo as ciências cognitivas e as teorias sociais e de compreensão dos grupos humanos podem ter uma aplicação prática efectiva e colmatar algumas falhas no entendimento actual da História e Arqueologia Antigas, neste caso específico, da natureza das primeiras relações entre Egipto e Canaã, durante a XVIII dinastia, a partir do faraó Tutmés III.

Definido o tema da tese e a sua organização geral, torna-se agora indispensável apresentar a base histórica e teórica da mesma.

Bet-Chan é um sítio arqueológico na Síria-Palestina, junto ao mar da Galileia, com uma primeira ocupação neolítica, cerca do V milénio a.C.¹, depois disso, tanto no calcolítico, como na Idade do Bronze e Ferro, a sua organização social vai desenvolver-se e apresentar materiais cerâmicos genericamente comuns para a Palestina nos respectivos períodos.

Parece ser precisamente com a “entrada” do Egipto que o paradigma se altera, embora as investigações não tenham conseguido completamente compreender de que forma esta influência se processou e quais as normas segundo as quais se estabeleceu, nos sítios onde se efectuou.

Importa referir que Bet-Chan foi um dos primeiros sítios a apresentar sinais evidentes de uma presença egípcia, o que tendo em conta a sua localização a Norte, longe do Sinai, onde se deram a grande maioria das mesmas desde períodos tão remotos quanto o tempo de Narmer², parece estranho e deve com certeza

¹ Ver (Mullins, Encyclopedia Judaica 2006) e (Mullins, Encyclopedia of the Bible and Its Reception 2011, 1008-1013)

² Ver (Edwards, Gaad e Hammond 2008, 46)

relacionar-se com a implantação destacada que tem na paisagem e a proximidade à Estrada de Hórus, a mais importante via comercial da época³.

Embora os materiais egípcios ganhem consistência sobretudo no Império Novo, a partir da XIX e XX dinastias, já no Império Médio, aparecem em Bet-Chan, em Laquis, Chechem e Alalakh alguns modelos típicos do Vale do Nilo⁴. É curioso notar que nestas mesmas cidades se parecem concentrar as relações que o Egito mantém com Canaã durante o Bronze Final, tendo em conta os a cultura material.

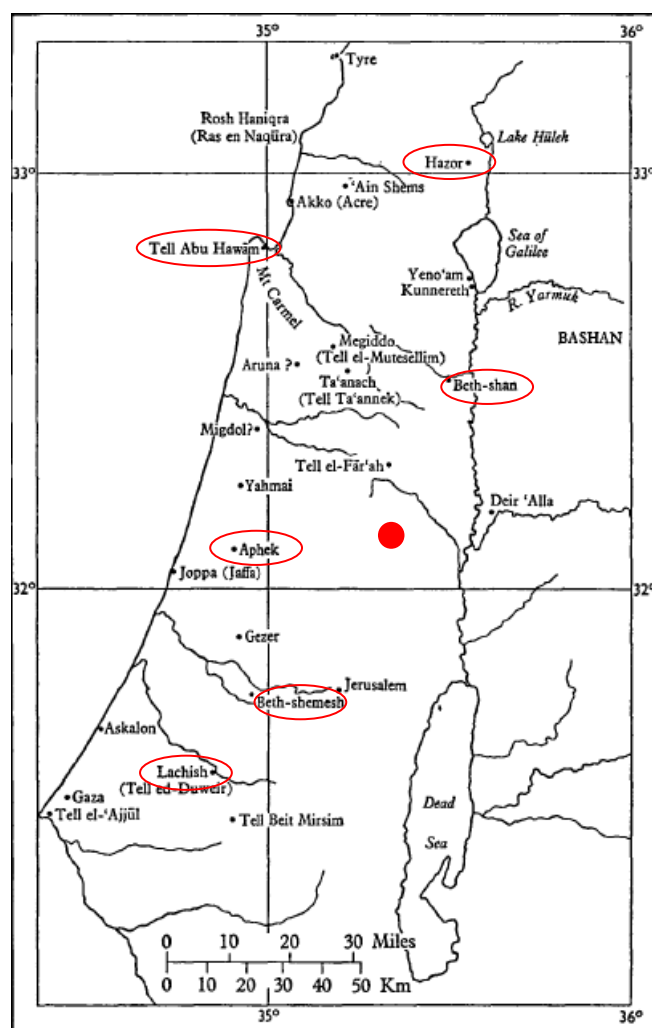


Figura 1 - Mapa com os sítios onde aparecem alguns materiais egípcios desde o Império Novo. A cidade de Tell Abu Hawam, parece ter sido um importante porto, de onde se pensam ter chegado algumas peças a Bet-Chan. O ponto vermelho representa o planalto de Chechem, in (Edwards, Gaad e Hammond 2008)

³ No capítulo acerca do enquadramento geográfico os temas serão devidamente desenvolvidos.

⁴ Ver (Edwards, Gaad e Hammond 2008, 547)

Uma das características principais do povoamento de Canaã é sem dúvida a constante passagem do sedentarismo ao semi-nomadismo e vice-versa. Nestas transformações, a ocupação dos vales, zonas costeiras e montanhas foi sempre sendo precária e pouco persistente:

1. *Bronze Inicial IV* – Clima muito quente e seco com grande diminuição no caudal normal das águas. As populações dos vales e planaltos decresce drasticamente, mas sobrevive, ainda que de forma limitada. Os grandes centros de poder mantêm-se nas montanhas e estepes da Síria, onde a população aumenta bastante sobretudo devido á prática de uma agricultura de grão. O vale de Bet-Chan parece ter sido um dos mais ocupados, devido à sua proximidade a linhas de água abundantes. Alguns textos mesopotâmicos sugerem a migração de gentes da Síria-Palestina para o Norte da Mesopotâmia neste período.

2. *Bronze Médio II* – O clima melhora e a agricultura parece ser novamente um sistema desejável, promovendo o aparecimento das primeiras formas de sedentarismo claras em toda a Palestina. Os vales de Chechem e Haçor são densamente ocupados e os primeiros príncipes locais organizam-se em chefados, segundo os textos de execração. Algumas fortificações são construídas e a cultura material é pela primeira vez desenvolvida localmente com tipologias tipicamente suas.

3. *Bronze Final* – Por volta do século XVII a.C. o clima parece tornar-se novamente mais seco e assim permanece até ao século XIV a.C. Mais uma vez, as formas de sedentarismo têm uma queda gradual e as regiões marginais são desocupadas. A este colapso das economias locais, acresce a influência militar do Egito e do Mitani, que em parte se aproveitam do enfraquecimento político, administrativo, económico e cultural para criar na Palestina uma zona de constantes guerrilhas. Durante o período de Amarna, as terras baixas são novamente ocupadas e a criação de cidades-estado torna-se o modelo geral em toda a Palestina, provavelmente promovido também pela presença egípcia⁵.

⁵ Esta síntese é baseada no livro de Thomas L. Thompson, (Thompson 1994, 163-211)

Bet-Chan é assim um dos poucos sítios que, ainda que com uma população diminuta, na média dos 500 habitantes durante o Bronze Final, permanece ocupado desde o Calcolítico, ultrapassando as grandes crises demográficas e económicas que varreram a terra de Canaã.

É importante notar a existência de povos semi-nómadas e sedentários em relação uns com ou outros e capazes de percorrer todo o Levante, desde a Mesopotâmia até às franjas do Sinai. Isto permitiu a Canaã uma confluência material enorme, onde mais do que se ver a presença de materiais de origens diferentes como parte de um processo de contactos e aculturações directas, típicas de relações comerciais, podemos ver também a propensão que esses mesmo grupos teriam para por tradição, “recolher” e tornar seus os materiais das populações com quem teriam contactos ocasionais, típicos alias dos povos berberes que se sabe existirem desde o período pré-dinástico no Sinai.

Percebe-se que seja qual for o modelo de ocupação ou o tipo de relações que o Egipto teve com os grupos de Canaã, a sua presença ali foi sem dúvida indispensável na transformação do modelo administrativo, com o incremento das cidades-estado e das relações comerciais e políticas entre as mesmas. Quando no século XII a.C. o Egipto sai de Canaã, sai deixando, contudo, uma terra mais organizada, coesa e culturalmente preparada para “combater” qualquer tipo de apropriações territoriais, materiais ou sociais de qualquer género.

Esta preparação é essencial para pensarmos sobretudo nas relações internas que tiveram que se estabelecer entre as gentes locais e os egípcios enviados para ali habitarem, trabalharem, construírem, comerciarem, combaterem ou outra qualquer função. Mais do que gentes enviadas com uma missão, os grupos exógenos ter-se-ão de algum modo integrado nas comunidades locais, pois só assim, uma transformação tão grande pode ter ocorrido sem evidencias de lutas internas ou de qualquer tentativa de modificação dos modelos quando por fim as comunidades ficam de novo á sua própria mercê.

Existem documentos que provam que durante os 300 anos de ocupação egípcia, algumas cidades tentaram de facto combater o Egipto e o domínio económico e comercial que ali estabeleceram. O melhor exemplo é o da Carta de Labayu de Siquém ao Faraó (EA nº254), embora também aqui se possam incluir as Cartas de Biridiya de Meguido ao faraó (EA nº365; EA nº 244), a Carta do Faraó a

Endaruta de Acsaf (EA nº367), a Carta de Amenófis III a Milkilu de Guézer (EA nº369) e a respectiva resposta (EA nº271), as Carta de Abdi-Heba de Jerusalém a Amenófis IV (EA nº286; EA nº287; EA nº289; EA nº290) e as Cartas de Shguwardata de Hebron a Amenófis IV (EA nº366; EA nº280). Nestas cartas, os governantes locais e o faraó, ou seus representantes, demonstram claramente que nem sempre, e nem em todas as cidades cananaicas o modelo egípcio foi implantado facilmente.

Na presença de grupos sedentários e semi-nómadas, é lógica a existência de alguns mais organizados que se foram tentando sublevar e de alguns menos bem implantados no território que, sem um modelo administrativo concreto, teriam aceite mais rapidamente a presença egípcia. Bet-Chan, parece encaixar precisamente neste quadro de sítios mais pequenos e isolados.

Contudo, se no início Bet-Chan se tratava de um povoado não militarizado e centrado numa vida agrícola, repleta de rituais e simbolismos, como indicam os níveis arqueológicos prévios à entrada do Egipto, no século XII/XI a.C., data calculada para a invasão israelita de Canaã, o mesmo não parece ser uma realidade.

“Os descendentes de José disseram a Josué: Por que é que nos deste só uma parte do território, sendo nós um povo numeroso, já que o Senhor nos abençoou? Josué respondeu-lhes: uma vez que vocês são tantos e não cabem na montanha de Efraim, subam para a floresta e vão desbravar terras na região dos perizeus e dos refaítas. Mas os descendentes de José disseram: a montanha não nos basta e, além disso, todos os cananeus que habitam na planície têm carros de ferro, tanto os de Bet-Chan e das suas cidades, como os que vivem no vale de Jezrael” (Js 17,14-16).

Entre o século XV a.C., quando se iniciam os contactos entre Bet-Chan e o Egipto e o século XII/XI a.C. quando o Egipto sai de Canaã e novas invasões, associadas aos israelitas, ocorrem, uma diferença social enorme se processou e entre um grupo pequeno, mais isolado, não militarizado e um grupo forte, com capacidade para combater o inimigo, detentor de carros de guerra e inserido num conjunto de cidades, todas semelhantes a ela, como descreve o livro de Josué, pode adivinhar-se a formação de uma comunidade que beneficia grandemente com a presença egípcia e cuja ausência no território não é desculpa para o abandono dos modelos sociais impostos nos 300 anos anteriores.

Estudar o período entre o século XV e XIV a.C. em Bet-Chan poderá ajudar a compreender melhor que tipo de estímulos externos foram ali introduzidos e de que forma permitiram a génese daquele grupo.

Quais os grupos humanos ali inseridos, compreendendo a classe social a que pertenciam na sua origem e qual a sua associação profissional, religiosa ou outra pode ser entendida através da cultura material presente no nível IX. Por outro lado, a sua interpretação dentro do designado contexto de interacção social, onde a arquitectura, as cerâmicas, os objectos simbólicos e a sua funcionalidade, isoladamente e em contexto, parece corresponder a um modelo de abordagem social em que a cultura material se entende como mediadora das relações do homem com os outros homens e com o meio em redor.

A noção de vínculos e de criação de memórias colectivas, num universo que é sobretudo religioso, abrange as noções de que a prática e a crença existem e são praticadas por grupos, nunca por individualidades, conferindo importância ao estudo dos agregados humanos, enquanto conjunto ideal e material, revelado pelos objectos e seu contexto.

Mantendo em mente que o objectivo último é poder contribuir de algum modo para o entendimento geral do que foram os protótipos das relações iniciais do Egipto com Bet-Chan, não se pode perder o intuito que é acima de tudo o de criar uma metodologia que inclua perceber socialmente os artefactos na sua mediação perfeita e conexão indiscutível com o meio e o homem.

Por este motivo, no título se diz “identificação, materialização e significação”, as três se unem para a compreensão da interface homem-material, formação identitária e construção material, necessidade de sobrevivência e manipulação do ambiente, comunidade e cultura. Sem nunca as perder, a interpretação do conjunto simbólico do nível IX de Bet-Chan será estudado aqui, independentemente das questões acerca dos paradigmas de ocupação/domínio que têm sido o foco principal de outros trabalhos.

2. Enquadramento geográfico⁶

Bet-Chan é mais do que somente um povoado cananeu, onde a partir do século XV a.C. os egípcios decidiram intervir de forma mais efectiva. É verdade que algumas tipologias cerâmicas e muita da cultura material simbólica apresentam sinais de uma miscigenação cultural entre atributos locais e outros egípcios, contudo, ainda antes destes últimos, muitos protótipos egeus faziam já parte do universo material e provavelmente ideológico de Bet-Chan. O mapa em baixo mostra as esferas de intersecção comercial no Levante do Bronze Final, onde se apresentam a terra do Egipto, da Síria-Palestina e das ilhas gregas.

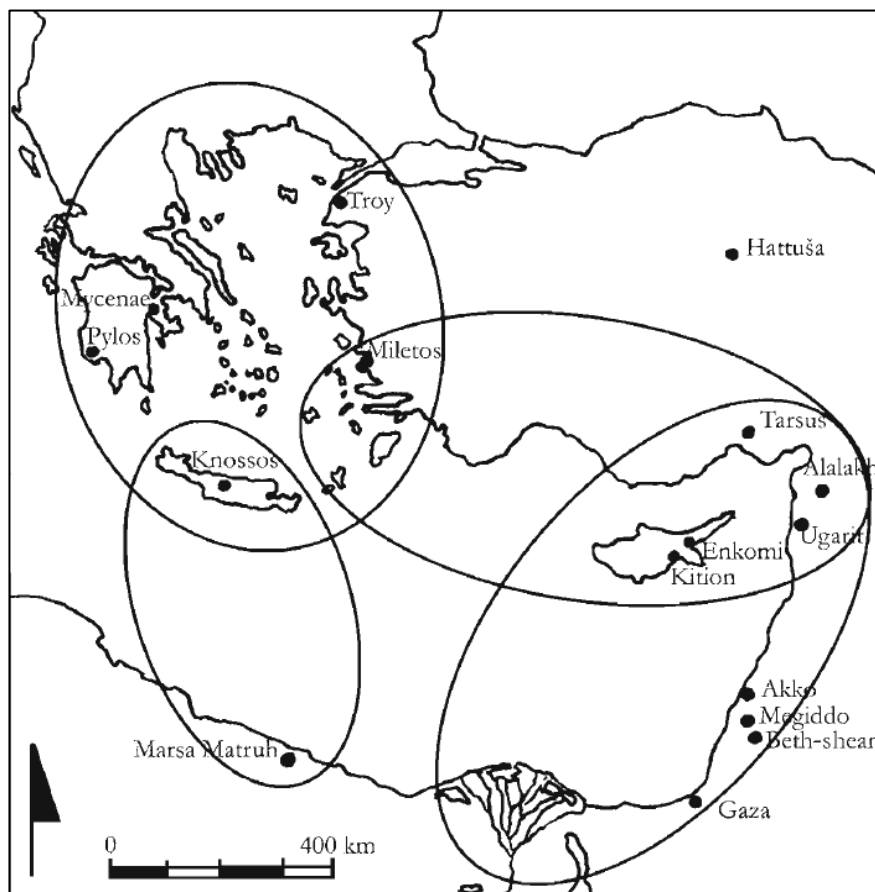


Figura 2 - - Esferas de influência e interface durante o Bronze Final II in (Killebrew, *Biblical Peoples and Ethnicity: an Archaeological study of Egyptians, Canaanites, Philistines, and Early Israel*, 1300-1100 B.C.E. 2005, 40)

⁶ Ver nos anexos, p.150-156, o mapa com a localização de Bet-Chan.

Pegando na cultura material do nível IX de Bet-Chan, podemos identificar quatro grupos, consoante a sua origem ou influência externa. Começamos com o grupo local, cananaico, representado pela maioria das cerâmicas, modelos arquitectónicos e iconografia, o grupo egípcio, pouco quantitativo em termos gerais comparativos, mas claro nos materiais simbólicos e em alguns raros exemplos cerâmicos. Acrescentamos os materiais mitânicos, na forma de cilindros-selo e os materiais egeus, presentes essencialmente nas tipologias cerâmicas, na arquitectura do templo e também em alguma iconografia.

Ao olharmos o mapa acima, conseguimos identificar rapidamente as três zonas de influência maior para as comunidades de Bet-Chan, centradas fundamentalmente nas regiões do Levante. É importante considerar a Economia mediterrânica do II milénio a.C. e tudo aquilo que a descreve como responsável suprema pela dispersão material e ideológica que imperou por todo o Mediterrâneo, diferentemente e em diferentes períodos, mas sem exclusões.

Nesta economia mediterrânica, o papel das comunidades minoica e depois micénica é enorme, devido às frotas mercantes de que eram portadoras. O mapa em baixo mostra as rotas de comércio mais comuns e os pontos onde materiais seriam comerciados e gentes seriam influenciadas.

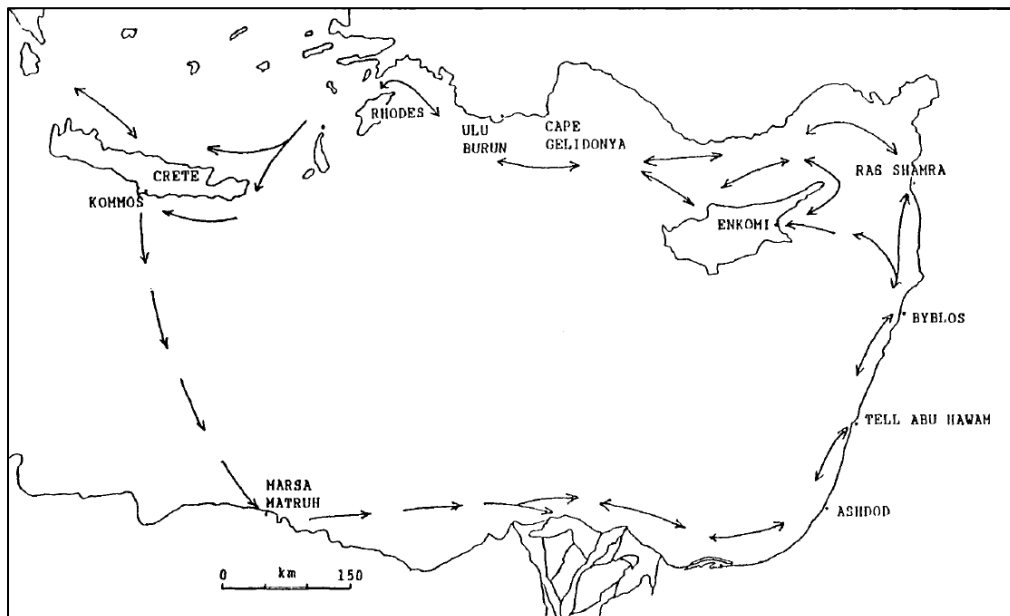


Figura 3 - Mapa do Mediterrâneo Oriental com as rotas comerciais durante o Bronze Final, in (Gilmour 1992, 119)

O porto de Tell Abu Hawam é o ponto mais provável de chegada para os materiais egeus encontrados desde o Bronze Médio em Bet-Chan, contudo para os materiais egípcios, embora possamos apostar que alguns poderiam ter também entrado por aqui, parece mais certo julgar que tenham entrado não por via marítima, mas antes por via terrestre, através da estrada de Hórus, directamente relacionada com as tropas ou as caravanas egípcias, sem qualquer intercedência micénica. Para os materiais mitânicos, embora a cidade de Alepo esteja perto das vias marítimas expostas, pode também supor-se uma chegada a Bet-Chan através de caminhos terrestres, quem sabe se não devido a campanhas militares ou estratégias administrativas que vão ter lugar no reinado de Tutmés III, como demostram os anais e os itinerários do mesmo faraó.

Deste modo, vamos considerar ao longo do presente trabalho, o influxo contínuo e tradicional que a terra de Canaã teve por parte dos grupos egeus, que foram capazes de introduzir por todo o Mediterrâneo modelos materiais e ideológicos, que se foram homogeneizando e regionalizando, mas mantendo um fundo comum capaz de aproximar culturalmente todo o Mediterrâneo Oriental. Mesmo que os artefactos egípcios tenham chegado á Síria-Palestina por directa influência egípcia, a aceitação fácil dos mesmos pode estar relacionada precisamente com as rotas comerciais egeias do II milénio a.C. e o conhecimento, ainda que precário de alguns modelos.

Quanto ao Mitani, tendo em consideração que se está provavelmente perante um reino Hurrita, cuja cultura é típica da Mesopotâmia do Norte, faz sentido pensarmos neles como tradicionalmente inseridos no mesmo esquema de economia mediterrânica. As querelas com o Egipto e a tentativa de conquistar mais território no reino da Síria, levaram a incursões constantes naquela terra, de que Bet-Chan faz indubitavelmente parte. Pensa-se por isso que será no âmbito político, administrativo e económico que a presença de grupos humanos e materiais terá ali penetrado, a par com muitos modelos egípcios cuja função é tanto simbólica, quanto ostensiva e por isso, política em parte.

Posta de parte esta questão mais geral acerca da localização de Bet-Chan no universo do Levante, podemos agora perceber o sítio, pela sua localização específica, ponto obrigatório para se pensar a sua escolha enquanto guarnição militar durante as dinastias XIX e XX egípcias e o seu papel preponderante como entreposto político

e administrativo durante a XVIII dinastia, que é a proposta a ser apresentada neste trabalho.

Bet-Chan é identificada com a actual Tell el-Hosn, um monte elevado com controlo visual sobre o vale de Bet-Chan. Conta ainda com abundante água, terra fértil e uma posição estratégica e proximidade às principais vias comerciais⁷, à qual se junta um clima moderado⁸.

*"The mound is surrounded on all sides by deep ravines and commands the main road descending from the Jezreel and Harod Valleys to the Beth-Shean Valley that connects the northern Coastal Plain with Transjordan. This latitudinal road intersects with the important longitudinal road that traverses the Jordan Valley and continues northward towards the Sea of Galilee, and from there either to Damascus or the Lebanese Bec'a."*⁹

Não se pode isolar Bet-Chan dos outros sítios do vale em que se localiza e entre todos, independentemente do tamanho ou área ocupada, *"subsistence (...) was most probably based on irrigation agriculture, facilitated by the abundance of springs located at high elevations compared to the fields"*¹⁰.

Embora tenha uma área de ocupação de cerca de 4 hectares, *"during most of the second millennium BCE the settled area was limited to the summit of the mound, which is no larger than 1.5-2 hectares, accommodating a community of c. 500 persons"*¹¹.

Estamos assim, perante um sítio onde a cultura material encontrada é, embora muito local e comum, sem dúvida afectada pela constante passagem de grupos exógenos ao local. A sua localização tão próxima das principais vias comerciais e o seu destaque visual tornam-na num sítio de passagem por tradição, pelo que é impossível encarar qualquer época ou conjunto material sem se reflectir na prática de integração gradual, pelos grupos locais, de espólios e ideologias estrangeiros, para mais, quando se estava num período transitório onde o semi-nomadismo ainda era inato.

⁷ Ver (Mazar, The Egyptian Garrison Town at Beth-Shean 2011, 156)

⁸ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian 2002, 17)

⁹ Ver (Mazar, Tel Beth-Shean: History and Archaeology 2010, 241)

¹⁰ Ver (Mazar, Tel Beth-Shean: History and Archaeology 2010, 242)

¹¹ *Idem.*

3. Teorias de base

Quando falamos em Cultura Material, falamos genericamente do suporte físico para o estudo e compreensão das realidades sociais das comunidades em análise, embora existam inúmeras explicações, como veremos mais à frente.

De um ponto de vista puramente processualista, ela é capaz de nos indicar diferenças sociais, hierarquias, consumos, relações comerciais e outras tantas constantes, que, sendo indispensáveis na compreensão de todas as sociedades humanas, não são representativas das mesmas como um todo.

A atenção ao detalhe e a importância que tem de ser dada aos conceitos que se aplicam em qualquer estudo científico, social/humano ou natural, exige que aqui, as análises das constantes anteriores não bastem quando se fala em Sociedade, Homem, Comunidade ou Cultura Material. Na verdade, qualquer estudo que se relacione com o ser humano e o resultado dos seus pensamentos e comportamentos, tem de contar sempre com a utilização de termos sociais e humanos e com a capacidade de examinar, ainda que de diferentes modos e intensidades¹², o Homem enquanto Ser e não somente enquanto Objecto de estudo “desumanizado”¹³.

Logo, quando se vê a cultura material como um conjunto de objectos com somente valor funcional ignora-se o Ser, enquanto princípio e fim da mesma equação. Em vez de se colocar o foco no Ser, coloca-se o foco no Objecto e o estudo do material físico passa a ser o fim, o meio e o princípio, ou seja, a meta, o caminho e a partida de qualquer estudo.

¹² Aqui, quando se refere “diferentes modos e intensidades” refere-se à adaptação consciente que tem de ser feita consoante o tipo de Cultura Material que se tem em mãos. No fundo, qualquer metodologia ou método tem de estar de acordo com a natureza da amostra e com os objectivos propostos. Rigor, objectividade e ausência de adjectivação e sentimentalismo têm de estar presentes na escolha e na aplicação das metodologias, mas não no “olhar” e na conceptualização do investigador para com o Objecto.

¹³ O mesmo se passa com o tratamento da cultura material. O objecto ou artefacto tem sido visto como um ponto passivo, importando somente na compreensão dos homens e daquilo que superficialmente se pode compreender sobre as relações de ambos. Actualmente, contudo novos estudos sobre a agência das “coisas” têm demonstrado que através da criação de uma biografia para estes objectos, se pode compreender a forma activa como procederam na vida social, passada, presente e futura. São no fundo, modeladores perfeitos para os homens e a sua existência no mundo.

Porquê utilizar as ciências cognitivas para compreender as sociedades? Que poderá a cognição ter que ver com a cultura material e em que medida esta se relaciona com a mente humana?

Como já foi referido, o Ser, ou seja, o indivíduo ou conjunto de indivíduos, enquanto criador e utilizador do Objecto não pode ser retirado da análise, pelo que, enquanto ser social, tem de ser tido em conta, ou seja, enquanto sujeito que vive em comunidade e que partilha conhecimentos e acções com outros seres.

Quer isto dizer que, pressupondo o homem enquanto agente social, os estudos das suas características cognitivas sociais terão sem dúvida um enorme papel a desempenhar na construção da comunidade como um todo, aqui se incluindo a cultura material e imaterial.

“Culture (can be defined as) webs of significance that humans spin for themselves”¹⁴.

Se assim for¹⁵, toda a cultura, desde a religião, até à decoração de um caco, podem ser examinadas com a mesma importância se não se distanciarem do Homem enquanto ser criador e utilizador¹⁶.

Qualquer homem é sempre o resultado do envolvente em que vive e neste sentido, o entendimento do homem cultural, biológica e socialmente, é a chave para entender toda e qualquer construção, mental e corpórea, simbólica e funcional que se encontre em estudo, aqui atentando no facto de estarmos a direccionar os primeiros estudos para a cultura material em causa, numa tentativa de compreender o colectivo escolhido.

É isso que se pretende: analisar variáveis que permitam olhar o Homem socialmente através das suas características cognitivas e assim olhar qualquer construção humana como sendo o seu resultado.

¹⁴ Ver (Geertz 1999, 471)

¹⁵ Tendo em consideração que a definição de cultura se modifica, sempre que o objecto de estudo ou o objectivo do trabalho também se modificam, a noção aqui exposta, é apenas um modelo que à data pareceu adequado, não só pela sua abrangência significativa, mas também pela maneira como se adapta a novos “ambientes” teóricos e permite novos qualificadores, como se verá no capítulo seguinte sobre a cultura material.

¹⁶ A noção do Homem enquanto criador pode fugir um pouco à noção do social, contudo, estamos aqui a considerar que os homens e os objectos têm um papel activo na construção do mesmo. Compreendemos o modo como determinados objectos, podem explicar as diferentes relações dos homens uns com os outros e com o universo concreto em que se inserem e assim, expomos de forma mais consistente uma das possíveis realidades existentes. É fechando as variáveis naturais e antrópicas a considerar que podemos talvez chegar a uma conclusão, mesmo que incompleta, do ambiente em que viviam os homens que formam o social em estudo.

3.1. Ciências cognitivas

Estas ciências estudam a mente, o cérebro e o comportamento humano, utilizando diversas disciplinas para tal, desde a Biologia, à Psicologia, Filosofia, Neurociências e Antropologia.

Durante os anos 60 *“Mind was viewed as a storehouse of passive internal representational structures and computational procedures, as a “filing cabinet” capable of receiving and manipulating external sensory information”*¹⁷.

Porém, tem surgido ao longo dos anos a certeza de que se a mente humana existisse e funcionasse de forma semelhante à mente fabricada, então a Inteligência Artificial teria conseguido até à data corresponder as duas mentes perfeitamente. Provou-se que a resolução de problemas analíticos e abstractos não chegam para criar o Homem, e assim novas teorias entram em acção para explicar a mente. Contudo, antes de as expor, é importante explicar a sua origem.

*“Its genesis as a collaborative endeavor of psychology, computer science, neuroscience, linguistics, and related fields lies in the 1950s”*¹⁸.

Diz Miller que, somente quando a psicologia se tornou uma “ciência do comportamento” é que se tornou capaz de ser objectiva, permitindo assim aos estudiosos uma série de ensaios experimentais que avançaram com análises sobre a memória, a linguagem e a inteligência¹⁹. Estas análises sentiram depois a falta de bases metodológicas e em meados dos anos 50 o estudo do comportamento decaiu drasticamente.

*“By 1960 it was clear that something interdisciplinary was happening. At Harvard we called it cognitive studies, at Carnegie-Mellon they called it information-processing psychology, and at La Jolla they called it cognitive science”*²⁰.

Entretanto as neurociências começaram a tentar compreender quais as fronteiras entre cérebro e mente, aproximando-se assim dos estudos cognitivos nos anos 70.

“Thus, cybernetics used concepts developed by computer science to model brain functions elucidated in neuroscience. Similarly, computer science and linguistics were

¹⁷ Ver (Malafouris 2004, 54)

¹⁸ Ver (E. E. Smith 2001, 2154)

¹⁹ Ver (Miller 2003, 141)

²⁰ Ver (Miller 2003, 143)

already linked through computational linguistics. Linguistics and psychology are linked by psycholinguistics, anthropology and neuroscience were linked by studies of the evolution of the brain, and so on"²¹.

No fim, Miller observa o seguinte: *"The original dream of a unified science that would discover the representational and computational capacities of the human mind and their structural and functional realization in the human brain still has an appeal that I cannot resist"*.²²

A Arqueologia, no entanto, relaciona-se indiscutivelmente com a análise da cultura material e é neste ponto que ela se relaciona com as outras ciências cognitivas. É essencial compreender que sendo o Homem o objecto de estudo de ambas as disciplinas, e estando o comportamento relacionado com o pensamento e este, relacionado com as estruturas mentais que têm que ver com a consciência, então o estudo da cultura material tem obrigatoriamente que se conectar com a compreensão da mente.

Existem dois tipos de comportamentos, um deles observável e, portanto, passível de ser estudado e interpretado e outro, invisível e cujas estruturas se mantêm um mistério para os estudiosos. O primeiro designa-se *"comportamento manifesto"* e pode definir-se como o *"conjunto das actividades motoras e glandulares por meio das quais o indivíduo responde às solicitações do seu meio físico e social"*²³. O segundo designa-se por *"comportamento latente"* e pode definir-se como *"o conjunto de actividades mentais (...), operações de tratamento de informação através das quais, partindo da informação sensorial, o indivíduo elabora representações e efectua transformações sobre elas, utilizando-as por fim na organização dos seus comportamentos manifestos"*²⁴.

O tratamento do comportamento manifesto, permitiu à psicologia analisar determinadas variáveis, como a tomada de decisões. Contudo, o comportamento latente, tão importante para compreender as estruturas da mente humana, continua inacessível aos cientistas de diversas áreas. É, portanto, relevante esclarecer que o estudo da consciência é, embora incompleto, o maior avanço que se pode fazer na tentativa de estudar o comportamento humano.

²¹ Ver (Miller 2003, 143)

²² Ver (Miller 2003, 144)

²³ Ver (Costermans 2001, 13, 22)

²⁴ *Idem*. p.13-14

Consideremos em primeiro lugar que o Homem terá sempre de ser tratado enquanto ser social e assim, na constituição de qualquer comunidade, os processos de formação culturais serão principalmente colectivos. Independentemente de não conseguirmos aceder aos comportamentos latentes, os estudos cognitivos permitir-nos-ão aceder a uma certa linha de raciocínio lógica e, portanto, consciente, da criação de qualquer tipo de cultura, material e imaterial que se possa individualizar e criteriosamente examinar.

“As actividades cognitivas asseguram a gestão do comportamento manifesto, não são acessíveis, contudo nem à observação externa nem, de um modo geral, à introspecção, mas podem ser exploradas por indução a partir do comportamento manifesto”²⁵.

Entende-se, pois, que o estudo do comportamento manifesto ou observável é insubstituível no discernimento dos processos conscientes ou lógico/racionais que estão na base da tomada de decisões quer individuais quer colectivas. Do conjunto de acções inconscientes que tornam possível o comportamento manifesto, o pensamento desempenha um importante papel, enquanto meio mental de construção de significados concretos e abstractos do mundo físico. Este pensamento não é até à data compreendido na íntegra, uma vez que uma série de processos latentes também o alicerçam.

Do mesmo modo, a consciência humana é algo que não foi ainda completamente definido e tal como a mente, a busca pelas suas bases estruturais continua a ser algo que escapa aos estudos mais recentes. Tal como na psicologia, a experimentação tem um papel muito activo na definição das suas funções, que se podem sumariar da seguinte maneira²⁶:

1. *Definição e estabelecimento do contexto* – cada estímulo externo está relacionado com o contexto em que ocorre. A consciência trabalha no sentido de relacionar o contexto com os estímulos e os estímulos com o contexto;

2. *Adaptação e aprendizagem* – As experiências conscientes tornam-se úteis na adaptação do homem a novos eventos;

²⁵ (Costermans 2001, 17)

²⁶ Ver (Baars 1988, 256-262)

3. *Edição, sinalização e correcção* – As estruturas inconscientes da mente monitorizam o conteúdo consciente de algo que se relacione com situações externas de dúvida ou impasse, editando-as e tentando alterá-las;

4. *Recrutamento e controlo* – Os objectivos conscientes conseguem recrutar subobjectivos e sistemas motores para organizar e levar a cabo acções físicas e mentais;

5. *Priorização, acesso e controlo* – Os mecanismos de chamada de atenção exercem controlo consciente e inconsciente sobre o que se vai tornar a curto ou a longo prazo consciente. Para tal, relacionam contextos particulares e objectivos mais profundos, conseguindo assim aumentar a prioridade de acesso e tornando-os mais vezes conscientes;

6. *Tomada de decisões e execução* – Quando os sistemas automáticos não conseguem mecanicamente escolher entre duas opções viáveis, tornar a escolha consciente ajuda a recrutar fontes inconscientes necessárias para tomar a melhor opção. Em caso de indecisão, podemos tornar um objectivo consciente para permitir votar a favor ou contra qualquer opção;

7. *Função de formação de analogias* – Os sistemas inconscientes podem procurar uma semelhança parcial entre o seu conteúdo e o estímulo externo presente. Novas informações sem modelos próximos ganham assim uma comparação viável ajudando na adaptação a novos contextos;

8. *Função metacognitiva* – Através da imagética consciente e do discurso interno, a reflexão sobre novas funções conscientes e inconscientes permite o conhecimento próprio;

9. *Auto-programação e auto-manutenção* – As camadas mais profundas da consciência podem ser consideradas um sistema autónomo que funciona para manter a estabilidade entre as condições internas e externas. Experiências conscientes providenciam as informações para esta auto-regulação interna. Através da observação sistemática dos objectivos pretendidos, recruta processadores capazes de produzir soluções e reprogramações do sistema.

Vemos repetidamente que a consciência, estruturada na mente humana torna o homem num ser racional, isto é, capaz de decidir e de se adaptar ao meio em que se insere. Contudo, se parece óbvio que a nossa consciência se estrutura

fisicamente na mente, esse corpo não tem visibilidade empírica nenhuma até ao momento.

“Meaningful concepts and abstract reason may happen to be embodied in human beings, or in machines, or in other organisms – but they exist abstractly, independent of any particular embodiment”²⁷.

Esta visão formou-se na filosofia antiga e tinha por base a criação de categorias, que independentemente de se conseguirem experimentar e ver, tendo um grupo de observação com semelhanças, era automaticamente considerado como um grupo individual e assim, categorizado.

Lakoff chamou a este tipo de modelos *“objectivismo”*, uma vez que:

“Modern attempts to make it work assume that rational thought consists of the manipulating of abstract symbols and that these symbols get their meaning via a correspondence with the world, objectively constructed, that is, independent of the understanding of any organism”²⁸.

Neste sentido, todo o pensamento racional envolve a manipulação de símbolos abstractos aos quais é atribuído significado através da correspondência que o homem tem a capacidade mental de fazer entre estes e os objectos do mundo real.

Embora a categorização tenha um papel fundamental na vivência social humana, os estudos mais recentes das ciências cognitivas têm demonstrado que *“Conceptual categories, are, on the whole, very different from what the objectivist view requires of them”²⁹.*

No fundo, a consciência enquanto algo que nos permite experienciar o mundo e viver equilibradamente é algo que pode ser categorizado, tal como demonstram as nove classes anteriormente referidas acerca das grandes funções da consciência. A sua importância para este trabalho em específico prende-se precisamente com o facto de ter funções bem modeladas e empiricamente comprovadas, que permitem genericamente que o estudo da cultura material e dos homens que a fabricaram e utilizaram seja a elas associado.

²⁷ (Lakoff 1987, 11)

²⁸ (Lakoff 1987, 12)

²⁹ (Lakoff 1987, 14)

Mais do que a consciência e os processos que dela fazem parte, a mente é também o resultado de estruturas inconscientes às quais não temos acesso directo.

Falámos já do conceito de “*embodied*”, que pode significar que algo abstracto, ou que existe sem um corpo definido, ganha substância física com a categorização e a sua “gravação” mental, mesmo que somente enquanto conceito.

Malafouris³⁰ falou ainda de outras noções que podem ajudar a definir a Cognição. São elas:

1. *Embodied* – Incorporada – a estrutura física da cognição, o seu corpo, situa-se na mente.
2. *Situated* – Situada – é possível observá-la nas acções humanas.
3. *Extended* – Alargada – está presente além da pele humana, ou seja, fora da mente e do corpo.
4. *Enacted* – Encenada – é semelhante a um corpo autónomo e que trabalha independentemente das características biológicas do homem.
5. *Distributed* – Distribuída – encontra-se além do indivíduo e dos seus atributos, relacionando-se também com a cultura uma vez que existe nos grupos.
6. *Mediated* – Mediadora – embebida de um espírito social, inerente à condição humana.

As ciências cognitivas têm ajudado na significação dos processos mentais que estão na base das operações humanas no mundo. A dicotomia existente entre os conceitos de mente/corpo, interno/externo ou pensamento/comportamento, podem hoje em dia ser postas de parte e o estudo da materialidade ou mesmo da cultura material isoladamente ajudaram a quebrar esta barreira ontológica que tem separado as ciências sociais e humanas umas das outras e das ciências naturais.

O ser humano é ao mesmo tempo biológico e social e o ciclo constante de permutas entre ambas as facetas não deve ser quebrado pela incapacidade de lhes outorgar a relevância merecida. Quer individual quer colectivamente, o homem é o resultado das suas características enquanto espécie animal, mas também enquanto ser social.

³⁰ Ver (Malafouris 2004)

Normalmente interpretam-se as ciências cognitivas como disciplinas que tentam compreender a mente humana, dando nome e significado às estruturas sem corpo tátil que lhes permitem existir, contudo, e sendo complicado classificar estas mesmas estruturas, a categorização das funções que lhes estão relacionadas é um grande passo na compreensão de duas coisas, da evolução humana (enquanto espécie) e da evolução da cultura. Podemos dizer que o estudo cognitivo trabalha para compreender a hominização e a humanização.

Na Arqueologia, embora algumas disciplinas da pré-história possam relacionar-se com os processos de hominização, cuidando do aparecimento de certas estruturas culturais, desde os primeiros instrumentos líticos e cerâmicos até aos enterramentos e ritualizações mais complexas, a verdade é que não têm ocorrido de forma sistemática, os trabalhos de exposição dos processos de humanização. É, contudo, a esses que tem sido dada cada vez mais importância na qualificação dos já mencionados processos mentais conscientes que levam à criação de objectos, templos, religiões e outras representações culturais do ser social, colectivo e comunitário que é o ser humano na sua busca incessante para se adaptar ao ambiente.

A materialidade é uma disciplina que não se relaciona totalmente com o estudo da cultura material em específico, uma vez que a materialidade se prende com a capacidade humana de criar objectos e a forma como esta vai influenciar e ser influenciada pela mente. Já a cultura material vai prender-se com a compreensão dos processos conscientes que levaram à formação de determinado conjunto material. A primeira alia-se aos estudos que pensam acerca da hominização, ou seja, da compreensão da relação entre matéria e mente, e a segunda alia-se aos estudos que pensam acerca da humanização, ou seja, partindo da premissa de que o Homem já está plenamente formado enquanto Ser, que tipo de processos mentais, neste caso, conscientes e inconscientes, se relacionam com os contextos físicos em que aparecem os artefactos.

3.2. Cultura Material

A palavra Cultura é definida de diferentes modos, variando conforme a disciplina que a trabalha, o objecto de estudo e o objectivo do trabalho em questão. Todas estas variáveis a tornam um assunto complicado de laborar e transformam toda e qualquer busca de uma definição abrangente e capaz de abordar as diferentes componentes da mesma numa quase impossibilidade.

Ian Hodder no seu livro *Symbols in action: Ethnoarchaeological studies of material culture*³¹ fez uma síntese, em que expõe algumas ideias sobre o significado do próprio conceito e da maneira como tem sido tratado e entendido ao longo dos tempos por arqueólogos.

Do texto fica a ideia de que a cultura material foi inicialmente exposta para compreender a própria noção de cultura.

Com a evolução da Arqueologia e da Antropologia, a cultura passa a ser vista como uma grande esfera, dentro da qual se podiam encontrar pequenas esferas, sendo a cultura material somente uma delas. Percebendo a limitação que os objectos e artefactos nos deixam na compreensão dos grupos humanos, os investigadores perceberam que era também limitada a noção de cultura, pelo menos dentro do universo da Arqueologia e da História antiga.

*“What does the term “culture” do in front of a concept like materiality?”*³²

Segundo Gavin Lucas, hoje em dia, em vez de olharmos o termo material ou materialidade como um qualificador do termo cultura, fazemos o contrário e utilizamo-lo e compreendemo-lo em função do material e do que as análises feitas ao mesmo nos podem revelar sobre aquilo que genericamente consideramos como uma “cultura”³³.

Ainda no século XIX a cultura foi vista como um estado mental, típico da civilização humana. A partir desta condição, qualquer tipo de comportamento, foi entendido enquanto expressão cultural, revelada aos arqueólogos através da cultura material encontrada³⁴.

³¹ Ver (Hodder 2009)

³² Ver (Lucas 2012, 125-126)

³³ *Idem.* p.127

³⁴ *Idem.* p.142-144

Fizeram a união entre interiorização e exteriorização, ou seja, entre mente e comportamento e, portanto, entre pensamento, necessidade e adaptação, e comportamento, produção e utilização. Contudo, estiveram sempre ligados ao material como um fim em si mesmo, algo que quando captado na totalidade podia revelar o que se encontrava por detrás das vontades humanas. Estas vontades, contudo, estiveram sempre na linha do marxismo, ou seja, na linha da necessidade, do contacto, da produção, da industrialização, domesticação e outros conceitos semelhantes que marcaram a visão processualista como evolutiva. Da barbárie, pouco desenvolvida em comportamentos e expressões materiais, à civilização, complexa e amplamente representada por símbolos e materiais diversos.

Estiveram assim, sempre arrolados com a sua funcionalidade, embora enquanto expressões mentais de algo, que nunca procuraram compreender realmente.

Foi Hodder quem tentou quebrar com a ambivalência da própria expressão cultura material, apontando o seguinte: *“the material nature of artifacts acted as an anchor to constrain the otherwise-arbitrary nature of signification, in terms of their inherent natural properties which made them, in Pierceian terminology, closer to icons or indices rather than purely arbitrary symbols”*³⁵.

No fundo, a materialidade de cada objecto e artefacto é o que o torna possível de entender em termos de registo arqueológico, apontando uma funcionalidade que não é arbitrária, mesmo que o seu significado enquanto referencial ou símbolo o sejam. Sem conseguir aproximar ontologicamente os termos que constituem a noção de material e materialidade, conseguiu ao invés dar um corpo às metodologias que os estudam, permitindo-nos atentar na natureza do objecto enquanto objecto e apreendê-lo socialmente enquanto símbolo de algo que escapa ao registo físico.

Dentro dos novos modelos de estudo, a fenomenologia ajudou a desenvolver uma visão mais social dos materiais. *“The concept of materiality cannot be defined independent of human engagement with things, and thus its meaning will change according to the nature of this engagement”*³⁶.

Quer isto dizer que todo o tipo de material, seja qual for a sua natureza funcional, tem de ser estudado na qualidade de mediador social, nas relações entre

³⁵ Ver (Lucas 2012, 155)

³⁶ *Idem.* 159

os homens e entre estes e o mundo em redor. Serão uma espécie de responsáveis pela capacidade humana de interagir com a natureza e de formar noções de colectivo.

Como veremos mais à frente, o estudo do colectivo e da visão do homem enquanto Ser Social é fundamental para conseguir perceber, mesmo que de forma lacunar, o universo humano, ou seja, o conjunto dos homens, objectos, construções, apropriações e outros, que formam a relação do homem com o meio em que se insere.

Renfrew produziu o conceito de “cultura material simbólica”, tido nos nossos dias como chave nos discursos de grande número de investigadores. Contudo, foi criado com um propósito tão específico que para poder fazer sentido no trabalho que estamos a realizar, precisa de ser adornado de novos contornos e interpretado a novas luzes, sem isto significar que a noção esteja errada.

Assim sendo, consideremos inicialmente o significado particular do conceito *External Symbolic Storage*, “employing symbolic material culture, characteristics of early agrarian societies with permanent settlements, monuments and valuables”³⁷.

Renfrew colocou esta nova fase na teoria de Merlin Donald acerca da evolução cognitiva da mente humana³⁸. Para Donald, as fases cognitivas mapeadas pelos investigadores são: (1) *Episodic Culture*, (2) *Mimetic Culture* e (3) *Theoretic Culture*³⁹.

Após a cultura mimética, vem então, parafraseando Renfrew a *External Symbolic Storage*, implicando a existência de uma cultura material simbólica para conseguirmos, enquanto espécie chegar à cultura teórica, definida como “using sophisticated information retrieval systems for external symbolic storage, usually in the form of writing, frequently in urban societies”⁴⁰.

³⁷ Ver (Renfrew, *Mind and Matter: cognitive Archaeology and External Symbolic Storage* 1998, 4)

³⁸ Ver (Donald 1991)

³⁹ “*Episodic Culture*”: é partilhada por todos os primatas e baseia-se em episódios pessoais que impelem reações. “*Mimetic Culture*”: baseia-se na imitação de gestos e mímicas que impliquem um comportamento normativa por parte de um grupo. São o início da ritualização, enquanto sistema comunitário. “*Theoretic Culture*”: diz respeito à utilização de símbolos e artefactos como armazéns de memórias. Tem o seu apogeu com a invenção e utilização da escrita. in (Geertz 1999, 311-312)

⁴⁰ Ver (Renfrew, *Mind and Matter: cognitive Archaeology and External Symbolic Storage* 1998, 4).

Ao atentarmos nos termos “sociedades agrárias” e “sociedades urbanas” podemos colocar como primeira grande característica a necessidade que Renfrew teve de definir à partida o tipo de sociedade em estudo, limitando em certa medida a utilização dos conceitos que expõe noutras sociedades, de outros tipos.

Em seguida temos a própria natureza dos termos, impondo o trato de qualquer comunidade ou sociedade num termo comparativo, isto é, implicitamente mais ou menos desenvolvidas, impedindo qualquer investigador de compreender sem pré-conceitos o grupo que definiu para análise.

Continuamos na mesma linha, ao encararmos que a concepção da teoria de Donald surge para o estudo da espécie humana e não para o estudo da sociedade humana. Assim, Renfrew coloca a cultura material simbólica como uma etapa de desenvolvimento e não como uma característica ou fenómeno, que pode estar presente ou ausente, dependendo do ambiente sociocultural em que o grupo se insere⁴¹.

Urge ainda explicar que mesmo quando Donald examina o cérebro humano e o vê plástico, ou seja, estrutural e funcionalmente adaptativo, não refere a natureza dessa plasticidade, indispensável para abranger a natureza Biossocial do cérebro humano, atributo fundamental na diferenciação entre homens e restantes primatas e ligada à utilização da cultura.

Pode não parecer importante esta alusão à natureza do cérebro humano, mas a verdade é que é ela que *“indicate that the human brain has the capacity to develop culture-specific neurocognitive process that help an individual to function in a specific sociocultural environment”*⁴².

Numa teoria social da Arqueologia, é fundamental definir o grupo social que se estuda, não pela sua natureza evolutiva⁴³, mas enquanto grupo, resultado das pressões externas presentes e passadas que o qualificam. É aqui que a o facto de o cérebro humano ser biossocial importa realmente, na percepção de que qualquer resultado cultural, material e ideológico pertence a um grupo independente, porque, *“the brain and its neuronal activity must then be considered to be a hybrid of both biological and social influences. In other words, our brains are biosocial. The brain is*

⁴¹ Esta visão implica que à partida se considerem as sociedades como evolutivas, o que não é necessariamente verdadeiro, como se explicará mais á frente.

⁴² Ver (Han, et al. 2013, 352)

⁴³ Ou seja, caçadora-recolectora, semi-nómada, agrária, sedentária, etc...

then a relational organ that bridges the gap between the biological world of the organism and the social world of the environment and its culture"⁴⁴.

A utilização do conceito de cultura material simbólica obriga assim a um desprendimento da mesma à sua origem enquanto etapa ou transição cognitiva. Não pode mais ser vista como definidora de uma fase evolutiva da espécie humana, porque é hoje possível confirmar a sua presença em grupos do paleolítico, uma vez que *"names, symbols, and languages always come from the outside, from the individual's absorption into a symbolic culture of some kind, even if it is a very small culture of two peoples"*⁴⁵. Sempre esteve presente nas sociedades humanas que de alguma forma comunicavam, quer por palavras faladas, representações gestuais ou outras.

Explica-se então que dependendo da maneira como entendemos a noção de cultura material simbólica, fazemos depender aquilo que expomos acerca do nosso objecto de estudo, faltando rigor ao discurso académico em certa medida.

Creemos, pois, importante falar sobre os *"non-random association groups"*. Estudados a partir de padrões de distribuição, em que se veem continuidades e descontinuidades nos sítios arqueológicos, atestando que certos tipos de materiais seriam disseminados de forma não aleatória dependendo de contactos e relações entre grupos. Contactos que quase certamente seriam mais profundos que os materiais por si só, necessitando de uma maior investigação para os observarmos. No fundo, Hodder diz que é possível relacionar o comportamento com a variabilidade cultural e que uma das maneiras de o interpretar é quando *"spatial patterning of material culture is seen as reflecting degrees of interaction"*⁴⁶.

Se a cultura material é sempre o resultado das relações que o homem tem com o meio em redor, numa tentativa de adaptação ao mesmo, então, estamos perante um fenómeno singular em qualquer tipo de grupo que escolhamos estudar. Independentemente de grupos próximos geograficamente poderem partilhar certas características ideológicas e materiais, como parece sugerir a ideia de Hodder já exposta, o mesmo não significa que partilhem os mesmos valores culturais, ou seja, os mesmos aspectos culturais, invariavelmente iguais, representados da mesma

⁴⁴ Ver (Han, et al. 2013, 352)

⁴⁵ Ver (Donald 1991, 32)

⁴⁶ Ver (Hodder 2009, 6)

maneira e utilizados de forma semelhante. Claro que se assim fosse, estaríamos na presença de grupos culturalmente pré-determinados, coisa que é difícil de confirmar arqueologicamente com toda a certeza, mas não impossível de existir, independentemente da capacidade do cérebro humano de se adaptar e construir traços culturais ser única, mesmo quando partilhada.

Falamos de uma distinção entre comunidade e sociedade, em que a primeira se insere dentro da segunda. Isto implica um grande grau de aceitação por parte das comunidades umas em relação às outras para que uma sociedade possa de facto existir, cultural e socialmente coesa. Neste sentido, mais do que semelhanças formais, como acontece ao nível da cultura material ou das práticas rituais, outras constantes existem de forma imaterial, estruturando metaforicamente a sociedade. O reconhecimento dos outros e dos seus atributos é essencial, mas nem sempre possível de observar através do registo físico, pelo que várias particularidades podem ser tidas em conta na determinação de grupos culturais. É este um dos papéis da arqueologia enquanto disciplina que tenta compreender os grupos humanos através dos seus restos materiais.

A partilha de traços culturais existe e permite compreender associações grupais e não grupais a partir da cultura material. Através dela vemos colectividades que mesmo quando diferenciadas se unem sob as mesmas normas, abstractas, mas impossíveis de negar, formando grupos maiores de indivíduos, unidos num tempo social presente num espaço compartilhado.

Numa análise mais pormenorizada, podemos talvez dizer que a cultura é também um termo formado mentalmente por cada indivíduo, numa tentativa de auto-conhecimento e inserção. A cultura é grupal e identitária e por isso palpável e invisível, parte matéria e parte mente.

Mesmo que certas características sejam vistas como chave para limitar um grupo, e assim, o tornar diferente de outro, não existem fisicamente estruturadas se não na consciência de cada um e de um colectivo que constrói depois uma base material na qual se apresenta e representa. Enquanto os vínculos sociais existirem os grupos permanecem, quer partilhem um sistema total de atributos culturais físicos e transcendentais quer o façam apenas de forma fragmentada.

Neste sentido, ao analisarmos a cultura material, estamos em certa medida a limitar uma visão mais alargada dos grupos humanos. Credo que cada sítio é único

e “exibe” relações entre os homens, e entre estes e os objectos e o ambiente, de forma única, impedimos em certa medida, uma visão mais amplificada dos sítios enquanto conjunto, pois não vamos nunca encontrar exactamente as mesmas características em mais do que num único sítio.

Estabelecidas as características mínimas que permitem encontrar um grau de semelhança e considera-lo decisivo no estabelecimento das estruturas base de um grupo cultural, podemos estabelecer também relações culturais mais aumentadas, mesmo que menos detalhadas no que concerne às relações dos homens com os homens num quotidiano que implica afinidades mais finas com contextos de interacção social mais bem definidos que lhes permitam permanecer enquanto “sobreviventes” e “vivos” no meio em que se inserem.

Este modelo carece ainda de uma metodologia que permita classificar a estrutura base de um grupo cultural, independentemente dos valores culturais que lhe estão subjacentes e que são em grande medida irrepetíveis. No fundo, é perguntar o que constitui a base de um grupo cultural, e de que forma o podemos individualizar e estudar, para compreender globalmente as relações entre diferentes grupos que partilham um ou mais valores culturais, materiais e imateriais.

Por fim, porque falamos da cultura material enquanto ponto de suporte para compreender a sociedade local e as relações desta com os outros sítios do mesmo círculo cultural, temos agora de tentar expor o que entendemos no presente trabalho sobre a cultura material simbólica, não só enquanto parte integrante dos grupos agrários⁴⁷, factor que como já vimos pode não ser irrevogável para a sua existência, mas sobretudo enquanto resultado das relações que os homens têm forçosamente de ter uns com os outros e com o ambiente.

Estamos assim a dizer que cada objecto ou artefacto tem um significado além-funcionalidade, que lhe é característico pela sua natureza social, tal como tem um significado fatalmente funcional, característico da sua natureza material. Estudamos a materialização de algo e não propriamente a materialidade da mesma. É do processo de criar e transformar algo num referencial simbólico social que se

⁴⁷ Segundo a visão de Collin Renfrew, de que a cultura material simbólica é parte integrante destas sociedades, mas o pode ou não ser para outras mais antigas e “menos evoluídas”. É dizer que esta cultura existe certamente nas sociedades de tipo agrário e urbano, mas não necessariamente noutras.

encontra a natureza mediadora de cada espécime físico, sendo por isso da sua natureza humana, ou seja, da sua natureza abstracta e silenciosamente comunicativa, semelhante à própria natureza do cérebro humano que está o nó que nos permitirá puxar a corda para compreender as conexões de que temos vindo a falar.

Em conclusão, estudamos a dupla essência do material igualando-o ao próprio homem social e não só biológico.

Cultura material simbólica é por fim, aquilo que representa por palavras os atributos intrínsecos de cada objecto e artefacto, desde a sua criação mental, vontade humana de fabricar algo necessário por qualquer motivo, até à sua utilização. Tudo é símbolo de algo, referencial ou signo, muito para além da motivação que o construiu. Estudamos na cultura material simbólica a forma como cada um dos objectos se pôde relacionar em algum momento com o colectivo onde esteve inserido. Cada etapa relacionada com ele esteve também de algum modo relacionada com a formação dos indivíduos, enquanto seres sociais, parte de uma comunidade e de uma cultura.

O símbolo existe em cada individualidade e em cada peça, na tentativa que o primeiro fez para sobreviver e se inserir no colectivo que escolheu e sobre o qual delimitou contornos culturais, que marcaram tanto a sua geração como as seguintes. Existe também no segundo, enquanto mediador do “casamento” entre o primeiro e todo o Universo natural e antrópico que o envolve.

Veremos em capítulos seguintes como se podem perceber as diferentes mediações nestas relações sociais. Teremos em atenção, no entanto que falamos sobre comunidades muito antigas, sobre as quais é impossível construir uma verdade, mas tão-somente uma das possíveis realidades.

3.3. Identidade e Identificação

Tendo visto que a cultura material serve como mediadora nas relações que o homem tem com o meio, resta-nos por ora tentar expor de que modo essas mesmas relações se processam e se envolvem no decurso da formação do homem enquanto essência de um colectivo.

Sabemos que na génese do homem social, o ambiente em que se desenvolve vai grandemente modulá-lo. Na mesma medida, são também os homens, que geram esses ambientes, pelo que é quase impossível dizer que um indivíduo ou grupo é o que é exclusivamente devido ao meio em que existe, da mesma maneira que o é também dizer que um meio é o que é exclusivamente pelos grupos e indivíduos que o caracterizam. Fala-se sempre de uma realidade recíproca, em que dar e receber, criar e ser criado não têm princípio nem fim conclusivos.

Alguns estudos indicam que entender o indivíduo não é o mesmo que entender o grupo e que, do ponto de vista do observador ou investigador, não é correcto ver o segundo como o conjunto dos primeiros, iguais e delimitados pelos mesmos atributos, unicamente porque fazem parte de um colectivo, onde vínculos e cadeias de partilhas existem categoricamente⁴⁸.

No entanto, temos de ter em conta que em Arqueologia e em História, quando se tratam comunidades já findas, os vestígios que nos possibilitam compreender este colectivo são demonstrativos de uma realidade conjunta que raramente se complementa com informação sobre algum(s) do(s) indivíduo(s) isoladamente, em que se tem de considerar a existência ou não de supremacia de uns quantos indivíduos sobre os outros, pelo menos no que toca à produção e utilização dos materiais. É precisamente neste sentido que se estudam as noções de Categorização Social⁴⁹, Identidade Social⁵⁰, Comportamento Intergrupar⁵¹ e Representação Mental⁵² e Social.

⁴⁸ Ver (Sherman 2010)

⁴⁹ Ver (Tajfel, Billig e Bundy, Social Categorization and Intergroup Behaviour 1971); (Smith e Medin 1981); (Lakoff 1987); (Messick e Meckie, Intergroup Relations 1989); (Krizan e Baron 2007); (Bodenhausen, Kang e Peery 2011)

⁵⁰ Ver (Tajfel, Social identity and intergroup behaviour 1974); (Hogg, Terry e White 1995); (Ellemers, Spears e Doosje 2002); (Dovidio, et al. 2005);

⁵¹ Ver (Everet 2013); (Messick e Mackie, Intergroup Relations 1989);

⁵² Ver (Smith e Queller 2001)

Antes de termos em conta que o Homem é Social biologicamente, como já vimos anteriormente, é importante também explicar de que modo nos estudos cognitivos se pode ver que, independentemente desta natureza, factores como a personalidade, influenciam os indivíduos e os tornam únicos e em regra, impossíveis de compreender através do registo material.

Teremos de concordar previamente que na formação de cada sujeito, o autorreconhecimento e o reconhecimento dos outros, membros do mesmo grupo e de grupos diferentes, tem um papel incontornável e susceptível, mas difícil de ser captado através dos objectos em estudo. É precisamente o processo de génese do indivíduo em entidade colectiva que nos propomos aqui evidenciar.

Este processo prolongado ajuda-nos, enquanto observadores distantes, a reflectir nas diferentes componentes cognitivas que lhe estão subjacentes, sejam estas as que implicam que um indivíduo é o espelho da sua comunidade, as que dizem respeito às suas relações com os objectos, com os membros do seu grupo, com os membros de outros grupos, com a aceitação e negação de noções ideológicas, materiais e antrópicas externas ao seu ambiente social ou outras.

Tal como com a cultura material se estuda o processo de materialização, também aqui se estuda o processo de identificação. Tratar fenómenos, torna-se redutor quando estes implicam categorias fechadas de pré-conceitos que em Arqueologia não se podem testemunhar. Assim, a identificação de um indivíduo, acarreta o reconhecimento do mesmo enquanto parte de um colectivo, maior que ele mesmo e no qual se insere enquanto membro. A criação de vínculos é por isto mesmo indispensável numa comunidade coesa, ainda que diversificada, como aparenta ser a existente em Bet-Chan durante a ocupação egípcia.

Tendo em conta que este colectivo é formado pelos indivíduos cujas personalidades e características pessoais fogem inequivocamente do registo arqueológico e tendo estabelecido que é das motivações colectivas e acções comuns que se pode compreender um pouco mais do ambiente social da comunidade em questão, pode dizer-se que no processo de identificação pessoal, a identificação social é não só imperativa para o indivíduo e a forma como se tenta integrar, mas também observável culturalmente, fazendo uma ponte, mesmo que ténue, entre passado e presente.

“Cultural-specific neural mechanisms afford unique self-concepts or self-construal styles that help individuals to adapt to the accompanying cultural and social environments so that individuals can function efficiently during social interactions”⁵³.

É preciso ter em conta que nem todos os momentos na vida quotidiana são de interacção com os outros, no entanto, por detrás destes momentos em que as vontades e os desejos pessoais se intensificam e podem de alguma maneira suplantar os ideais culturais, estão todos os outros momentos de constituição ou de base fundamental que tornam o ser num palimpsesto de seres, existentes num único indivíduo e definidores, sempre, de condutas e ideais, onde o elemento social é primordial.

Ao definirmos áreas de estudo dentro de um sítio arqueológico ou ao definirmos uma realidade social para estudar em diversos sítios que de alguma forma partilham características como, o período de ocupação, as esferas de influência externa, ou outras, estamos a estudar um meio onde de alguma forma um conjunto de interacções sociais tiveram lugar. Por exemplo, em Bet-Chan temos as áreas públicas administrativas e religiosas, as áreas habitacionais e zonas de produção artesanal e comércio, bem como algumas que poderão estar ligadas à protecção e militarização do sítio. Em cada uma destas áreas, embora acções se tenham passado que nunca terão eco no registo material encontrado, outras poderão demonstrar claramente que tipo de interacções ali se processaram, indicando, por exemplo:

1. A presença de um ou mais grupos sociais;
2. Na presença de mais do que um grupo, a possibilidade de entender as relações entre estes, pelo menos ao nível das hierarquias;
3. A especificidade das funções ali desempenhadas;
4. Uma comparação entre os materiais de um grupo e de outro e assim ver possíveis miscigenações e exclusões;
5. No caso de se verem misturas e manutenções, compreender quais os materiais que pertencem a um e a outro e o que pode indicar sobre as relações entre membros do mesmo grupo e de grupos diferentes;

⁵³ Ver (Han e Northoff 2009)

6. A possibilidade de haver indivíduos que pertençam a mais do que um grupo e de isso ser observável no registo;

7. Comparar com outras áreas com funções sociais diferentes os mesmos grupos de cultura material definidos e observar possíveis mudanças, indicando um mosaico social intercomunitário que de outra forma não seria visível;

8. Comparar dentro da mesma área, grupos de cultura material diferentes que podem estar associados a um ou a mais grupos, permitindo assim compreender que dentro do mesmo combinado de interações com funções sociais específicas se podem verificar diferenças entre os objectos de um grupo e os de outros e entre aqueles que farão parte do conjunto de grupos⁵⁴.

Mesmo sabendo que existem outras variáveis passíveis de estudo, estas são aquelas que mais prontamente se oferecem a ser assimiladas quando expostas a esta linha de investigação que prima sobretudo por entender o homem enquanto sujeito social. Assim, qualquer ambiente onde se possam verificar as interações que tem com o meio e com os outros é o ambiente certo para descortinar as relações sociais entre grupos.

Pode parecer que se descure em certa medida a homogeneização da comunidade quando se estudam quase somente os grupos e as suas diferenças e semelhanças, mas, partindo da premissa de que de facto os indivíduos vivem em grupos e que é a partir deles e para eles que se desenvolvem enquanto seres e que é neles que vivem integralmente e é por eles que recebem e passam conhecimentos e produzem uma cultura, reconhecível pelos investigadores tanto tempo depois, passa a fazer sentido estudar de que forma a cultura material, enquanto mediadora das relações entre os homens e também entre grupos de homens nos indica algumas características acerca do ambiente social e por isso, interactivo de uma comunidade ou comunidades.

Como se referiu anteriormente, o indivíduo existe dentro do grupo e grupos em que se insere. São os grupos e a capacidade dos indivíduos de se

⁵⁴ Estas são interacções perfeitas, que gostaríamos obviamente de conseguir encontrar através do registo material e dos seus contextos, contudo, nem todas terão uma expressão certa, pelo que podemos, no desenvolvimento do trabalho e na exposição dos contextos materiais perceber outras interacções e não ser capazes de ver estas acima nomeadas.

autorreconhecerem e de reconhecerem os outros enquanto membros do seu grupo e dos outros grupos que lhes permite adaptarem-se a um meio antrópico⁵⁵ e natural.

“The major characteristic of social behavior (...) is that, in the relevant intergroup situations, individuals will not interact as individuals, on the basis of their individual characteristics or interpersonal relationships, but as members of their groups standing in certain defined relationships to members of other groups”⁵⁶.

No mesmo artigo temos ainda uma definição de grupo *“as a collection of individuals who perceive themselves to be members of the same social category, share some emotional involvement in this common definition of themselves, and achieve some degree of social consensus about the evaluation of their group and their membership in it”⁵⁷.*

Assim, podemos dizer que, se enquanto membro de um grupo, cada indivíduo tem de partilhar um sentido de existência e de partilhar uma categorização sobre diversos assuntos, quer sejam em termos da aceitação de novos membros, uma prática religiosa ou a manutenção de uma forma cerâmica, então, a cultura é sempre subordinada a um grupo, contudo, tendo em conta que todos os indivíduos fazem parte de vários grupos, há bastantes vezes a partilha de uma cultura em que diferentes estímulos externos pertencem a vários grupos, mesmo que com significados diferentes. Existe ainda a possibilidade de diferentes estímulos poderem pertencer somente a um grupo e no entanto ser reconhecidos pelos outros grupos, fazendo parte de um conjunto alargado de referenciais reconhecidos por uma comunidade, tornando-a coesa, ainda que não una nas suas ideologias ou materialidades.

Se for possível reconhecer a cultura também como uma conceptualização abstracta e existente na mente de um indivíduo, ela existe sem dúvidas como o conjunto de categorias e suas definições dentro dos grupos e assim, a cultura existe como ponto de consenso e de aglutinação dos muitos membros de um grupo e pode servir também, na mesma linha, para unir membros de diferentes grupos ou mesmo

⁵⁵ O meio antrópico é muitas vezes entendido como o meio sociocultural, contudo, tendo em conta que numa teoria cognitiva o homem é visto como naturalmente social e que existem muitas dúvidas acerca da própria definição do conceito de cultura, continuaremos a tratar o meio transformado pelo homem e onde se produz uma “cultura” como antrópico, devido ao seu sentido mais abrangente e no entanto específico que faz sentido, quando se vê o Ser Humano como Social e produtor de cultura.

⁵⁶ Ver (Tajfel e Turner, The social identity theory of inter-group behavior 1986, 10)

⁵⁷ *Idem.* p.15

formar novos grupos, fora das antigas conceptualizações dos grupos de pertença original. Ser membro de um novo agregado não invalida, no entanto, continuar a ser membro do agregado antigo.

Independentemente de cada indivíduo pertencer a diversos grupos, o ser membro de qualquer um deles implica que acima de tudo o grupo tem de transmitir um sentimento positivo ao mesmo, especialmente quando comparado com outros grupos cujas particularidades de alguma forma se diferenciam. A positividade passa assim a representar-se de três formas, *“individuals must have internalized their group membership as an aspect of their self-concept”, “the social situation must be such as to allow for intergroup comparisons that enable the selection and evaluation of the relevant relational attributes”* e *“in-groups do not compare themselves with every cognitively available out-group: the out-group must be perceived as a relevant comparison group”*⁵⁸.

A relevância destes três factores prende-se com a forma como os indivíduos subsistem verdadeiramente como agentes formadores e formandos de uma cultura que se mantém através da criação de vínculos que ocorrem variadas vezes sob a forma de rituais, mesmo aqueles em cujo simbolismo não parece ser a característica principal da interacção social. Como exemplo deste fenómeno podemos pensar na formação de peças cerâmicas de uso doméstico ou comum⁵⁹.

A génese de vínculos mantém não só o grupo unido, mas também os membros desse grupo congregados e ligados por uma teia de referenciais que se manterá móvel e adaptável ao longo do tempo e do espaço, sobretudo porque, mesmo que as culturas não sejam adaptáveis, a coesão grupal para se manter, necessita que os momentos e as memórias formadas o sejam. No fundo, é dizer que os valores culturais se ajustam ao ambiente social em que os grupos se inserem e que isso permite manutenção e transformação cultural na mesma medida.

⁵⁸ Ver (Tajfel e Turner, The social identity theory of inter-group behavior 1986, 16-17)

⁵⁹ Qualquer acto cujo simbolismo é acima de tudo pessoal, mesmo quando partilhado por um grupo de pessoas, pode ser considerado um exemplo nestes casos. Na produção de cerâmica comum, factores como a importância dada à tradição, à passagem de conhecimento ou mesmo ao conjunto de movimentos efectuados para produzir qualquer peça ou conjunto de peças, como será demonstrado em capítulos seguintes, está sem dúvida impregnado de significados que passam de geração em geração e que existem socialmente activos mas subconscientes, como um ritual que não tem significado social para a comunidade mas que o tem para o grupo que o partilha, existindo na memória interna do grupo e dos membros que o compõe mas que não é compreendido por ninguém fora deste círculo.

Dissemos já que quando exposto a um conjunto de vestígios materiais que admitem uma análise por área de interação social, o investigador pode sem dúvida analisar os materiais por grupos, ou seja, definir as esferas de materiais que representam as esferas de funcionalidade e de significado e vê-las diacronicamente noutras áreas ou então comparadas com os outros grupos dentro da mesma área. Desta maneira encerramos um contexto social onde os grupos são analisados e comparados em situações onde as variáveis externas podem ser melhor delimitadas e assim menos interpretativas, dando segurança ao investigador devido à menor amplitude de propriedades externas.

É premente por isso falar sobre a importância do contexto social⁶⁰ não só para melhor abranger as motivações dos grupos passados, mas também para determinar que tipo de variáveis podemos de alguma maneira observar no registo material que nos ficou.

*"It is the social context, rather than specific group features, that determines the evaluative flavor of any given group membership"*⁶¹. O mesmo artigo diz também que é o vínculo existente entre membro e grupo que permite as respostas às circunstâncias ambientais e ao uso dos recursos naturais e antrópicos disponíveis. Neste sentido, os vínculos e a forma como se tornam uma base estrutural na formação da consciência e da Identidade de um indivíduo são também a base estrutural da Identificação de um agregado e da forma como os primeiros independentemente do grupo são capazes de existir num determinado ambiente social. A aptidão biológica que o ser humano tem para criar um sistema de crenças acerca de si mesmo, identificando-se com um grupo e com as categorias qualificativas que o determinam, admite por isso mesmo que qualquer meio envolvente seja uma construção mental, presente e representado simbolicamente, garantindo por um lado que os indivíduos consigam ali existir socialmente e por outro lado, que o observador só consiga vê-lo como isso mesmo.

A identificação de um sujeito tem de prender-se também com as categorias ou características que se identificam no meio, sejam elas materiais ou abstractas, tenham que ver com as áreas onde interagem com os outros, com o seu papel activo numa comunidade ou somente no seu grupo ou grupos. *"Whereas strength of*

⁶⁰ Ver (Ellemers, Spears e Doosje 2002, 164-166)

⁶¹ *Idem.* p.165

commitment to the group indicates the likelihood that a particular (social) identity will be relevant to the individual in question, the nature of the resulting perceptual, affective, or behavioral responses depends on interaction with the relevant social context and aspects of the self are secure or threatened"⁶²

Quando os nossos estudos se baseiam na cultura material, baseiam-se assim na capacidade que uma Identidade Social (grupo) teve para congregar positivamente uma Identidade, presa pelo modo como isso lhe permite interagir com o meio e sobreviver. Identificação social será o conceito-chave para explicar como diferentes modos de expor cognitivamente os vínculos criados entre membros de um grupo para que esse grupo continue a existir sejam visíveis na cultura material produzida e encontrada nos contextos sociais onde essas interações e outras ocorreram.

Conclui-se que para haver uma comunidade, os sentidos de comum e de conjunto têm de ser muito fortes, não necessariamente unos, mas puramente partilhados, quer isto dizer que, mesmo que dentro de uma comunidade existam diferentes sentidos de comum e de conjunto, esses diferentes sentidos devem coexistir conscientemente como um todo.

O reconhecimento do todo e a consciência individual desse mesmo reconhecimento chama-se Identificação e, quando se trata de uma consciência em relação ao todo, chama-se Identificação Social.

Na génese da Identificação Social, o indivíduo acaba por reconhecer no grande agregado as características-chave que incluem e excluem os possíveis membros e utilizam não só atributos psicológicos aos quais devem fazer corresponder determinados comportamentos, mas também atributos artefactuais como adornos ou outros.

Esta identificação social distingue as partes do todo e cria na comunidade diferentes esferas públicas, reconhecidas comumente por todos e às quais se associam estatutos, ocupações profissionais, habitações, comportamentos, ideais, religiões, locais de culto e também objectos utilizados. Mesmo que apenas os membros de cada grupo reconheçam o total conjunto específico que os tornam

⁶² Ver (Ellemers, Spears e Doosje 2002, 178)

peculiares, visualmente os estímulos exercidos publicamente são reconhecidos por eles e pelos outros.

Assim, tanto a utilização de espaços religiosos como a utilização de cerâmicas comuns com um longo passado histórico são parte integrante da vida comunitária, em que os indivíduos sentem a necessidade de ligação ao sítio onde habitam e ao Meio que os rodeia, uma vez que esse mesmo sítio e Meio estão impregnados de um passado absoluto e mítico (Tempo Histórico), mantido geração após geração (Tempo Social) que envolve cada indivíduo e cada grupo numa bolha comunitária e partilhada que tem de ser mantida e reformada continuamente.

Na base da Identificação e da Identidade estão os valores culturais que formam a cultura que estudamos e permitem vislumbrar não só espaços de interacção mas também as características que fizeram parte do modo como foram capazes de se adaptar ao meio que criaram e em que foram criados.

3.4. Os contextos de interacção social, os utilizadores e os objectos em acção

Contextos de interacção social	Grupos	Acções		Objectos
		Produção	Consumo	
Habitacional	Família/membros com alguma ligação	a) Produção artesanal b) Cozinha c) Armazenagem d) Culto		a) Comuns b) Religiosos c) Nobres (?)
Especializado	Profissional	a) Produção artesanal b) Outras (?)		a) Especializados em várias artes b) Comuns para produção de produtos especializados
Religioso	a) Sacerdotal b) Serviço ao templo	a) Culto b) Armazenagem c) Outras (?)		a) Religiosos b) Mágico-simbólicos c) Armazenagem d) Comuns e) Nobres

Palacial	a) Administrativo b) Escribas c) Comerciantes d) Militares e) Outros	a) Administração b) Comércio c) Outras	a) Administrativos b) Armazenagem c) Mágico-simbólicos d) Comuns e) Nobres
Arruamento	a) Comerciantes b) Oficiais do exército c) Sacerdotes d) Habitantes comuns	a) Comércio b) Passagem de tropas	a) Comuns b) Armazenagem c) Mágico-simbólicos d) Religiosos e) Especializados f) Nobres

Tabela 1 - Relações entre contextos de interacção, grupos, acções e objectos

Os utilizadores são, como se pode compreender, os seres sociais que com os objectos em acção são capazes de se relacionarem uns com os outros e com o seu meio envolvente, quer isso seja possível ou não de observar nas áreas intervencionadas pelos arqueólogos.

Tendo em conta que é viável identificar diferentes contextos de interacção social é viável também reverter os objectos para o seu papel mediador e oferecer aos utilizadores um âmbito de acção específico, tornando-os agentes particulares, mentalmente inseridos numa linha de acção e, portanto, cognitivamente focados no cumprimento das normas previamente estabelecidas em relação à mesma.

Enquanto seres sociais, esta preparação envolve um reconhecimento do meio (contexto de interacção social), das acções (comportamentos e ideologias), dos objectos (mediadores), dos grupos (colectivo social) e dos símbolos (referenciais externos) que estão nela envolvidos e que de alguma forma os preparam para um comportamento padronizado que lhes tolera uma melhor adaptação ao mesmo, possibilitando-os para uma interacção (influência recíproca) que os torna beneficiários e beneficiantes ao mesmo tempo.

Com este sistema, o quadro que se apresenta em cima, mostra de que forma as quatro constantes referidas se relacionam e ajudam a analisar os conjuntos materiais que nos propomos estudar no capítulo seguinte.

Tendo então em consideração o quadro, podemos ver que as esferas materiais que conseguimos identificar nas diferentes áreas significam diferentes tipos de acções humanas, justificando o efeito mediador dos objectos.

Por outro lado, como se tem vindo a expor ao longo deste capítulo, os homens agem enquanto seres sociais, quer estejam sozinhos quer em grupo, o que significa que existe sempre um conjunto de padrões comportamentais que os regulam e lhes permitem um autorreconhecimento e um reconhecimento dos outros. Dentro destas normas, estão não só comportamentos adquiridos e manifestos, mas também um conjunto de comportamentos latentes que, não sendo observáveis podem ser conjecturados, uma vez que as diferentes características da consciência humana nos permitem saber que a adaptação a situações desconhecidas se faz através de fenómenos de comparação, edição e análise a situações semelhantes ou outras e para tal, a pertença a um grupo é sempre vantajosa uma vez que a maior variedade de indivíduos permite uma maior variedade de abordagens e de escolhas.

Estamos a encarar os seres enquanto utilizadores de uma cultura material, na sua capacidade de encarar o objecto tanto na sua faculdade funcional como na sua faculdade além-funcionalidade. Se o quadro acima consegue simplificar a análise funcional dos objectos, não o consegue fazer para a análise além-funcionalidade e essa é aquela que nos poderá assinalar mais eficazmente questões de identificação social e ao mesmo tempo, permitir uma visão diacrónica dos contextos em estudo.

Para tal, ao encararmos o utilizador como um receptor ou beneficiário, alguns atributos podem ser adicionados à nossa lista de variáveis a ter em conta. Serão estas, que indicarão alguns dos significados além-funcionalidade que os objectos, mesmo quando são para uso comum sustentam, como estrutura da sua natureza biossocial, revelada pela sua capacidade de intervir nas acções do homem no mundo.

No processo de se tornar no Objecto final, aglomerado de tantos significados, funcionalidades e funções, o Ser tem para com ele diversas relações, estabelecidas previamente, como é de direito numa comunidade organizada e culturalmente coesa, onde normas, mesmo que sejam silenciosas, existem e são cumpridas. Neste processo de *materialização* também o ser passa por um processo de *identificação* e assim, ambos se interligam e não podem jamais ser dissociados sem que uma parte da *identidade* de ambos e da comunidade seja esquecida.

As seguintes variáveis podem ser observadas quando estudamos o ser enquanto beneficiário (Receptor) em diferentes ambientes onde os materiais servem como mediadores:

1. A relação entre Homem e Objecto, em que um se subordina, é subordinado ou se desvincula do outro, dependendo do contexto social;
2. A relação entre o Objecto e a Comunidade, uma vez que a segunda impõe normas;
3. A relação entre o Homem e a Comunidade, sendo que o primeiro é criador e criado da segunda e os Objectos intervêm nesta relação;
4. A relação entre Necessidade de fabrico e Técnica de fabrico e a dependência de ambas perante o Meio e a Cultura;
5. A relação entre Funcionalidade e Significado além-funcionalidade, que depende do Tempo Histórico e do Tempo Social;

Quando falamos na materialização e na identificação e pensamos que isso significa que compreendemos os contextos sociais em que os materiais aparecem, estamos a supor que um contexto social é um representante dos momentos vivos que determinada área detém em si mesma. Será uma forma de passar ontologicamente além do conceito de contexto deposicional e de intervir neste como se pudesse ser algo mais do que aquilo que é.

Sem querer dizer que tal é possível em toda a sua magnitude, a Arqueologia e a História têm demonstrado variadas vezes que é possível vislumbrar fragmentos do passado. Esta é somente mais uma dessas formas.

Tendo em conta que vamos dedicar-nos ao estudo dos materiais magico-simbólicos, religiosos, nobres e administrativos da área R1-b/a da XVIII dinastia egípcia em Bet-Chan, pensamos que os receptores poderão abarcar toda a gama de opções exequíveis que demonstrem em parte, a génese de uma comunidade única, formada gradualmente sob o cinzel dos egípcios na terra dos cananeus.

3.4.1. Objectos simbólicos

São aqueles que enquanto entidade detêm uma identidade que vai além da sua funcionalidade, embora não sejam os únicos, podemos afirmar que detêm um carácter referencial muito mais importante para os indivíduos e grupos que os utilizam do que outros objectos. Na sua relação com os homens são aqueles que são primeiramente símbolos de algo não terreno e imbuído de um carácter essencialmente metafórico, mais do que prático.

Podem abarcar vários subgrupos, como os religiosos ou os ostensivos, nestes se incluindo os objectos que mesmo com uma função prática demarcada servem em grande medida para valer socialmente uma qualquer característica especial.

Aqui podemos incluir os pendentes, as figurinhas, as estátuas e estelas, as cerâmicas que em contexto representem conjunturas rituais ou de culto e mesmo os cilindros-selo ou escaravinhos-selo que se encontram em Bet-Chan.

São por isso mesmo objectos que se podem encontrar em diversas áreas que não somente a do templo e que demonstram a variedade de simbologias visuais ou estímulos que fazem parte de um grupo (família, género, profissão ou outro) e de uma comunidade.

Todos têm uma função específica, ao contrário de muitos objectos de uso comum que podem ter várias funcionalidades, mesmo que o seu fabrico tenha sido efectuado para apenas uma função. Em parte, subordinam os seres à sua natureza de entidade mediadora nas relações do homem com o mundo metafórico.

Objectos religiosos: serão considerados todos aqueles que estiverem directamente relacionados com as áreas de culto, seja em ambiente público (templo, por exemplo) seja em ambiente doméstico (habitação).

Ao distinguirmos estes dos objectos simbólicos estamos a distinguir as particularidades funcionais dos mesmos, uma vez que os objectos ou artefactos religiosos terão funções estritamente ligadas ao culto, com um fabrico padronizado e reconhecido socialmente por todos os grupos de uma comunidade.

São acima de tudo representações sociais, *“a set of concepts, statements and explanations originating in daily life in the course of inter-individual*

communications.”⁶³, o que é o mesmo que dizer que são referenciais visuais cuja função é apenas uma parte muito importante da sua essência mas não única, uma vez que a sua faceta além-funcionalidade é enorme, desde a necessidade de fabrico, à procura da matéria-prima, á técnica escolhida, à produção em si e depois a tudo o que diz respeito à utilização, desde o contexto de acção, aos rituais a que se reporta, e às ideologias a que faz referência.

É óbvio que outros materiais são também representações sociais, contudo, os religiosos, sendo um conjunto tão fechado, onde a mudança é diversas vezes impossível, são um meio muito fiável para distinguir grupos de utilizadores e ajudam a identificar quando se trata de uma religião pública, onde os cultos são públicos, de uma religião que, mesmo pública, só tem repercussão a nível privado ou doméstico.

São por este motivo um subgrupo dos objectos simbólicos. Será exequível dizer que os objectos religiosos fazem parte dos objectos simbólicos precisamente porque a sua conotação simbólica de referencial ou figuração, onde podem ser até vistos enquanto entidades de valor próprio, é amplamente reconhecida, contudo, iremos manter esta distinção precisamente pela capacidade que têm de nos reportar para as distinções entre grupos e a sua importância social.

Objectos Nobres: serão aqueles que dizem respeito aos contextos de interacção onde os grupos hierarquicamente superiores puderam intervir. Identifica-se a residência nobre, ou casa do governador, em Bet-Chan, local onde obrigatoriamente a classe governante se encontraria, tendo em conta a caracterização dos arqueólogos que investigam o sítio.

Vamos distingui-los também porque os objectos nobres são facilmente modificados, consoante as influências externas e os contactos com outros grupos e comunidades, pelo que, mesmo quando dentro destas áreas os objectos administrativos ou religiosos se mantêm, os objectos nobres ou de ostentação podem mudar, identificando pressões externas dentro dos grupos já nomeados.

São quase exclusivamente símbolos de poder e exibição pública, fazendo parte constante da diferenciação entre grupos e do reconhecimento de cada um em

⁶³ Ver (Moscovici 1981, 181)

relação ao agregado onde se insere e onde gostaria de se inserir, ajudando a demarcar atributos ideológicos a partir de atributos visuais. Têm por isso mesmo um indispensável papel na manutenção da comunidade, através do reconhecimento que permite a vários sujeitos, de vários grupos.

3.4.2. Funcionalidade e Além-funcionalidade

Começaremos por avaliar que os materiais em análise cumprem dois tipos de funções, as públicas e as privadas, sendo que as primeiras se remetem para acções explicitamente colectivas e as segundas para acções pessoais ou de pequenos grupos, como a família, não implicando uma visibilidade popular para que mantenham a sua importância além-funcionalidade.

	<u>Contexto público</u>	<u>Contexto privado</u>
<u>Religiosos</u>	a) Templo b) Salas de culto cananaicas c) Pátio ao ar livre d) Salas auxiliares ao Templo	a) Quartos Norte b) Quarteirões domésticos
<u>Nobres</u>	a) Templo b) Arruamentos c) Pátio ao ar livre	a) Quartos Norte b) Quarteirão Nordeste c) Templo

Tabela 2 - Contextos públicos e privados onde aparecem os materiais religiosos, nobres e administrativos em Bet-Chan

A tabela em cima apresenta precisamente os contextos públicos e privados que aparecem em Bet-Chan em que aparecem os materiais religiosos e nobres, sendo que nos últimos podemos sobretudo considerar aqueles que se remetem para actividades administrativas ou outras semelhantes.

No tratamento dos materiais, muitos autores falam em biografias, em compreender um percurso de vida para o material, desde que a matéria-prima foi escolhida até ao momento em que o objecto foi abandonado.

“Original Human Behavior is often reflected archaeologically in at least four major activities: in the case of a tool, for example, there may be:

- 1. Acquisition of the raw material;*
- 2. Manufacture;*
- 3. Use (and distribution); and finally*
- 4. Disposal or discard when the tool is worn out or broken. (The tool may of course be reworked and recycled)⁶⁴.*

Se, estamos, porém, a estudar os materiais na sua qualidade de mediadores e o homem na sua qualidade de utilizador/beneficiante nas relações que estabelece socialmente, então é mais inteligível reflectir em significados de funcionalidade e além-funcionalidade, especialmente porque não dizem respeito à materialização dos objectos, mas sim à materialidade dos mesmos.

A materialidade será tudo o que se relacione com o objecto físico, palpável e durável que tem uma natureza semelhante à do ser que o cria. Nisto, o homem que nele se reflecte, num processo de identificação, caracteriza a sua identidade. Quando se inclui no registo os vários tipos de interacções homem-meio para que o objecto exista e se apresente com determinadas características, percebem-se os seus padrões simbólicos. Por exemplo, uma taça cananaica para uso comum, enclausura em si as feições do tempo histórico e social do sujeito ou do grupo que a fabricou, neste caso, todos os conhecimentos técnicos e tipológicos, todos os referenciais espaciais e de obtenção de recursos, todas as necessidades do seu tempo e ainda toda uma gama de momentos privados que incluem sentimentos de posse, de saudade, de inclusão no envolvente e mesmo de reconhecimento da sua posição no meio cultural, mesmo quando não nos proporciona uma imagem rigorosa do que de facto adveio, permite-nos calcular a sua presença, encurtar a distância entre presente e passado, distante mas ainda actuante.

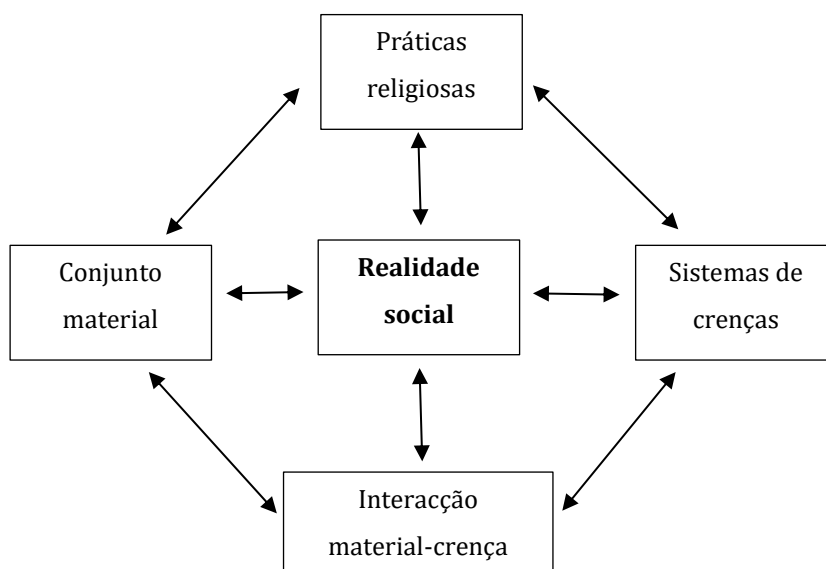
⁶⁴ Ver (Renfrew e Bahn, *Archaeology: Theories, Methods and Practice* 2008, 56)

4. Metodologia de ensaio

A cultura material é parte integrante no entendimento que podemos ter da cultura enquanto sistema vivo, isto é, da cultura moldada e modeladora dos pensamentos e acções dos homens no tempo e meio físico em que se inserem.

Os materiais dos vários contextos de interacção social relacionam-se com o universo simbólico, onde o “incorpóreo” é uma parte insubstituível do seu valor enquanto artefacto, tanto independentemente como em contexto com os restantes objectos.

Nesta percepção social dos próprios objectos, conseguimos ter em mente o seguinte esquema de apresentação dos elementos mediadores em análise:



Esquema 1 – Interacção entre os elementos mediadores na formação e análise da realidade social no presente estudo

Em cada contexto de interacção, pode desenhar-se uma interface, ou seja, *“any natural or artificial mediational means or prosthesis that enables, constrains and in general specifies communication and interaction between entities or processes”*⁶⁵.

A partir deste conceito, onde o referido autor explica que entre a Cultura material (artefacto) e o cérebro se cria uma interface, ou seja, um sistema mediador que permite compreender não só o cérebro humano na sua capacidade plástica, mas também a cultura, no seu fundamento social, esperamos conseguir fazer uma análise de uma possível Realidade Social, onde:

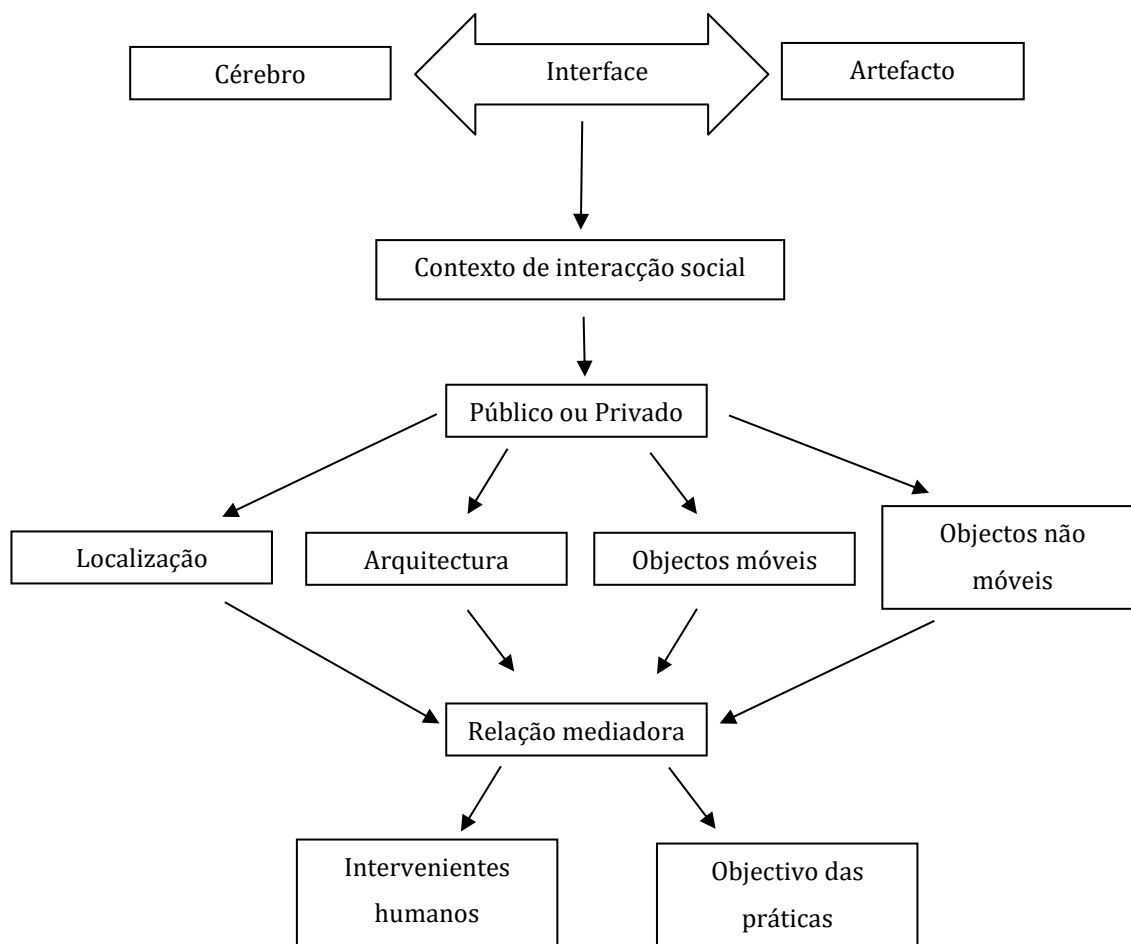
1. O conjunto material é representado pelos materiais simbólicos;
2. As práticas religiosas se associam à natureza funcional dos materiais;
3. O sistema de crenças se associa à natureza social dos materiais;
4. A interacção material-crença se torna a interface através da qual compreendemos a natureza das relações do homem com o meio e os outros homens.

Considerando a essência biossocial do homem, sabemos à partida que o entendemos enquanto ser plástico, adaptável aos ambientes que o circundam e capaz de o fazer de forma mais rápida quando inserido num grupo que lhe permite aprender, reconhecer padrões de comportamento, estabelecer sistemas de crenças e enaltecer ou rejeitar certas normas. Tendo estas características em mente, quando Malafouris fala sobre a interface entre o cérebro e o artefacto, fala fundamentalmente sobre a mente plástica e o papel que o objecto tem nessa capacidade que nos permite ser biologicamente sociais.

Nas relações que estabelecemos uns com os outros e com o meio, dotamos os nossos objectos de uma dupla natureza, uma funcional e outra social. Nesta duplicidade, atributo que como já vimos é essencial no processo de materialização e identificação, homem e objecto, cérebro e artefacto existem conectados por uma ponte que é capaz de definir tanto o valor simbólico dos segundos quanto as crenças dos primeiros.

⁶⁵ Ver (Malafouris, The Brain-Artefact Interface (BAI): A challenge for Archaeology and Cultural Neuroscience 2010, 265)

No esquema a seguir, podem ver-se algumas variáveis que se relacionam com a interface, na sua função mediadora e na sua relação com o contexto de interacção social.



Esquema 2 - Variáveis associadas ao interface cérebro-artefacto, tendo em conta a sua relação com o contexto de interacção social

Partindo deste esquema passaremos nos capítulos que se seguem a apresentar os materiais, as suas relações uns com os outros, com a cerâmica neles encontrada e com a arquitectura e funcionalidade pressuposta pelos arqueólogos do sítio.

Teremos em atenção que tentamos compreender dentro do contexto social, os objectos na sua relação de mediadores entre os homens e o meio, atentando na funcionalidade e simbolismo além-funcionalidade, apreendido através do interface

cérebro-artefacto e do que se pode supor acerca dos grupos que estavam mentalmente preparados para os utilizar.

Iremos abordar os materiais, primeiro a partir do esquema em cima e depois por grupo, avaliando uma possível relação entre as diferentes origens dos mesmos e a sua função dentro do grupo a que pertencem independentemente dos contextos em que foram encontrados e que podem não ter sido os únicos em que foram utilizados em tempo de vida útil.

5. Os materiais em estudo e a sua integração diacrónica⁶⁶

O sítio de Bet-Chan tem sido escavado desde os anos 20, resultando numa grande quantidade de áreas intervencionadas e terminologias em aplicação. Será apresentada a área R nos níveis estratigráficos R-1b e R-1a, equivalente à primeira ocupação do sítio depois das campanhas de Tutmés III em Méguido.

<u>Cronologia</u>	<u>Área</u>	<u>Nível</u>	<u>Dinastia</u>
B.F. IIA – 14 a.C.	R – 1a	IX A	XVIII/XIX
B.F. IB – 15 a.C.	R – 1b	IX B	XVIII

Tabela 3 - Cronologias, áreas e níveis em estudo para o período de ocupação egípcio

Importa saber que esta área foi dividida em pequenas zonas, consoante o tipo de actividade que ali se pensa ter processado e o arqueólogo responsável pelo sítio, assim, temos:

1. Escavações pelo Museu da Universidade (UME) – 1922-1933
 - (a) Quartos Norte e Pátio central;
 - (b) Edifício 68137;
 - (c) Edifício 68131;
 - (d) Rua e Edifício 18970;
 - (e) Fossa 68124;
 - (f) Fossa 58030;
 - (g) Quartos Sul e zona ocidental do Pátio;
 - (h) Quarteirão Nordeste.
2. Escavações pela Universidade Hebraica (HUE) – 1983 e 1989-1996
 - (a) Pátio central 1228;
 - (b) Exterior do Complexo do Templo 1230-1234;

⁶⁶ Ver nos anexos, p.150-156 os mapas e as plantas com a localização e cartografia de Bet-Chan.

- (c) Sala 1234 (Templo de Mekal);
- (d) Quartos 1232 e 1327;
- (e) Quartos 1236-1233;
- (f) Quarteirão Oriental 1339;
- (g) Quarteirão Nordeste 1322 e Edifício 1387;
- (h) Quarteirão Ocidental 1409;
- (i) Edifício 1397, 1240 e Rua 1238.

Para o presente trabalho, mantivemos as nomenclaturas das escavações da Universidade do Museu, contudo alterámos um pouco as associações entre áreas e salas que tinha sido exposta na tese de doutoramento do Dr. Robert Mullins, *Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison*, e que serviu como base quase exclusiva, no que concerne aos materiais e sua respectiva contextualização e tratamento, para a apresentação corrente⁶⁷.

A nomenclatura escolhida para aqui ser exposta é a seguinte:

1. Quartos Norte e Pátio 1228 associado;
2. Quarteirão Nordeste;
3. Pátio 1228 e exterior do templo 1230-1234;
4. Quarteirão Oriental;
5. Complexo Sul;
6. Rua;
7. Quarteirão Ocidental – Edifício 18970;
8. Edifício 1240.

No capítulo “Contextualização Histórica” fez-se uma breve apresentação sobre Bet-Chan durante os três séculos de ocupação egípcia, contudo, cada área intervencionada pelos investigadores é uma narrativa impar sendo sobremaneira relevante expor agora a área R como um conjunto distinto dos outros, não só por representar o primeiro momento de “ocupação” egípcia do sítio mas sobretudo porque cada porção do conjunto móvel e imóvel vai ser compreendido na esperança

⁶⁷ Ver nos anexos suplementares, p.159-161, a lista de associações entre zonas das escavações da Universidade Hebraica (HUE) e das escavações do Museu (UME).

de se encontrar uma das possíveis, quem sabe se não mesmo a mais plausível realidade, sobre o início da influência do Egipto do Império Novo em Bet-Chan e depois em toda a Canaã.

Os investigadores ainda não estão certos de ter existido uma presença efectiva do Egipto em Bet-Chan, contudo, parecem ter existido grupos, que teriam feito, pelo menos, algumas incursões ao local e ter sido de alguma forma capazes de introduzir, ainda no século XV a.C. alguns materiais egípcios, mesmo que em quantidades “pouco significativas”.

Numa análise social, em que os indivíduos existem enquanto membros de um agregado, os objectos que se encontram nas áreas públicas são representativos de práticas comuns, significativas para o conjunto na forma de estímulos positivos para os mesmos. Assim, qualquer material, quer apareça isoladamente quer como parte de um grande grupo tem um papel estrutural na mentalidade comunitária. Ou seja, de um ponto de visto social, se devemos ter em conta a quantidade de materiais que aparecem, também devemos ter em conta que o seu papel não diminuí nem aumenta por isto.

Quantidades são medidas de comparação não medidas de vulto na análise das variáveis materiais a ter em conta. É indispensável considerar origens, fabricos, técnicas e influências, na medida em que estas nos permitem ter uma imagem de conjunto do próprio grupo material enquanto representante do grupo humano e afixam numa escala temporal larga as transformações que são fundamentais compreender. Por outro lado, é essencial estudar os grupos comuns, quer por eles mesmos quer pela sua contextualização em relação aos grupos distintos que nos indicam, pelo seu carácter marcadamente diferente, características em relação ao ambiente em estudo.

Assim, independentemente de se considerar que os materiais de estilo-egípcio são poucos quantitativamente, vamos também considerar que é apenas uma característica intrínseca do conjunto humano que habitou Bet-Chan entre o século XV e XIV a.C. Não significa necessariamente que o grupo tivesse pouca influência egípcia ou que tenha resistido à entrada destes na sua cidade, pode antes significar uma estratégia de ocupação que pode não ter sido considerada até à data com pormenor.

Quer-se com isto dizer que fortalecendo a premissa de que em relação aos materiais da XVIII dinastia em Bet-Chan os mesmos consideram 1% do total de materiais encontrados e que durante as XIX e XX dinastias estes aumentam exponencialmente, “comprovando” um desenvolvimento das relações entre Egíptio e Canaã, o mesmo não implica que as ligações entre ambos não tenham sido de relevância.

Propõem-se aqui ter em conta que sempre que se referem materiais de estilo-egípcio se falam nos materiais que apresentam algumas singularidades físicas típicas do Vale do Nilo durante o Império Novo, nomeadamente em relação à forma, técnica de fabrico, pasta e decoração. Não comprometem uma origem egípcia, ou seja, uma importação, que aliás não se comprova para os materiais encontrados em Bet-Chan durante os primeiros momentos de ocupação.

“Several Loci from strata R-1a and R-1b contained rich pottery assemblage, mostly of local Canaanite types (...) Egyptian forms (“flower pots”, bowls and tall bottles), probably al local manufactured, were present but not very commons”⁶⁸.

Não sendo agora o capítulo para se discutirem estas questões, somava relevância demonstrar que uma das principais características deste período de ocupação é a escassez de materiais de estilo-egípcio, utilizada até à data como ponto de partida para não creditar a presença de grupos egípcios no local antes da XIX dinastia.

“Considering that 67% of the vessels from Str. R1b were bowls while fewer than 13% were storage containers or 7.6% cooking pots may support the idea that this particular area at Beth Shean was organized principally around worship (...). However, it is also fair to say that bowls were multi-functional, and apart from those clearly connected to worship as evidenced by the soot or residue in them, the higher numbers do not necessarily indicate ritual purposes”.

The variety of vessels and their quantities in Str. R1a seem to be fairly close to that found in the previous phase (...), suggesting that the function of the area did not change dramatically between the two phases. Bowls are also about 60% of the corpus and the quantities of cooking and storage vessels remain about the same. The number of lamps, however, almost doubles and goblets increase as well. If one includes the UME

⁶⁸ Ver (Mazar e Mullins 2007)

*goblets, it brings the total to 1%, which is twice the amount in Str. R2. This slow increase from 0.5% in R2 to 0.6% in R1b to 1% in R1a suggests that goblets are more common in LB IIA*⁶⁹.

Pode fechar-se assim um dos principais impedimentos dos arqueólogos em considerar Bet-Chan como um sítio ocupado pelos egípcios na XVIII dinastia. Estas estatísticas, compiladas pelo Dr. Robert Mullins demonstram que de facto os materiais, mesmo que consideravelmente poucos, são significativos o suficiente para serem desconsiderados e impossibilitarem quase sozinhos, toda uma hipótese de ocupação do sítio pelo Egito.

“Quando se pensa numa ocupação externa pensa-se normalmente que”:

1. O sítio em estudo tem de apresentar uma quantidade significativa de materiais exógenos, uma vez que estes parecem ser o comprovativo da presença de membros importantes da comunidade de origem;

2. Somente grupos importantes socialmente, ou seja, de uma classe social bem demarcada e exigentes de um estilo de vida, representado pelos seus materiais, ocuparia estes sítios;

3. Haveria uma distinção notável entre os habitantes locais e os habitantes exógenos, representada pelos designados “materiais nobres” ou de excepção;

4. Os estilos de vida seriam claramente diferentes e que por isso os elementos materiais e arquiteturais sofreriam mudanças visíveis pelo observador, tantos séculos depois;

5. Haveria sempre um ponto de resistência e um ponto de aceitação, onde ambos os grupos estariam expostos a um confronto cultural, que o registo material móvel e imóvel tem de demonstrar.

Sem ser possível, ou sequer desejável demonstrar que de factos estes preconceitos onde, enquanto investigadores, tentamos colocar as nossas noções de controlo, domínio, influência, ocupação ou cooperação, estão erradas, podemos por outro lado tentar ver que as nossas noções são frágeis e sustentadas em estudos etnográficos e da historiografia moderna e contemporânea, ainda muito agarradas

⁶⁹ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian 2002, 320, 323)

aos ideais do colonialismo, onde um povo é claramente dominante e outro dominado.

Tendo em consideração que o Egipto controla efectivamente a Núbia e transforma culturalmente todo o envolvente humano, o mesmo não pode ser tido em consideração para a Síria-Palestina onde grupos organizados em cidades-estado, mesmo que precárias e sem vínculos excepcionais entre elas, existiam e cooperavam, ainda que num nível mais perto do chefado, em algumas zonas, que do Estado propriamente dito.

Por outro lado, o Egipto é um Império e enquanto tal, todas as suas acções correspondem em grande medida a normas pré-estabelecidas existentes para permitirem uma coesão social que já aludimos em capítulos anteriores. Esta coesão implica que certas normas têm de ser cumpridas e certos protocolos respeitados, tanto interna quanto externamente, contudo, a ocupação da Síria-Palestina durante o Império Novo parece surgir de forma eventual e não confirmadamente planeada, pelo que podemos supor, ainda que com restrições, que terão existido planos menos restritos quanto à forma de ocupar/dominar este território.

Em capítulos mais à frente falar-se-á sobre o tipo de ocupação e do tipo de relações que poderão ter existido entre os dois “reinos”, mas por ora basta afirmar que Bet-Chan corresponde a um sítio único onde uma frequência de materiais de estilo-egípcio, ainda que diminuta, está presente e parece comprovar pelo menos o início das relações com uma presença mais vigorosa do Egipto em Canaã. Esclarecemos também que a quantidade material não é isoladamente uma componente suficientemente importante para impossibilitar os investigadores de ver uma presença de grupos egípcios, seja de que natureza for, no sítio. Acabamos com a ideia de que ainda pensamos a ocupação de territórios e povos de uma forma envelhecida e que a natureza algo incerta do próprio Egipto em relação a Canaã e à forma como queriam relacionar-se com as cidades-estado e os grupos ali presentes não fecham as portas a julgar possível uma presença egípcia, prolongada ou não, efectiva ou não, em Bet-Chan.

Pondo então de parte aquilo que é um dos focos principais, podemos agora evidenciar as relações existentes entre as diferentes zonas que constituem a área R em estudo. Importa notar que o estrato R-2 é ocupado antes mesmo da entrada do

Egipto, pelo que é muitas vezes utilizado como termo de comparação para a análise material.



Figura 4 - Mapa da área R de Bet-Chan, com as diferentes áreas em destaque, durante o século XV e início do XIV a.C. A vermelho os Quartos Norte, a rosa o Quarteirão Nordeste, a azul escuro o pátio 1228 e exterior do templo, a verde escuro as duas zonas do Quarteirão Oriental, a verde claro, o Complexo Sul, a amarelo a Rua, a azul claro, a localização do Quarteirão Ocidental e a roxo, o Edifício 1240.

Este nível tem um santuário que foi reconstruído precisamente no R-1b e parece ser o centro principal de todas as actividades no sítio. *“Only a short time passed between the end of the stratum R-2 temple and the foundation of the stratum R-1b complex”*⁷⁰, apontando assim para uma manutenção das populações entre os dois momentos, mesmo que se considere possível a entrada de grupos exógenos a Canaã.

⁷⁰ Ver (Mazar e Mullins 2007, 21)

Tal como acontecia no estrato R-2, também nos níveis IX (R-1b e R-1a) a actividade parece centrar-se em volta do complexo do templo 1230 -1234, composto pelas salas do templo, quartos auxiliares e salas de culto cananaicas para actividades como a cremação (Quarteirão Oriental).

“The principal unit in the sanctuary was rectangular Hall 1230 with massive stone walls; to its south, UME had excavated a cultic room containing raised platforms and cultic objects. Other parts of the sanctuary comprised various rooms and spaces arranged around a large central courtyard. Four stone-lined circular installations apparently served as roasting pits for animals sacrificed in the sanctuary. Several small rooms contained assemblages of bowls, lamps, and kraters decorated in the local Canaanite style, as well as several typical Egyptian- style vessels produced locally at Beth-Shean”⁷¹.

Dois outros quarteirões, o Nordeste e o Ocidental também parecem ter servido algum culto subsidiário, visível através das estruturas circulares de cremação (fossas) e de algumas escadarias pequenas que dariam acesso a pequenos altares ou lugares de culto, embora existam dúvidas quanto a este aspecto.

Os Quartos Norte e pátio 1228 associado terão sido para habitação, embora um pátio grande tenha sido adicionado durante o R-1a a uma das casas deste complexo, elevando estas habitações a um estatuto nobre ou perto disso.

Quanto aos edifícios 68137 e 68131, que aqui estão agrupados e designados por Complexo Sul estariam associados a cremação de animais, tendo sido encontrados vestígios de ossos e gordura. Não se sabe ao certo se estariam associados a actividades religiosas ou de consumo alimentar.

No exterior do templo, encontra-se um pátio onde também se teriam processado alguns movimentos rituais, associados ao complexo do templo, embora não se entendam muito bem que actividades seriam.

O Edifício 1240 é designado por “Casa do governador” e entendido como habitação nobre, sobretudo devido ao sistema banhar ali encontrado. Mais uma vez as certezas não existem, mas podem ser obviamente consideradas.

Terminamos com o arruamento, distinguido em três zonas, consoante a sua proximidade aos quartos auxiliares, á sala do forno ou ao complexo Sul.

⁷¹ Ver (A. Mazar, Tel Beth-Shean: History and Archaeology 2010, 249-250)

Depois de expormos de forma breve aquilo que são as grandes áreas do nível IX e o motivo pelo qual se podem distinguir, resta apresentar o sítio. Cada uma destas áreas está em relação com as outras, pelo que a apresentação seguinte será uma separação conseguida pela funcionalidade aparente de cada uma delas e analisada pelos arqueólogos já nomeados. Mais, terá de ficar a ideia geral que Bet-Chan seria uma comunidade coesa mas com as suas distinções sociais que poderão estar relacionadas com as áreas diferenciadas a seguir⁷².

5.1. Quartos Norte e Pátio 1228 associado⁷³

Sala 1385	Taça cerâmica piriforme
Sala 1389	Taça com decoração em serpente
Sala 1390	Pendente em vidro
Sala 1395	2 escaravinhos com inscrição
Sala 1403	3 pendentes em ouro
	“Roda” de vidro azul

Tabela 4 - Materiais e salas dos quartos Norte e Pátio 1228⁷⁴

Os quartos Norte foram provavelmente reconstruídos no nível R-1a, tendo sido acrescentado um pátio (1387) à casa principal, onde foram encontrados elementos de prestígio associados. A reconstrução ter-se-á dado depois de um incêndio, mas a falta de estruturas fixas em pedra não o consegue comprovar⁷⁵.

“Building 1387 is also somewhat isolated from other buildings, adding to its unique status. While there is no necessary relationship between the two structures it is

⁷² Quando, em capítulos a seguir, se fizerem as análises dos materiais e dos seus contextos sociais de aparecimento, iremos novamente regressar às áreas expostas e outros pormenores que não faziam sentido colocar aqui, serão apresentados, sobretudo para ajudar a construir os contextos enquanto sistemas activos. A sua ausência neste capítulo deve-se a uma tentativa de apresentar as diferentes zonas da forma mais simplificada e ausente de escrutínios maiores que impossibilitariam construir esta tese como um modelo social, baseada nos materiais sempre em relação ao homem e nunca isoladamente e em relação exclusiva com eles mesmos e a arquitectura envolvente.

⁷³ Ver nos anexos, p.162, as imagens dos materiais em lista.

⁷⁴ Todos estes materiais parecem referir-se ao nível R-1a, mesmo que as estruturas tenham sido construídas no nível R-1b.

⁷⁵ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian 2002, 46)

*perhaps worth noting that building 1387 sits below the so-called “commandant’s house” of Level VII*⁷⁶.

Associados estão os quartos 1388, 1385, 1390, 1396, 1393, e 1394, de onde vêm os materiais que se expuseram na tabela em cima.

Pode concluir-se genericamente o seguinte sobre a cerâmica encontrada neste quarteirão:

1. A taça piriforme micénica é uma importação, provavelmente chegada ao porto de Tell Abu Hawam⁷⁷;

2. A partir dela os arqueólogos propuseram uma cronologia que aponta para o século XIV a.C., uma vez que o modelo pertence ao LH III A2⁷⁸;

3. A cerâmica deste quarteirão Norte apresenta ainda alguma quantidade de taças carenadas e *Kraters* já existentes deste o Bronze Médio;

4. Uma grande variedade de *Kraters*, com funções diferentes e distribuições geográficas e cronológicas podem indicar uma abertura significativa das populações locais a aceitarem os modelos que os comerciantes escolhiam;

5. A presença de jarras ocorre desde o Bronze Médio tendo, no entanto, maior amplitude durante o Bronze Final, embora as decorações sejam mais típicas do período antecedente;

6. A presença de um jarro de forma pouco comum na Palestina durante o Bronze Final, aparece no mesmo quarto que a taça piriforme. As asas parecem comprovar uma ascendência egeia para o mesmo;

7. A presença de um jarro de pescoço alto egípcio, mostra a confluência de ambas as realidades num mesmo espaço, sem apresentarem sinais de conflito.

No fundo, é dizer que se notam continuações desde o Bronze Médio, nomeadamente ao nível das cerâmicas micénicas e dos modelos comuns, encontrados um pouco por todo o Levante. De novo apareceu o jarro com elementos egeus e um jarro egípcio de pescoço alto, mostra das introduções culturais que Bet-Chan vai a partir deste período apresentar.

⁷⁶ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002, 322-323)

⁷⁷ *Idem.*

⁷⁸ *Idem.* – Significa *Late Helladic* III A2, ou seja, Heládico Tardio III A2. Representa uma fase já no século XIV a.C. onde o comércio estabelecido entre as ilhas de Creta e o Oriente era recorrente e os materiais eram normais tanto no Egito, como na Síria-Palestina.

Como noutras zonas da área R, entre o nível R-2 e os níveis R-1b e R-1a parece ter-se passado um curto espaço de tempo, demonstrando provavelmente a permanência dos grupos que ocupavam o sítio antes da influência directa do Egipto e depois, possibilitando-nos falar em assimilação cultural e aglutinação de certos valores culturais mais do que propriamente numa aculturação ou numa mudança de paradigma.

A construção do pátio, algo isolado, também parece importante de notar, sobretudo se se pensar que a técnica construtiva e a planta se mantêm cananaicas, mesmo quando os materiais têm origens tão diversas, quanto o Egipto, o Mitani ou Egeus.

5.2. Quarteirão Nordeste⁷⁹

1222	Boca de trombeta
1227	Estátua egípcia em basalto
1322	Pendente em ouro
1323	2 Cilindros-selo em faiança
	Figurinha de bronze e banhada a ouro

Tabela 5 - Materiais e salas do Quarteirão Nordeste⁸⁰

A sala 1222 foi construída durante o R-1a sobre uma plataforma pré-existente da fase anterior⁸¹. Embora durante as escavações dos anos 20 se tenha feito referência a uns degraus que dariam para uma plataforma elevada nesta sala, nas escavações mais recentes não foram registadas evidências dos mesmos.

Na sala 1227 a cerâmica encontrada pertence a modelos do Bronze Médio e Final e embora se considere este quarteirão um templo antigo, os materiais, embora relevantes não parecem diferir muito de outros encontrados no Quarteirão doméstico.

"On the whole, Penn 1322 is not a convincing building, much less a temple. It was more probably a courtyard during LB (...) since the miniature (votive) bowls have

⁷⁹ Ver nos anexos, p.163, as imagens dos materiais em lista.

⁸⁰ Os materiais das salas 1222 e 1323 são do nível R-1a e os restantes do nível R-1b.

⁸¹ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian 2002, 98)

their closest parallels in the MB corpus, it is possible that they belonged to worship activities in this area during Level X. Even in Level IX there may have been some subsidiary cultic activity here"⁸².

A sala 1323 seria aberta para o pátio e também ali foram encontradas cerâmicas do Bronze Médio e Final, embora os jarrões sejam já do século XIII a.C.⁸³.

Pode concluir-se genericamente o seguinte acerca da cerâmica deste quarteirão:

1. Na sala 1222, a grande maioria da cerâmica apresenta modelos do Bronze Médio, sobretudo com taças comuns, de diversas dimensões, potes de cozinhar e pequenos contentores;

2. Desta mesma sala saiu um dos poucos exemplares do Bronze IIA de um *"Flowerpot"*, modelo típico do Egito, para armazenagem de unguentos ou óleos;

3. Também da sala 1227 a maioria da cerâmica são taças comuns, carenadas e de maiores dimensões, modelos do Bronze Médio que se mantêm na região;

4. Na sala 1322, aparecem de excepção os designados vasos miniaturas, semelhantes a umas tipologias do período anterior que talvez se possam associar a actividades de culto já existentes naquela zona e anteriores ao nível IX;

5. Apareceu também uma lamparina com grande abertura, pouco comum, mas que vai aumentar em número nos períodos seguintes;

6. Na sala 1323, mantêm-se as grandes quantidades de taças comuns, carenadas e não carenadas, de pequenas e grandes dimensões, normalmente baixas;

7. Apareceram um *Krater* carenado e de pescoço alto, pequenos contentores em forma de jarros, tanto de modelos antigos como de modelos mais tardios e ainda um vaso bicónico com asa, semelhante às tipologias do egeu;

8. Por fim, conta-se ainda com a presença de mais um vaso em miniatura, aberto, com semelhança a outros do Bronze Médio.

⁸² Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002, 98)

⁸³ Idem. p.97

5.3. Pátio 1228 e exterior do templo 1230-1234⁸⁴

1228	2 Cilindros-selo do Mitani
	2 Cilindros-selo de faiança
	Escaravelho de Tutmés III
	Caco com figura masculina
	Caco com figura feminina
1233	2 Pendentes de faiança
1235	Pendente de faiança
	Pendente com leão e Touro
	Adaga de bronze

Tabela 6 - Materiais e salas do Pátio 1228⁸⁵

O pátio 1228 foi sendo aumentado à medida que as escavações decorriam e pensa-se que estejam relacionadas com actividades no exterior ao complexo do templo 1230 e 1234, bem como aos quarteirões Nordeste e Noroeste, embora esta natureza seja algo incerta.

A zona 1235 é encarada *“as the entrance court to the Mekal temple (1234) and a place for ritual slaughter with steps (246) going up to a sacrificial altar (248) and a channel leading into a sump (249) where he believed a pottery vessel once sat to catch the fluids”*⁸⁶.

Pode concluir-se genericamente o seguinte acerca da cerâmica do pátio 1228 e exterior do templo 1230-1234:

1. Do pátio 1228, saíram sobretudo taças comuns de médias e grandes dimensões;
2. Encontrou-se também um cálice de pé alto com bordos arredondados e um contentor pequeno, em forma de jarro e de estilo tardio;

⁸⁴ Ver nos anexos, p.164, as imagens dos materiais em lista.

⁸⁵ Todos estes materiais parecem vir do nível R-1b.

⁸⁶ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian 2002, 86)

3. De monta, conta-se com um vaso bicónico com uma asa, acerca do qual se pode dizer, “The LB goblet is generally regarded as a development of late MB II carinated bowls and chalices”⁸⁷;

4. Da zona 1233 veio novamente um cálice do mesmo modelo já referido para o pátio 1228, uma taça tripé e um vaso bicónico com duas asas;

5. Da zona 1235 veio mais um cálice, em tudo semelhante aos anteriores;

6. A este junta-se uma taça funda, um *Krater* com pescoço alto e uma lamparina muito longa.

5.4. Quarteirão Oriental⁸⁸

1232	Cálice decorado
	Figurinha feminina em cerâmica
	Placa de marfim
	Adaga em bronze
	2 Pendentes em faiança
1234	2 Taças em faiança
	2 Escaravinhos de esteatite
	4 Pendentes em faiança
	Crescente em prata
	Molde de joalheria em esteatite
	Altar de basalto
	Botão em calcário
1236	Taça de quatro pés
	Botão de alabastro
1326	Pendente em faiança
1330	Estela “Mekal”
1332	Taça micénica
	Escaravelho de esteatite
1333	Escaravelho de esteatite
	Figurinha feminina de cerâmica
	Botão de mármore
1337	<i>Krater</i> micénico
1339	Pendente em pedra

⁸⁷ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002, 211)

⁸⁸ Ver nos anexos, p.165-168, as imagens dos materiais em lista.

Contexto indiferenciado	Botão em mármore
	Botão de gipsite
	Botão de alabastro
	Cilindro-selo do Mitani
	Cilindro-selo de faiança
	Escaravelho de Thutmose III em esteatite
	Escaravelho em faiança

Tabela 7 - Materiais e salas do Quarteirão Oriental (Complexo do templo 1230-1234)

A sala 1232 situa-se entre as áreas dos templos 1230 e 1234, podendo ser considerada talvez uma sala do tesouro⁸⁹. Nela foram encontradas grandes quantidades de detritos, provavelmente originários do nível VIII, que se seguiu⁹⁰.

A grande maioria da cerâmica é comum ao Bronze Médio, embora ali se encontrem em contexto com outros modelos do Bronze Final II. Quanto aos artefactos de relevo, encontraram-se uma das maiores concentrações de todo o nível IX, incluindo *“a polished ivory cosmetic box, the ivory inlay of a crouching man (African?) with upraised hands”*⁹¹.

O Complexo do templo 1230 e 1234 teria funções religiosas associadas ao pátio 1228. *“Rowe called hall 1234 by various names including the “Southern Temple of Thothmes III,” the “Mekal temple of Thothmes III” and the “Inner Sanctuary”*⁹².

Orienta-se para Norte e toda a construção lembra a dos templos do nível VII-VI. Teria uma zona de sacrifício animal e um altar para oferendas.

*“The possibility of an open walled-in court serving a ritual function in relation to a main temple like hall 1230 is quite plausible”*⁹³ contudo não existem provas conclusivas.

“It seems that hall 1234 was a separate shrine from hall 1230. Either it was dedicated to a different deity (perhaps Mekal if the Level VII temple above was

⁸⁹ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002, 334)

⁹⁰ *Idem.* 83-84

⁹¹ *Idem.* 90

⁹² *Idem.* 87

⁹³ *Idem.* p.89

*dedicated to him) or served a subsidiary role to the worship that took place in hall 1230*⁹⁴

O complexo do templo funcionaria associado a um conjunto de quartos auxiliares, entre os quais os 1236, 1237 e 1230. A sala 1236 foi designada por Sala do Altar ou sacrificial⁹⁵. Na sala 1237 estava uma pedra de oferendas circular.

A sala 1330, também associada aos quartos auxiliares do templo, foi onde se encontrou a “Estela de Mekal” que embora se considere do nível IX, pode antes ser do Nível VIII⁹⁶. *“Three more stone columns were found (267, 268, and 269) – also thought by Rowe to support cult objects (...) such columns may have served a cultic purpose. Almost all of the pottery from here is MB with a few LB II finds”*⁹⁷.

A sala 1333 é designada por “Sala do Forno”. Aqui foi encontrada uma estrutura circular para cremação animal, semelhante a outras dispersas pelas estruturas do nível IX. A sala era fechada e serviria para práticas religiosas auxiliares ao templo 1234.

As salas 1337 e 1339 seriam áreas abertas e nelas se encontraram mais três estruturas circulares de pedra similares à encontrada na Sala do Forno 1333⁹⁸. Mais uma vez auxiliariam actividades de culto que de alguma forma não teriam lugar dentro do complexo do templo 1230-1234.

Pode concluir-se genericamente o seguinte acerca da cerâmica deste quarteirão:

1. Da sala 1232, entre o templo 1230 e 1234, descobriram-se taças comuns de tamanho médio, embora em pouca quantidade relativamente às encontradas nas áreas já expostas;

2. Vieram ainda um cálice carenado, um vaso bicónico com uma asa, um vaso miniatura pequeno, uma taça de pé alto e uma lamparina larga, modelos que vão buscar a sua influência ao Bronze Médio, mas que sofrem alterações no período em questão;

⁹⁴ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian 2002, 124)

⁹⁵ *Idem.* 91

⁹⁶ *Idem.* 83

⁹⁷ *Idem.* 92

⁹⁸ *Idem.* 94

3. Da zona 1234, perto das escadas para o altar do templo, vieram taças comuns grandes e médias, do mesmo modelo encontrado nas outras áreas do sítio;
4. A estas, junta-se um Krater tipo *pithoi*, um contentor pequeno e fechado, provavelmente para unguentos, um vaso miniatura aberto e uma lamparina larga, igual à da sala 1232;
5. Apareceu também um contentor grande e fechado, tipo ânfora egípcia;
6. Da sala 1236, dentro do templo 1230 vieram as mesmas taças comuns grandes e médias, um cálice de pé alto, um “pires” e um pequeno contentor de pescoço curto, em estilo tardio;
7. Do quarto auxiliar 1236, vieram duas taças de estilo Egípcio-cananaico com bases planas e redondas;
8. Contamos também com um cálice igual aos restantes já mencionados, um vaso miniatura aberto e um copo de pé alto, aos quais se juntou um grande contentor comum;
9. Do quarto auxiliar 1330, onde apareceu a estela de Mekal, vieram somente modelos comuns, mas delicados e de grande dimensão e taças tipo Krater;
10. Da sala 1332, por cima da sala do forno, a grande maioria são taças comuns de grandes e médias dimensões, como vem sendo hábito, mas com a diferença de se reportarem todas a modelos egípcios, dos quais se fala ainda de uma taça giratória;
11. Encontraram-se mais cálices e pires, contentores pequenos de estilo antigo, vasos bicónicos com duas asas e um vaso tipo “*Flowerpot*”;
12. Da sala do forno, 1333, vieram somente mais um vaso tipo “*Flowerpot*” e mais taças comuns de grandes e médias dimensões;
13. A sala 1337 é a sala mais à direita do complexo e só se registou um contentor pequeno;
14. Terminamos com o quarto auxiliar 1329 com duas taças, uma muito funda e outra carenada, de modelos do Bronze Médio.

5.5. Complexo Sul⁹⁹

1241	Cilindro-selo de esteatite
	Pendente em faiança
1397	Disco de vidro
	"Baetyl" de basalto
1398	Figurinha feminina de cerâmica
	Caco com gazelas

Tabela 8 - Materiais e salas do Complexo sul¹⁰⁰

A área 1241 situa-se perto da sala 1397 onde foi encontrada a estrutura circular de pedra. Esta área seria um pequeno pátio exterior onde foram encontradas grandes quantidades de materiais cerâmicos.

A sala 1397 poderá ter estado associada às actividades do complexo do templo 1230-1234¹⁰¹. *"Rowe originally called this "the room behind the Great Stepped Altar"*¹⁰².

Ali foi encontrada uma estrutura de cremação com uma quantidade significativa de ossos de animais misturados com gordura¹⁰³. *"In the case of room 1397, Rowe claims to have found benches along the walls; thus, we might envision a room for the consumption of sacred meals. So far, these installations are unparalleled in the ancient Levant"*¹⁰⁴.

O conjunto material revela semelhanças com modelos do Bronze Final, mais tipicamente com tipos encontrados no vale do Nilo para o século XIV a.C.

Pode concluir-se genericamente o seguinte acerca da cerâmica do Complexo Sul:

1. Do espaço 1241, entre o edifício 68535 e a sala de cremação do pátio, veio um cone que levava tampa;

⁹⁹ Ver nos anexos, p.169, as imagens dos materiais em lista.

¹⁰⁰ Os materiais da sala 1397 são do nível R-1a e os restantes do R-1b.

¹⁰¹ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian 2002, 82)

¹⁰² *Idem.* 108

¹⁰³ *Idem.* 127

¹⁰⁴ *Idem.* 322

2. Na sala 1398, no edifício 68535, apareceram as taças comuns de média dimensão e algumas delicadas;

3. De monta apareceu uma taça de estilo Egípcio-cananaico com base redonda, um copo grande e uma lamparina longa;

4. Por fim, na sala 1398, veio um vaso tipo “*Flowerpot*”, um vaso bicónico tipo Krater e uma taça muito funda, semelhante a outras já descritas.

5.6. Rua¹⁰⁵

1391	Estela do Leão e do Cão
1340	Escaravelho Tutmés III
1238	Figurinha de faiança

Tabela 9 - Materiais e salas da Rua 1238¹⁰⁶

A área da rua foi escavada nos anos 20 e pensa-se que “*this would be the peripheral road in its latest form, since the town-plan changes entirely in Level VII*”¹⁰⁷.

A unidade 1391 fica perto do edifício 1397 onde existem uns degraus com uma plataforma elevada. A estela encontrada no sítio pode representar actividades de culto.

*“It is tempting to suggest in light of such finds in a large open area at the end of street 1238 that chariots and/or horses belonging to the Egyptian stronghold were corralled here, though we are still faced with the difficulty of knowing whether these were really chariot parts”*¹⁰⁸.

Entre o pátio 1228 e a rua 1238 existiria uma conexão provavelmente conseguida através da sala 1397 onde se prestavam cultos, como foi já referido.

*“The architecture begins to disappear in 1340, indicating that street 1238 ended in the large open area of locus 1339”*¹⁰⁹. Esta zona da rua conectar-se-ia com a sala do Forno 1333 e estaria relacionada com a circulação de gentes como

¹⁰⁵ Ver nos anexos, p.170, as imagens dos materiais em lista.

¹⁰⁶ Os materiais da sala 1340 e 1238 são do nível R-1a e o outro do nível R-1b.

¹⁰⁷ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian 2002, 65)

¹⁰⁸ *Idem.* 95

¹⁰⁹ *Idem.* 111

sacerdotes ou mesmo governadores, sobretudo tendo em conta que o Edifício 1240 é entendido como estrutura nobre.

Pode concluir-se genericamente o seguinte acerca da cerâmica da Rua:

1. Apareceram cerâmicas comuns de dimensões médias, bem como taças Egípcio-cananaico, de modelos semelhantes às já mencionadas e um jarro egípcio em forma de gota;
2. De monta, conta-se ainda com um pires e um copo de forma tubular.

5.7. Quarteirão Ocidental – Edifício 18970¹¹⁰

1400	Botão de quartzito
	Pedestal de culto
1405	Espada <i>Khepesh</i>
	Figurinha feminina em cerâmica
1407	Figurinha feminina em cerâmica
Indefinido	Cilindro-selo
	Cilindro-selo

Tabela 10 - Materiais e salas do Quarteirão Ocidental¹¹¹

“Penn 1400 was part of a large open area of Penn 1409”¹¹². Esta sala foi escavada nas temporadas dos anos 90 e a partir destas verificou-se que a quantidade de cerâmica ali encontrada era demasiada para as proporções descritas pelas escavações dos anos 20. Os modelos são exclusivos do Bronze Final I-II e incluem tipologias mistas.

A sala 1405 localiza-se perto da fossa de cremação 88561, embora seja difícil comprovar que esta tenha pertencido á sala em questão¹¹³. *“We have no idea how room 1405 closed on the east or on the south”¹¹⁴*. Sabe-se, contudo, que a sala existiu e foi utilizada durante a fase R-1b e R-1a.

¹¹⁰ Ver nos anexos, p.171, as imagens dos materiais em lista.

¹¹¹ Os materiais da sala 1400 e 1405 são do nível R-1a e os restantes do nível R-1b.

¹¹² Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian 2002, 64)

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ Idem. p.65

“Somewhere in this unit Rowe found an almost complete bronze khepesh or sickle sword (Pl. 70:3) and a female mold-made plaque figurine broken from the midriff upwards and from the ankles down”¹¹⁵.

A sala 1407 terá sido construída durante a fase R-1b, mas terá sofrido acrescentos durante a fase seguinte. Sabe-se que tanto esta sala como algumas outras circundantes teriam portas¹¹⁶, pelo que podem ser consideradas quartos individuais de um mesmo edifício.

Pode concluir-se genericamente o seguinte acerca da cerâmica deste quarteirão:

1. Da sala 1400 vieram as já referidas taças comuns de médias e grandes dimensões;
2. A estas juntam-se as taças comuns, delicadas, de médias dimensões e um cálice, semelhante aos restantes;
3. Vieram ainda um *Krater* com pescoço alto, um pequeno contentor, tipo jarro, para unguentos, um outro, mais fundo e de estilo tardio, um vaso miniatura, também remanescente dos modelos do Bronze Médio e um copo alto bicónico;
4. Da sala 1407 vieram somente modelos Egípcio-cananaicos, vasos miniaturas e pequenos contentores.

5.8. Edifício 1240¹¹⁷

1240	Pendente em faiança
	Botão em mármore
1392	Cilindro-selo de cerâmica

Tabela 11 - Materiais e salas do Edifício 1240¹¹⁸

¹¹⁵ Ver (Mullins, Beth-Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite settlement to Egyptian Garrison 2002, 107)

¹¹⁶ *Idem.* p.103

¹¹⁷ Ver nos anexos, p.172, as imagens dos materiais em lista.

¹¹⁸ É complicado perceber de que nível são estes materiais, pelo que serão tratados como parte geral do nível IX, estrato R, pertencentes, portanto ao primeiro momento de ocupação de Bet-Chan e presentes naquilo que foi apelidado de Edifício monumental ou casa do governador.

“It was a monumental building that served as an as an administrative building/ palace/residency in the Canaanite tradition”¹¹⁹.

O Edifício 1240 tem sido interpretado *“as a large public building or perhaps the residency of a high-ranking official. Its date of construction is difficult to determine since there appears to be only one major building phase”¹²⁰.*

Teria chão de terra batida e um grande conjunto de tubagens subterrâneas ligadas à passagem de águas. A isto acrescenta-se uma sala de banhos, o que lhe confere ainda mais um estatuto de especialidade.

“Building 1240 covered three pits (1338, 1327, and 1351), providing a terminus ante quem date for any LB pottery found inside the pits. Pit 1336 was only partially covered by a wall of building 1240”¹²¹.

“At this time, Beth Shean may have been the regional headquarters for an official, perhaps the supervisor of a sub-district or a rabicu or at least a circuit basis”¹²². Não era, contudo, um Edifício amuralhado ou parte integrante de um Sistema de fortificações como os arqueólogos dos anos 20 propuseram, muito menos uma estrutura de culto.

Pode concluir-se genericamente o seguinte acerca da cerâmica do Edifício 1240:

1. Encontraram-se um *Krater* tipo pithoi, um cone para levar tampa, um vaso miniatura de forma aberta e um copo tubular, sendo que as taças são pouco comuns.

¹¹⁹ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian 2002, 125)

¹²⁰ *Idem.* p.111

¹²¹ *Idem.* p.117

¹²² *Idem.* p.134-135

6. Análise social dos materiais por contexto de interacção

6.1. Quartos Norte e Pátio 1228 associado

Para compreender este quarteirão, teremos primeiro em atenção a natureza dos materiais mágico-simbólicos, todos sob a forma de pendentes em ouro e em vidro. A estes, junta-se uma taça piriforme micénica e um jarro de modelo egeu, um jarro muito típico do Bronze Médio de Canaã e um jarro de pescoço alto egípcio.

Apostando na produção local de todos estes objectos, com excepção do jarro egeu e da taça piriforme, não parece arriscado falar numa manutenção da cultura material, mesmo quando se introduzem novos modelos.

As três palavras-chave para descrever este contexto de interacção social são coesão, aglutinação e manutenção, representando as relações que o grupo humano ali presente teve com os outros grupos humanos e com o meio social e cultural em que se inseria.

Falamos em coesão social pois os materiais ali existentes, mesmo quando são genericamente diferentes de outros existentes nas diversas zonas do nível IX e dos existentes no nível anterior e posterior, fazem parte do mesmo modelo socio-cultural. Modelo que se pode exprimir pelos seguintes pontos:

1. Manutenção dos modelos cerâmicos comuns cananaicos e micénicos;
2. Manutenção de iconografias mesopotâmicas;
3. Manutenção das formas arquitectónicas;
4. Manutenção da técnica construtiva;
5. Introdução de modelos cerâmicos egípcios;
6. Introdução de materiais simbólicos egípcios;
7. Introdução de técnicas de fabrico egípcias;
8. Aglutinação de elementos locais, mesopotâmicos, egípcios e egeus.

Perante uma arquitectura que se mantém desde o Bronze Médio, não só em termos de planta, mas também nos materiais e técnica utilizados na construção e,

tendo em conta que a reconstrução destes quartos no nível IX, num período de tempo que não parece ser significativo e que se inscreve no acréscimo de um pátio interior, num sítio onde em níveis posteriores se construiu a chamada “casa do governador”, pode significar a presença do mesmo grupo, que não tem problemas em manter o ambiente em que interage mas que lhe associa novos elementos, presentes dali para a frente em todo o sítio e gradualmente mais populares junto de toda a gente.

A essência pessoal do conjunto simbólico em estudo é uma das características principais para se entender o tipo de indivíduos e o tipo de grupos que ali estiveram. É natural pensar que se está perante um ambiente deposicional em que os elementos visíveis são apenas uma pequena amostra do que seria o total dos elementos ali presentes, contudo, a falta de peças monumentais, como estátuas ou estelas, a ausência dos principais objectos egípcios deste nível, os escaravinhos e dos objectos mesopotâmicos, os cilindros-selo dão mostras de uma certa diferença entre o grupo humano representado neste quarteirão e os grupos dos quarteirões adjacentes.

Pegando novamente na ideia de serem, independentemente da sua origem ou carácter visual, objectos de uso privado, consegue-se associar-lhes uma natureza sobretudo simbólica, com valor pessoal, mais ligada a uma crença do que a um conjunto de práticas, especialmente ligada ao símbolo do lótus, mas também de uma entidade feminina, seja ela uma divindade ou somente uma representação genérica de uma figura feminina. O trabalho do ouro admite um estatuto social mais elevado, o mesmo acontecendo com o vidro, adicionando aos indivíduos deste grupo um lugar de destaque na sociedade, se bem que possa não ser exactamente pela riqueza bruta do mesmo, mas antes por um qualquer estatuto social de maior importância e relacionado com as actividades políticas, religiosas ou administrativas de Bet-Chan.

A introdução de objectos egípcios em Bet-Chan começa aqui, na área R. É complicado entender em quais das zonas escavadas nesta área a introdução ocorreu primeiro, impossibilitando-nos de compreender a evolução na utilização destes objectos pelos grupos ali presentes, contudo, se pensar-mos em termos sociais, a partir do momento em que um conjunto material é tido como de prestígio, serão as camadas superiores de uma população a obterem-nos, pelo que o segredo é

precisamente tentar ver que tipo de objectos egípcios eram estes e aquilo que eles significavam para as populações que os começam a utilizar.

Existem duas maneiras de os elementos egípcios terem entrado em Bet-Chan, a primeira tem que ver com as rotas comerciais e com a tentativa de controlo territorial que o Egipto de Tutmés III tentou na terra de Canaã. Nesta perspectiva, sabemos que existiram contactos directos entre os grupos militares e comerciais vindos do Egipto e os grupos locais cananaicos, pelo que, em relações amigáveis entre ambos, a chegada de gentes com objectos pessoais tipicamente egípcios pode ter suscitado a imitação pelas elites locais, dos mesmos, ou por outro lado, a introdução destes através da ocupação efectiva de alguns grupos egípcios nas cidades cananaicas, que produziriam os seus próprios objectos, que pouco a pouco e com o aumento das relações entre Egipto e Canaã levou a uma aglutinação material bem aceite por todos os habitantes locais, independentemente da sua origem, estatuto social ou grupo.

A segunda tem que ver com a introdução destes através dos micénicos e das rotas comerciais marítimas a que já aludimos na “contextualização geográfica” deste trabalho, que passavam pelo porto de Tell abu Hawam, através do qual seriam depois distribuídas regionalmente. Embora esta hipótese seja real para os materiais egeus encontrados em Bet-Chan, a sua possibilidade para os materiais egípcios parece mais remota, contudo, é importante apresentar as várias conjecturas e estudá-las a partir dos materiais de que dispomos.

Assim, temos a certeza de que com Tutmés III a presença de guarnições militares em Canaã é assegurada, tanto nas cidades que tenta conquistar e conquista como em outras por onde passa apenas. Em Bet-Chan, durante as escavações do nível IX foram encontrados três escaravelhos com o nome de Tutmés III, provavelmente utilizados para fins administrativos ou protectores, pelo que a presença de grupos egípcios neste sítio confirma-nos que a primeira hipótese de um contacto directo entre grupos locais e exógenos, seguido de uma imitação das elites e de uma produção local de alguns elementos mais significativos é a mais plausível.

Tendo ainda em conta a simbologia do lótus que é, embora consensual em todo o Levante, mais utilizada no Egipto, faz-nos também pensar na apropriação deste símbolo que passa a ser um referencial para as ideias de divino, solar,

fertilidade ou morte¹²³, ideias que aliás são comuns por toda a região oriental, mas que iconograficamente têm as suas diferenças. Pegar num único símbolo com um significado além-funcionalidade tão geral e ao mesmo tempo tão específico torna o lótus e os grupos que o utilizam não só conhecedores das crenças egípcias, mas também das crenças cananaicas, pois, de uma forma simples, foram capazes de introduzir uma iconografia sem, contudo, alterar a conjectura religiosa local.

O facto de serem pendentes, representa ainda a apropriação de uma crença pessoal que não precisa em momento algum de entrar em conflito com outras crenças ou referenciais visuais em ambientes públicos e em contextos religiosos específicos. É, portanto, um sincretismo perfeito, revelando identidade, identificação, coesão, aceitação, miscigenação e homogeneização.

Identidade, quando se pensa no seu carácter pessoal, identificação social quando se pensa na presença de mais do que um único elemento semelhante e, portanto, na possibilidade de serem um símbolo do grupo e não apenas de um membro do mesmo. Coesão porque como vimos não há conflito entre crença e prática e entre ambiente privado e público. Miscigenação quando aparecem em contexto com outros materiais com origens diferentes ou quando um mesmo objecto tem muita mistura de elementos. Por fim a homogeneização porque, na mesma linha da coesão social, pensar que um único grupo foi capaz de unir tão diferentes iconografias, sem perder a harmonia do conjunto e sem formar confrontos ideológicos é pensar que o conhecimento era algo partilhado por todos e parte de um modelo de vida quotidiano, em que a conversa e a patilha de informação eram exequíveis e permitia a criação de vínculos.

Não parece ser possível ver uma hierarquia dentro deste quarteirão, contudo pode fazer sentido ver neste grupo uma classe social com alguma importância, o que dado o carácter religioso dos materiais, mas sem uma presença visual extrema em termos de demarcação social, pode revelar uma elite, local ou mesclada, que mantém o seu sistema de crenças, mas não pretende impor-se como dominante.

Deveriam utilizar o complexo do templo para as actividades públicas religiosas e uma análise posterior dos materiais ali encontrados, em capítulos mais à frente, poderá demonstrar até que ponto se consegue identificar este grupo no

¹²³ Ver (H. Thompson 1970, 52)

grupo público e em que medida práticas privadas e públicas poderiam diferir ou convergir, num ambiente socialmente coeso.

Falámos também na criação de vínculos como sendo uma parte especialmente importante na criação desta coesão social, o que, tendo em consideração o sincretismo explanado, parece óbvio ter existido aqui, criando memórias partilhadas pelos vários membros de um grupo e permitindo-lhes manter-se, através de quaisquer estímulos internos e externos positivos, sobretudo na comparação com os outros membros da sociedade em que se inserem.

Outros pendentes aparecem também no pátio entre o templo e estes quartos, no quarteirão Nordeste e no quarteirão Oriental, sendo preciso analisá-los em pormenor para ver até que ponto estes se assemelham enquanto conjunto ou enquanto parte de um contexto de interacção. Mais à frente, quando se analisar os quarteirões referidos, esta associação será devidamente apresentada.

Para terminar, pegando no esquema 1 - Interacção entre os elementos mediadores na formação e análise da realidade social no presente estudo – pode dizer-se o seguinte acerca da realidade social:

1. *Práticas religiosas*: privadas (orações, preces, feitiços, etc.) e socialmente aceites (sem sinais de conflitos entre contextos privados e públicos);
2. *Sistema de crenças*: comuns (simbologias semelhantes pelo Levante mesmo que com referências diferentes) e tradicionais (com materiais desde o Bronze médio em relação com os novos materiais, sobretudo mesopotâmicos);
3. *Cultura material*: tradicional (com produções locais desde o Bronze Médio, incluindo elementos locais e egeus) e inovadora (com a introdução, principalmente, de materiais egípcios);
4. *Interacção material-crença*: coesão (com a manutenção de formas locais e exógenas), vínculo (com mistura de atributos num só objecto) e identidade (com a produção de artefactos tão únicos na conjectura social do sítio nesta cronologia).

A interface ou contexto de interacção social é neste caso privado, correspondendo a uma zona habitacional, de planta e construção local, com objectos de fabrico local, egeus, egípcios e mesopotâmicos, que nos dão mostras de uma relação entre o Homem e um meio diário, onde a conservação e a inovação eram

equivalentes e o principal objectivo era o de uma vida baseada em crenças num sagrado misterioso do qual dependiam, como mostram os símbolos de protecção e fé.

Se atentarmos nas 9 funções da consciência vemos que a aceitação de estímulos externos foi sem dúvida essencial e sempre em contexto com o ambiente socio-cultural existente, a adaptação social foi feita através da adopção de novas realidades culturais. O facto de estarmos perante grupos semi-nómadas e sedentários habituados a constantes mudanças ambientais promoveu a fácil aceitação de novos conteúdos que de algum modo seriam a melhor maneira para promover a sua própria sobrevivência. Mesmo perante a chegada de gente estranha ao sítio de Bet-Chan, a população que ocupa este quarteirão Norte foi capaz de perceber que a aceitação e a aglutinação material seriam a escolha acertada para se manterem enquanto grupo, permitindo assim, a manutenção através da mudança de certos comportamentos, aos quais foram capazes de associar crenças e ideais já conhecidos, numa edição e reprogramação mental só possível porque havia uma estrutura grupal densa e com boas bases.

6.2. Quarteirão Nordeste

Ao contrário dos objectos simbólicos encontrados nos Quartos Norte, que apresentavam uma uniformidade iconográfica e material enorme, como já se referiu anteriormente, os objectos que o quarteirão Nordeste tem para apresentar formam um grupo menos constante, tanto no que concerne à sua possível funcionalidade, como em relação à sua origem e aparência.

Mantêm-se, contudo, as mesmas formas cerâmicas, compostas por um grande grupo de taças, de médias e grades dimensões, normalmente baixas e de produção local, semelhantes às do Bronze Médio e às encontradas nas restantes zonas da área R de Bet-Chan. Se se puder supor, como o fizeram os arqueólogos encarregados do sítio, que durante o período anterior, a zona onde estão as salas que aqui se descrevem, faziam parte de um complexo ligado a actividades de culto, então, a permanência das mesmas formas cerâmicas, de fundo comum, podem apontar para uma manutenção das populações, cujo estilo de vida e estímulos externos não foram o suficiente para fazer alterar rotinas e produções. O mesmo já

se referiu para os Quartos Norte, mesmo que se venha a confirmar o seu carácter nobre.

Se por um lado se mantêm os modelos comuns e finos das cerâmicas de uso quotidiano, por outro, introduzem-se novas tipologias, nomeadamente dos vasos tipo “*Flowerpot*”, oriundos do Egipto e com paralelos directos com o mesmo e com a Núbia. Estes modelos são muito raros no Levante e aparecem somente no século XV a.C. e XIV a.C., desaparecendo depois, substituídos pelos vasos tipo “*beer bottle*”¹²⁴. “*Whatever their function, the flowerpot must be tied to an Egyptian practice since nothing like it exists in the Canaanite repertoire*”¹²⁵.

Aqui, se encontraram de relevância para este trabalho, uma boca de trombeta, uma cabeça de estátua egípcia, um pendente em ouro, possivelmente de uma figura feminina, dois cilindros-selo em faiança, com motivos mesopotâmicos e uma figurinha de bronze, banhada a ouro e representando um homem sentado, com a mão direita levantada, como se segurasse algo.

A exemplo do que se fez para os Quartos Norte, pode descrever-se em três palavras-chave este contexto de Interação social: manutenção, introdução e aceitação:

1. Manutenção dos modelos cerâmicos comuns cananaicos;
2. Manutenção de tipologias votivas do Bronze Médio na Palestina;
3. Manutenção das formas arquitectónicas;
4. Manutenção da técnica construtiva;
5. Introdução de modelos cerâmicos egípcios;
6. Introdução de materiais mágico-simbólicos egípcios;
7. Aceitação dos cilindros-selo Mitânicos;
8. Aceitação dos “oficiais” egípcios;
9. Aceitação dos modelos levantinos relacionados com o exército.

Sabe-se que a planta deste quarteirão muda na passagem do nível X para o nível IX, contudo, as formas cerâmicas mantêm-se e desta nova, associadas a

¹²⁴ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002, 258-259)

¹²⁵ *Idem.* p.260

artefactos cujo simbolismo se prende com o universo egípcio. Para o nível X, já os arqueólogos tinham apontado uma utilização do espaço para actividades de culto, continuada depois no Bronze Final e registada através dos vasos miniatura, com funções votivas claras e semelhanças com grupos tipológicos do Bronze Médio.

Assim, pode calcular-se uma transformação arquitectónica, levada a cabo pelas gentes locais, mas provavelmente influenciada pelas gentes egípcias estacionadas no local. Mesmo que se alterem os estímulos visuais monumentais, não sendo estes de grande monta e não havendo alterações a nível dos estímulos mais simples, como as cerâmicas, pode considerar-se uma relação de permutas entre cananeus e egípcios, ambos trocando conhecimentos, mesmo sob o jogo das hierarquias.

A cabeça de uma estátua egípcia, com um toucado grande, foi encontrada mesmo na passagem do quarteirão para o pátio 1228 e representará um oficial egípcio¹²⁶. Se a este achado juntarmos a boca de uma trombeta, com clara associação, no Egito do Império Novo, a actividades militares¹²⁷, *“It served especially for passing on orders as is indicated moreover by the name of the instrumentalist Dd-m-šnb: “The one who speaks on the trumpet”*¹²⁸, estamos claramente perante um contexto de interacção social onde os egípcios teriam superioridade hierárquica em relação aos demais.

Contudo, e embora se possa associar a trombeta à estátua e, portanto, associar uma actividade formal ligada ao exército à presença de oficiais militares de origem egípcia, foi encontrado um caco com uma imagem de um homem tocando uma trombeta do mesmo estilo, *“a kilted male in Aegean style using weak red (C2) and dark gray (CC1) painted decoration”*¹²⁹. A origem egeia da decoração e a associação a um objecto de origem egípcia, revelam a funcionalidade do mesmo e a sua ligação a uma acção muito específica, independentemente da sua origem e da origem dos homens que a praticariam.

Quando na página anterior se falou na introdução de materiais simbólicos egípcios e na aceitação de modelos levantinos relacionados com o exército, estava a

¹²⁶ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian 2002, 326)

¹²⁷ Ver (Emerir 2013, 4-5)

¹²⁸ *Idem.*

¹²⁹ Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002), no segundo volume da sua tese, estampa 41, peça número 13.

expor-se precisamente a coesão social, perpetuada, em grande medida, pela cultura material que se pode observar na Bet-Chan do século XV e XIV a.C.

Se as relações entre a Palestina e as ilhas do Mediterrâneo Oriental se processavam desde o III milénio a.C. é fácil compreender que em meados do II milénio a.C., as mesmas populações tenham aceite rápida e naturalmente os materiais a elas associados, independentemente de uma trombeta ser um instrumento raramente encontrado em sítios Sírio-Palestinos.

Pode falar-se então numa relação entre a trombeta e a actividade militar e comercial e destas com a origem egeia e egípcia do grupo masculino que as praticaria em Bet-Chan e na região envolvente. No reconhecimento social deste grupo, a trombeta teria um papel muito importante, enquanto símbolo e referencial visual e auditivo de uma função, de um grupo e sua origem e de um acontecimento e respectivos comportamentos a adoptar. A este referencial podem relacionar-se também todos os restantes símbolos visuais que se associam aos oficiais, nomeadamente o toucado e o saiote, presente tanto nas figurações egípcias de oficiais quanto no caco egeu aqui apresentado.

Estes estímulos visuais, como já se referiu seriam indicadores para a restante comunidade de que determinadas regras deveriam ser cumpridas nestes momentos, tanto de egípcios como de locais, distinguindo sobretudo a actividade militar das restantes actividades, mesmo quando praticadas por egípcios. A grande distinção seria entre os grupos “oficiais” e os grupos de civis, independentemente da sua origem, uma vez que também membros originários do Egeu eram distinguidos pela sua actividade.

Deste modo é mais simples compreender a coesão social existente no sítio, uma vez que a origem por si mesma não parece ter sido um factor primário na diferenciação social. Antes, deve ter ocorrido naturalmente, se não mesmo incentivada pelos dirigentes locais e egípcios.

A tabela em baixo sintetiza algumas das relações entre os objectos e clarifica as suas diferenças e semelhanças.

	Fragmento cerâmico	Trombeta
Função	Representação	Acção
Figuração	Homem	Instrumento
Origem	Egeu	Egipto
Associações	Homem-instrumento-actividade	Instrumento-actividade-homem
Valores culturais	1. Homem representante de uma actividade específica; 2. A mesma actividade requer a utilização de uma trombeta; 3. Os homens associam-se à actividade e ao instrumento; 4. A estes, associa-se uma origem egeia.	1. Ligada a uma actividade militar; 2. Praticada por homens; 3. Homens estes que serão de origem egípcia; 4. Tanto a actividade como os praticantes são “oficiais” do exército;
Conclusões específicas	Os homens que tocam trombeta têm um estatuto social específico e reconhecido pelos demais membros do seu grupo e restantes grupos.	Os egípcios estão ligados a actividades militares e estas estão ligadas a símbolos de poder, como a trombeta e a vestimenta dos oficiais.
Conclusões por associação de contexto	<p>Se a trombeta encontrada no quarteirão Nordeste está relacionada com a estátua do oficial egípcio, encontrada no mesmo quarteirão, então pode associar-se o grupo social dos oficiais egípcios à actividade que requer a utilização da trombeta. Por outro lado, o caco decorado com o homem a tocar uma trombeta não tem uma função claramente dependente, contudo, se pensarmos que o mesmo objecto está associado à figura masculina e num contexto de interacção semelhante àquele de onde vêm a estátua e a trombeta, então pode pensar-se que também a representação do egeu é símbolo de um oficial, ou seja, de alguém com elevado estatuto social, tendo em conta que os egípcios o teriam, dado o carácter especial de todos os achados mágico-simbólicos egípcios encontrados em Bet-Chan para os séculos XV e XIV a.C.</p> <p>Se os três materiais são representativos de uma mesma actividade e mesmo grupo social, então, tanto egeus como egípcios estariam ligados a actividades militares e comerciais na região do vale de Bet-Chan e estariam no topo da hierarquia local.</p>	

Tabela 12 - Relações entre a decoração e a trombeta e estátua do oficial egípcio

Dos restantes objectos encontrados neste contexto, pode afiançar-se a grande importância dos cilindros-selo com motivos mesopotâmicos, ligados à civilização mitânica, que como já se referiu na “Contextualização geográfica” foi tentando conquistar território na Palestina, durante o período de ocupação egípcio, motivando querelas entre as populações instaladas no território e mexendo com as alianças políticas de que as cartas de Amarna são testemunho.

“The seals of Late Bronze Age Palestine were predominately Mitannian. The Mitannian seals may date as early as sixteenth century BCE and they were still produced at the time of the fall of Mitanni (c. 1360 BCE)”¹³⁰. Segundo o mesmo autor, os cilindros-selo eram utilizados como amuletos, muitas vezes pendurados ao pescoço, embora tenham tido funções mais comerciais nos primeiros tempos do seu aparecimento.

Em Bet-Chan, dado o carácter ornamental dos motivos gravados, teriam funções de amuleto, um pouco como os elementos egípcios já descritos para o quarteirão anterior. Quanto às figurações, as imagens disponibilizadas são fracas para ambos os exemplares do quarteirão Nordeste, mas podem ver-se uma árvore de pé e figuras humanas, ambos motivos típicos do Mitani. *In the Late Bronze Age, the most common type of tree used in glyptic art was the “bouquet-tree”. The tree usually has five, seven, or nine branches, seven being the most common*¹³¹. A esta árvore o autor associa a deusa Ishtar e o símbolo de equilíbrio e simetria, embora sem certezas.

Quanto às figuras humanas foram propostas uma cena de guerra, com muitos homens uns ao lado dos outros ou uma dança ritual, uma vez que raramente as figuras se encontram armadas e em Bet-Chan, nenhum exemplar de armamento foi registado. *“The ritual dance may be a war dance, which would explain the occasional occurrence of weapons and the fact that in some seals the dancers are dressed as warriors”¹³².*

Assim, um pouco à imagem do que fizemos para os amuletos dos Quartos Norte, os amuletos do Quarteirão Nordeste serão tratados à luz da sua origem e sobretudo da sua função e ligação a um possível grupo humano e seu estatuto social

¹³⁰ Ver (Mussell 1983, iv)

¹³¹ *Idem.* p.40

¹³² *Idem.* p.45

e actividade. Mais uma vez se está perante um símbolo de protecção pessoal, utilizado pelos membros de um grupo que de alguma forma reconhecem nos símbolos gravados os restantes membros e que se diferenciam dos outros grupos. Seria apenas um dos estímulos externos que os representariam, mas provavelmente seriam importantes o suficiente, sobretudo dada a sua origem.

Que conclusões se podem tirar a partir dos mesmos e da sua relação com os materiais egípcios:

1. São marcadores étnicos;
2. Indício da presença de dois grupos de origens diferentes;
3. Sem presença de armamento ou sequer da sua representação;
4. Coexistência pacífica embora sob grandes regulamentações protocolares;
5. Relações comerciais e/ou alianças políticas;
6. Tolerância e aceitação num espaço central, a meia distância entre o Egipto e o Mitani.

Ou seja, são objectos que marcam a presença no local de grupos de origem mitânica, mesmo sob uma cidade ocupada pelos egípcios e regulamentada pelos mesmos, como parecem comprovar a estátua, elemento monumental e grande marcador hierárquico e a trombeta, utilizada provavelmente em encontros entre ambos os grupos.

Por fim, uma estatueta de um homem sentado com o braço esquerdo levantado, faz lembrar os exemplos das divindades egípcias sentadas em tronos, segurando septros ou maças de guerra, muito ao estilo mesopotâmico, mostrando mais uma vez a confluência de estilos em Bet-Chan e a coesão material e social daquela comunidade tão única.

Deste modo e em jeito de conclusão, vemos no Quarteirão Nordeste uma área com um passado simbólico muito demarcado, uma vez que era um espaço utilizado para actividades de culto nos períodos antecedentes e que sofre depois, no Bronze Final e com a entrada dos egípcios, uma transformação arquitectónica, mesmo que se tenha mantido com a mesma funcionalidade, embora, não se assegure este facto.

Além da transformação na monumentalidade, pensa-se que também uma transformação na identidade do sítio se tenha processado, com a entrada de contingentes militares, ainda que de forma lacunar, isto é, apenas periodicamente e provavelmente devido a actividades políticas e administrativas na Palestina, tanto de assuntos ligados ao território e às tentativas de conquista do mesmo, como de assuntos relacionados com alianças com o Mitani, que culminam com o casamento de Tutmés III com a princesa Hurrita.

Esta mudança identitária, pode em parte ter destruído o espaço enquanto símbolo religioso, mas parece ter-lhe conferido, em seu lugar, uma identidade enquanto espaço político e local de confluências militares e comerciais, outorgando-lhe assim a conotação de centro, com os egípcios no topo da hierarquia e os mitânicos como convidados, sendo que pouco espaço sobra para os locais, a não ser na presença de cerâmica comum, presente por todo o local, mesmo nas zonas nobres.

Se nos Quartos Norte era impossível verificar hierarquias, aqui, estas são primárias na análise e na compreensão dos grupos humanos e seus materiais representativos. Por outro lado, os mesmos materiais, embora simbólicos não parecem ser necessariamente religiosos, mas antes administrativos e identitários, mesmo quando se tratam dos cilindros-selo mitânicos. Pode pensar-se então que os grupos deste quarteirão habitariam nas zonas nobres de Bet-Chan, dos quais os Quartos Norte fazem parte, ou então, estariam estacionados em acampamentos dentro do perímetro mas sem habitação fixa, sendo esta utilizada apenas pelos grandes dignatários e dirigentes locais.

O espaço da Rua, como se verá mais à frente e como foi descrito no capítulo anterior tem uma grande largura, proposta como sinal da presença de carros de guerra e cavalos, qua tanto podem ter sido egípcios quanto mitânicos, pelo que, no estudo dos materiais encontrados na mesma, se procurará ver o tipo de grupos ali presentes e compreender se é possível o aquartelamento de tropas nas suas cercanias.

Para terminar, pegando no esquema 1 - Interacção entre os elementos mediadores na formação e análise da realidade social no presente estudo – pode dizer-se o seguinte acerca da realidade social:

1. *Práticas religiosas*: não presentes no local, sob a forma de nenhum objecto mágico-simbólico de utilização especificamente religiosa ou de culto directo;
2. *Sistema de crenças*: mitânicas (com amuletos protectores) egípcias (com a militarização do espaço e da relação que esta tinha com a religião de origem do grupo dominante);
3. *Cultura material*: tradicional (com produções locais desde o Bronze Médio, incluindo elementos locais), inovadora (com a introdução, principalmente, de materiais egípcios) e demarcadora (com os cilindros-selo enquanto marcadores e estímulos muito concretos do grupo mitânico);
4. *Interacção material-crença*: identitária (com materiais que marcam grupos e os distinguem), respeitada (com aceitação de hierarquias e de estatutos, sem nunca existirem sinais de confronto)

A interface ou contexto de interacção social é neste caso público, correspondendo a uma zona de interacção extra-grupal, de planta e construção local, com objectos de fabrico local, egeus, egípcios e mesopotâmicos, que nos dão mostras de uma relação entre o Homem e um meio muito específico associado a funções pré-determinadas e a comportamentos previamente formatizados. Os materiais são símbolos de identidade, reconhecidos e respeitados por toda a comunidade, pelos grupos que representavam e por aquilo que os colocava naquele local, associando-os também a determinadas actividades.

6.3. Pátio 1228 e exterior do templo 1230-1234

Os materiais encontrados no exterior do complexo do templo 1230-1234, podem agrupar-se em três categorias, os cilindros-selo mitânicos, em número de quatro, os pendentos, dois de um estilo misto, um outro de influência claramente egípcia e por fim um com a gravação de um touro e um leão, de influência micénica e ainda uma adaga de bronze com semelhanças a outras micénicas.

Independentemente da origem das figuras em questão, estamos novamente perante um grupo de elementos de uso privado, contado que também os cilindros-selo deste contexto eram usados como amuletos ou pendentes. Somente a adaga está fora deste registo, contudo, dentro das dinâmicas de interacção de grupos com origens distintas dentro de um mesmo espaço e identificados por adereços pessoais e provavelmente, como já foi referido anteriormente, por roupas, penteados, cor da pele, comportamento grupal e outras coisas do género, está perfeitamente enquadrada.

Como se disse acerca deste espaço, deveria estar relacionado com actividades de culto fora do templo, contudo, não foram encontrados elementos que o comprovem, isto é, figurinhas, estelas, estátuas ou outros exemplos de cultura material móvel. Contudo, o espaço 1235, considerado a entrada para o templo, apresenta um altar com escadas, provavelmente para sacrifícios, local onde foi encontrada a adaga de bronze, que pode ter estado relacionada com esta actividade, importante na vida das gentes locais, como depois se vai manter por hábito em períodos procedentes e como demonstram algumas passagens bíblicas acerca do sacrifício animal e da coletânea do sangue para santificar os locais.

Estes costumes não são comuns no Egipto, contudo tanto na civilização micénica, quanto nas várias civilizações mesopotâmicas, este tipo de comportamento ritual é muito comum, podendo explicar a tipologia mesopotâmica da adaga e a gravação no pendente do leão e do touro de elementos típicos do mundo micénico e não egípcio.

Por outro lado, também da entrada 1235, veio um pendente egípcio com a figuração de HeH, “*represented on temple walls, vases and jewellery with the force of an amuletic wish for untold millions of years of life. Heh kneels, often on a basket which is the hieroglyph for universality, holding in each hand a palm-rib – the hieroglyph for ‘year’, and frequently carrying the sign of life or ‘ankh’*”¹³³.

Está-se portanto perante um contexto de interacção social que embora não apresente quaisquer materiais de uso público relativos a uma crença comum, apresenta, através do altar e da adaga uma prática pública, relacionada com o sacrifício animal e através do pendente do leão e do touro e do pendente egípcio a

¹³³ Ver (Hart 2005, 66)

presença de pelo menos dois grupos distintos e que independentemente das práticas e crenças da sua terra de origem se reúnem ali, participando de forma mais activa ou passiva nas cerimónias.

É possível julgar que a adaga tenha sido utilizada por grupos locais, uma vez que a entrada de materiais micénicos era tradicional durante os séculos XV e XIV a.C. na Palestina e que os mesmos, há muito deveriam ter perdido o prestígio por serem de determinada origem e ganho por fazerem parte de determinados comportamentos comunitários.

Encontrou-se ainda um cálice de pé alto, também utilizado neste tipo de cerimónias, um *Krater*, que mais uma vez remete para realidades egeias e uma lamparina, cujo modelo se vai tornar posteriormente mais comum em Bet-Chan. Todos estes objectos parecem agrupar-se em torno de uma mesma actividade, que podia decorrer apenas periodicamente, mas que estava sem dúvida presente na vida de toda a comunidade, começando pelos grupos locais, que parecem ser os grandes intervenientes e acabando com os restantes grupos, que aceitam esta prática, adaptando-a às suas próprias crenças, como fizeram os egípcios, se atentarmos no facto de o símbolo *HeH* aparecer neste contexto específico e noutros dois, sem ligações a nenhuma prática em particular e muito menos a nenhuma realidade tipicamente egípcia.

Os dois pendentes em faiança, com tipologias mistas, aparecem na antessala 1233 e são de difícil interpretação, devido à ambiguidade da gravação, relacionada com elementos geométricos. Por este motivo, não conseguindo compreender a que grupo humano se reportariam, ficar-se-á apenas pelo tratamento dos mesmos enquanto símbolos pessoais, com representantes noutros contextos de interacção do nível IX de Bet-Chan. O facto de aparecerem no Templo, no Complexo Sul e no Edifício 1240, pode indicar que seriam utilizados por diversos grupos de diversas origens, recaindo a sua importância mais no facto de representarem uma classe social distinta, com algum prestígio e provavelmente ligada a uma qualquer actividade particular em Bet-Chan. Na análise dos outros contextos, tentar-se-á compreender a sua ligação a esta mesma função e perceber se a mesma estaria ou não ligada a um grupo específico ou se abrangeria um grande rol de origens e grupos.

Do pátio propriamente dito, vieram os cilindros-selo mitânicos, com iconografias semelhantes a todos os outros cilindros encontrados no sítio. Já expusemos a sua faceta de pendente ligado a uma qualquer crença e ideal de protecção, sobretudo relacionada com grupos de origem mitânica, pelo que, dada a sua proximidade ao Quarteirão Nordeste, onde já se confirmou a presença dos mesmos materiais, relacionados com a assistência de segmentos mitânicos, possivelmente em missões diplomáticas com o Egipto, pode considerar-se que os mesmos grupos estivessem presentes nos rituais de sacrifício já mencionados, independentemente de poderem não ter tomado parte activa dos mesmos.

No fundo, estamos perante um grupo local, bem representado através das cerâmicas de uso comum, sobretudo taças de média e grande dimensão, de modelos já antigos, um grupo egípcio, presente, mas não activo nas cerimónias e um grupo mitânico, também presente e passivo nas mesmas. Os materiais micénicos não parecem representar a presença de grupos com esta origem, embora não seja possível descartar completamente a hipótese.

A exemplo do que se fez para os quarteirões anteriores, pode descrever-se em três palavras-chave este contexto de interacção social: manutenção, introdução e inclusão:

1. Manutenção dos modelos cerâmicos comuns cananaicos;
2. Manutenção das formas arquitectónicas;
3. Manutenção da técnica construtiva;
4. Introdução de modelos cerâmicos egípcios;
5. Introdução de materiais simbólicos egípcios;
6. Inclusão de materiais mitânicos em actividades locais;
7. Inclusão de materiais egípcios nas mesmas actividades;
8. Inclusão de materiais micénicos nas práticas tradicionais locais.

Se a cultura material representa os grupos sociais presentes em determinado contexto, então, a forma como estes se dispõem e se incluem dentro de uma arquitectura, representa as práticas e crenças dos mesmos. Assim, a prática, enquanto estímulo público terá uma exibição maior, comunitária e por isso, aceite pela maioria. Por outro lado, a crença, mesmo sendo um sistema partilhado é

grandemente privado, revestida de inúmeras abstracções, que fazendo parte do conjunto pré-determinado de conceitos-chave, tem um fundo mais pessoal, ou seja, mais individual. Entre crença e prática, a grande diferença está no carácter de aceitação da segunda e de criação da primeira, isto estando relacionado com a Identidade social e identificação da prática e com a identidade pessoal e arbitrariedade da segunda.

No entanto, o sistema de crenças, é grandemente partilhado, indispensável no processo de identificação social de qualquer individuo, independentemente do grupo ou grupos a que pertença, tornando-se por isso parte do próprio conceito de cultura, abstracto e concreto, indizível e real ao mesmo tempo.

Desta forma, tentar qualificar os grupos humanos diferenciando os objectos, fracção prática, das ideologias, fracção teórica das mesmas, é diferenciar o que é partilhado do que é privado, considerando que uma actividade tem sempre uma componente colectiva e que um pensamento nem sempre o tem. Se ambas corresponderem e forem verificáveis, através do método de análise, estar-se-á perante uma realidade em que o grupo é dominante, caso contrário, estar-se-á perante um grupo que mesmo quando aceite, se submete socialmente a um outro grupo, cuja prática é mais considerada, dependendo esta escolha de diversos factores externos e internos ao grupo.

Tendo visto que os materiais deste quarteirão se podem distinguir facilmente entre aqueles que dizem respeito a crenças e aqueles que dizem respeito a práticas, pode tentar-se analisar agora quais aqueles que têm ambas as representações e aqueles que se reportam a apenas uma delas e quais aqueles que participariam activamente numa actividade pública e aqueles que o não fariam, ajudando este processo a clarificar a disposição dos diferentes grupos humanos perante as actividades que se puderam identificar para este quarteirão.

	Objecto	Crença/Prática	Actividade
Cananaico	Taças e altar	Crença e Prática	Pública
Egípcio	Pendente <i>HeH</i>	Crença	Privada
Mitânico	Cilindros-selo	Crença	Privada
Micénico	Pendente do leão e touro	Crença	Privada
	Adaga	Prática	Pública/Privada

Tabela 13 - Relação entre as crenças e práticas e os seus representantes materiais e respectivas actividades, consoante a origem do grupo humano

O grupo local, por ter materiais cuja prática é inegável, tratando-se de peças monumentais, no caso do altar, e tradicionais, no caso dos exemplares cerâmicos, é parte integrante e preponderante nas actividades de carácter público e religioso. A adaga, é o outro objecto que se pensa ter sido parte integrante de um movimento público, sobretudo tendo em conta o seu contexto de aparecimento e a sua possível relação com o sacrifício animal, uma vez que se trata de um objecto de corte junto ao altar. Neste caso, sendo o único objecto não local, possivelmente utilizado numa actividade deste género, neste contexto específico, outorga importância sobretudo ao membro que o utiliza, conferindo-lhe a ele e não ao objecto o seu estatuto, identificando-o perante os outros, sobretudo do mesmo grupo, que não utilizam a adaga, mas que a reconhecem como símbolo.

Os pendentos, incluindo os cilindros-selo, são de uso privado e por terem uma visibilidade tão reduzida em termos públicos, tratando-se de objecto de dimensões menores e não relacionados com o tipo de actividades que se supõe terem processado neste contexto de interacção, pertencem especialmente à categoria de símbolos pessoais, identitários e coerentes com as crenças pessoais, de um grupo de gentes de uma outra origem, que aceitam as práticas locais sem abandonarem as suas ideologias.

Se nos séculos de ocupação egípcia que se seguem a arquitectura e a monumentalidade adquirem um estilo claramente egípcio e o templo passa a ser um representante público do poder faraónico sobre Bet-Chan, durante este primeiro período de “ocupação” o templo e suas actividades subsidiárias, são indiscutivelmente locais e praticadas por grupos locais. Já a civilização mitânica não adquire nunca um estatuto público no sítio, mantendo-se sempre enquanto grupo

submisso, mas não subjugado, uma vez que se continuam a poder identificar como tal, mesmo em circunstâncias colectivas.

Quando em parágrafos anteriores se disse que os grupos, egípcio e mitânico, estariam presentes, mas de forma passiva nos rituais do pátio 1228, estava a referir-se a esta componente pública e pessoal que os materiais que identificam a sua presença nos permitem, através deste método de estudo, perceber.

Para terminar, pegando no esquema 1 - Interacção entre os elementos mediadores na formação e análise da realidade social no presente estudo – pode dizer-se o seguinte acerca da realidade social:

1. *Práticas religiosas*: privadas (orações, preces, feitiços, etc.) e socialmente aceites (sem sinais de conflitos entre materiais de diferentes origens), bem como públicas (sacrifícios e outros rituais);
2. *Sistema de crenças*: privadas (relacionadas com o ambiente tradicional dos grupos em questão) e públicas (relacionadas com as práticas locais);
3. *Cultura material*: tradicional (com produções locais desde o Bronze Médio, incluindo elementos locais e egeus) e inovadora (com a introdução, principalmente, de materiais egípcios);
4. *Interacção material-crença*: aceitação (com práticas públicas locais e crenças pessoais exógenas), e identitária (com a utilização de objectos cujo simbolismo só é completamente compreendido pelo grupo que o utiliza).

A interface ou contexto de interacção social é neste caso pública, correspondendo a uma zona de interacção de grupos, de planta e construção local, com objectos de fabrico local, egeus e egípcios, que nos dão mostras de uma relação entre o Homem e um meio muito específico associado a funções pré-determinadas e a comportamentos previamente formatizados, uma vez que se tratam de rituais. Os materiais são símbolos de identidade, reconhecidos e respeitados por toda a comunidade mesmo que não totalmente compreendidos pelos grupos adjacentes.

6.4. Quarteirão Oriental

O Quarteirão Oriental constitui a maior área do nível IX de Bet-Chan e parece ter sido palco das actividades centrais do mesmo espaço, apresentando objectos mitânicos, micénicos, egípcios e locais, em contextos dispares e suplementares, associados sobretudo às actividades do pátio 1228, que se apresentou anteriormente e do espaço da Rua em frente à Sala do forno.

Na apresentação deste complexo, iremos tratar por zona os diferentes contextos, possibilitando acrescentar novas informações às já expostas, que se espera, possam ajudar a “criar” espaços comunitários e a compreender as interacções entre os mesmos.

Sala	Artefactos	Cerâmica
1232	Cananaico e mesclado	Comum tradicional
1234	Cananaico e Egípcio	Comum tradicional
1236	Egípcio	Comum e egípcia
1326	Egípcio	Comum e egípcia
1330	Mesclado	Comum delicada
1332	Micénico e egípcio	Comum e egípcia
1333	Cananaico e egípcio	Comum e egípcia
1337	Micénico	Comum tradicional
1339	Cananaico, egípcio e mitânico	Comum e egípcia

Tabela 14 - Relação entre os artefactos e a cerâmica por sala, dentro do complexo do templo

Da tabela em cima, confirma-se o carácter comum da maioria da cerâmica deste espaço e a introdução dos elementos egípcios já mencionados, como os vasos tipo “*Flowerpot*” e pequenos objectos de marfim e alabastro. Mantêm-se alguns exemplares micénicos, sempre decorados e tidos enquanto peças de uso específico e contabilizadas na categoria de artefactos.

É de notar a raridade de modelos mitânicos nas salas do templo, exceptuando dois únicos exemplares com contexto indefinido apresentando pássaros e árvores. Do Complexo Sul vem mais um exemplar, do Quarteirão Ocidental mais dois e no Edifício 1240 soma-se o último destes tipos.

Ao contrário do que se tem vindo a fazer notar, os materiais cananaicos simbólicos aumentam significativamente e relacionam-se sempre com a frequência de artefactos egípcios ou da mistura dos primeiros com tipologias micénicas comuns na região, mais uma vez creditando a integração dos mesmos na cultura tradicional de Bet-Chan, inclusive quando aqui se incluem a taça decorada da sala 1332 e o *Krater* da sala 1337.

O quarto auxiliar 1236 só tem materiais simbólicos egípcios e foi classificado como local de oferendas, com um altar central, vasos miniatura votivos, taças egípcio-cananaicas e grandes contentores, o mesmo se passando com a sala 1326, anexada ao templo 1230. A cerâmica contém apenas tipologias locais e egípcias, o mesmo acontecendo com as salas 1332, 1333 e 1339, de onde vêm artefactos cananaicos, micénicos, mitânicos e egípcios, demonstrando que mesmo nos casos em que os artefactos são maioritariamente egípcios, a cerâmica apresenta modelos de diferentes origens, provavelmente devido à grande afluência dos mesmos em períodos anteriores e à rápida absorção destes, pelos grupos locais.

A variedade de artefactos, com as suas características intrínsecas e a associação a outros artefactos, faz do Quarteirão Oriental uma zona de confluências culturais, sem apresentar sinais de conflito entre os mesmos. Cada artefacto tem uma função específica e não evidencia qualquer conflito com outro artefacto com funções semelhantes, uma vez que cada um deles parece ter desempenhado uma tarefa diferente da do anterior.

Atentando a que os grupos materiais “representam” os grupos humanos na sua faceta de mediadores e de agentes sociais, a maneira como os artefactos se distribuem com uma lógica própria e pessoal, cada qual com a sua própria biografia, pode ser o principal indício de que também o conjunto de práticas estaria bem regularizado e que os grupos activos no respectivo espaço agiriam por sua vez segundo um esquema já vinculado e baseado na aceitação das tradições anteriores, na introdução de novas ideologias e na integração das mesmas nos respectivos rituais, sem que isto interferisse no conjunto de crenças pessoais, que é componente essencial da identificação pessoal dos grupos exógenos, mas nunca um impedimento para a inclusão dos mesmos nas actividades dos restantes grupos.

Sendo este quarteirão o espaço central de toda a actividade social de Bet-Chan, notar que a sua especificidade está na multiplicidade material em contextos de manutenção ritual é notar que a cultura material é representativa de:

1. Origens, ou seja, de regiões geográficas e por isso culturais;
2. Crenças pessoais que são o estímulo positivo que agrega os membros de um grupo;
3. Práticas comunitárias que são o vínculo tradicional dos grupos locais.

Assim, os objectos cananaicos, sendo naturais naquela área, mantêm-se do Bronze Médio ao Bronze Final, revelando a conservação material da comunidade local na transmutação cultural, que vem com as incursões militares do Egipto no território. Estas incursões ocorrem numa zona cujos grupos humanos são à data semi-nómadas e sedentários recentes, habituados por isso ao contacto com outros grupos e culturas, o mesmo não acontecendo com os egípcios, que chegavam acostumados a vencer ou a ser vencidos, independentemente de consentirem manutenções culturais e de estimularem políticas inclusivas.

Com o Mitani, tratando-se de um agrupamento relativamente recente em termos culturais, mas com um longo passado ideológico, uma vez que se tratam de grupos originários da Mesopotâmia, parecem revestir-se a si mesmos com objectos pessoais, cujo simbolismo é muito próprio e não existe na Palestina sem a presença dos grupos humanos, pelo que terá de se creditar a presença efectiva destes homens em Bet-Chan durante este período para considerarmos a presença dos seus cilindros-selo em quantidades tão substanciais.

A cidade de Creta e as civilizações minoica e micénica existem enquanto potências desde o Bronze Médio e tiveram o seu nome disperso também pela região da Síria-Palestina, contudo, tratando-se de um povo comercial, é normal observar que os seus objectos aparecem em sítios onde a presença efectiva das suas gentes não é um dado adquirido. Em Bet-Chan, embora tenham estado presentes, os seus materiais devem ter tido um maior percurso de vida em utilização pelos grupos indígenas do que os grupos micénicos expostos no sítio.

Quer isto dizer que o complexo do templo, enquanto espaço central, foi também centralizador das actividades humanas, sendo hoje uma chave fundamental na análise social dos homens que ali actuaram. Os objectos, revelando o local de

onde vieram ou de onde são tradicionalmente, revelam também de onde vieram os grupos que os manuseavam, permitindo considerar a sua presença no sítio, quer de forma efectiva ou não.

Sabemos por diversas fontes que os egípcios estiveram em Bet-Chan e que nos séculos XIV, XIII e XII a.C., ocuparam o sítio, alterando drasticamente a arquitectura do mesmo e introduzindo inúmeras transformações nas cerâmicas e restantes objectos, contudo, durante o século XV a.C. esta “ocupação” não é comprovada, uma vez que tanto do modelo original da cidade é mantido.

O complexo do templo é prova suficiente para se pressupor o seguinte:

1. É o grande marcador visual do sítio;
2. É onde se praticam os rituais públicos locais;
3. É prova da hierarquia ideológica dos grupos presentes;
4. Abrange uma grande variedade de sistemas de crença.

Da sala 1232 vêm materiais essencialmente locais, como o cálice decorado, a figurinha feminina, o pendente redondo, semelhante aos modelos já expostos e uma adaga em bronze, que parece de tipologia local também. Todos estes achados, vêm da designada sala do tesouro, contudo, não parecem existir mais indícios que apontem para esta designação, sem ser a grande quantidade de objectos que daqui se retiraram e de se encontrar precisamente entre as duas grandes salas do templo. Registaram-se ainda uma caixa em marfim para cosméticos, da qual não se tem registo fotográfico ou manual e que poderá ser um modelo local ou egípcio, uma vez que todos os objectos aqui encontrados pertencem a uma destas categorias.

Curiosa é a placa de marfim com um homem agachado e as mãos na cabeça, que os investigadores pensam exibir um núbio, mas sem descartar a possibilidade de ser um egípcio, uma vez que a pose é claramente típica dos modelos do Império Novo. Independentemente da sua representação, e porque nos é impossível confirmar a que povo se refere, basta apontar que o modelo é claramente exógeno e terá certamente sido levado pelos egípcios.

Se se trata de facto de uma sala do tesouro, os objectos ali encontrados poderiam pertencer a um serviço utilizado durante os rituais decorrentes, no entanto, os três pendentes são de uso privado e foram já encontrados modelos

semelhantes nos quarteirões anteriores, associados a uma utilização, senão quotidiana, pelo menos habitual, por parte de uma elite local e/ou egípcia, testemunhando desta forma a presença dos mesmos grupos nesta parte do templo.

Os três objectos visualmente mais distintos deste conjunto são o cálice, a figura feminina e a adaga, indígenas e com fortes conotações práticas, apontando para uma actividade realizada por um grupo local, provavelmente de sacerdotes ou encarregados de serviços sacrificiais e outros, relegando os objectos egípcios para uma segunda categoria, que é a de materiais pessoais, mais pequenos, que embora presentes nas cerimónias seriam utilizados por membros específicos e sairiam foram do âmbito público das práticas ali presentes.

Pode pensar-se também na presença de mulheres no serviço, uma vez que a figura feminina é mais comumente empregue por elas e em serviços privados, algo que poderia decorrer tanto na sala principal do templo, como nos quartos auxiliares ou mesmo na sala do forno, de onde vem um segundo exemplar com uma figura feminina, ainda que iconograficamente díspar.

Sem ser possível nomear uma qualquer divindade específica em qualquer uma destas figuras, pode asseverar-se a existência de uma ideologia baseada numa entidade feminil, com ou sem identidade, como parte das crenças e práticas locais, às quais possivelmente outros grupos poderiam juntar-se, sendo o culto das deusas algo transversal às culturas referidas.

Torna-se praticamente impossível afirmar que a sala 1232 é uma sala de tesouro, sobretudo porque não é possível ver nenhuma particularidade na arquitectura da mesma, a não ser a sua ligação ao altar com degraus da sala 1234, que apresenta por seu turno inúmeros objectos egípcios. Considerar-se-á então as duas facetas dos artefactos aqui presentes e que distinguem novamente crença de prática e revestem os grupos locais de uma maior importância na elaboração e direcção das actividades principais.

Já a sala 1234 apresenta maior porção de objectos egípcios, com uma taça decorada com o nome de Tutmés III, dois escaravinhos com métopas, mais um pendente *HeH*, um pendente *Djed*, um botão de calcário, utilizado nos carros de guerra egípcios, com paralelos no túmulo de Tutancamon, um molde de joalheria e um crescente em prata.

Dois dos pendentes são egípcios, com o símbolo *Djed* a significar o poder eterno e a continuidade, enquanto os outros dois são tipologias ambíguas, contudo, e uma vez que se têm sempre associado aos materiais egípcios, em especial ao pendente *HeH*, poderá supor-se a sua utilização por este grupo, sendo que um deles tem forma de pétala de lótus e o outro é circular com motivos geométricos, como os que foram apresentados para os Quartos Norte.

De tipologias locais são o altar em basalto e talvez o molde de joalharia, inserindo mais uma vez os objectos monumentais na categoria indígena e os objectos privados na categoria exógena, distinguindo novamente crença e prática, mas certificando mais claramente a presença de ambas nos mesmos rituais, revestidos de uma enorme componente pública e social, servindo como meio para vincular os grupos uns aos outros, mesclando as crenças locais com as restantes e formando uma nova cultura, que nos períodos precedentes envolve toda aquela comunidade.

De grande nota no complexo do templo é o número de botões para carros de guerra, de várias matérias-primas e diversos formatos e que se encontram espalhados um pouco por todo o espaço, com concentrações superiores na sala 1339, de onde vem um pendente em pedra, com a forma de bétilo.

Os botões confirmam a presença de egípcios em carros conduzidos por cavalos, típicos das formações do exército do faraó e que em conjunto com os escaravelhos com o nome de Tutmés III podem provar a presença de equipas específicas enviadas pelo próprio, no entanto alguns autores afiançam que os escaravelhos seriam feitos localmente¹³⁴, o que implica uma dinâmica diferente, que é a de troca de conhecimentos entre grupos locais, que sabem e utilizam a técnica de fabrico e grupos egípcios, que conhecem a escrita hieroglífica e o seu significado. Já se atestou a presença de uma pequena indústria de produtos de faiança em Bet-Chan, da qual os escaravelhos fazem parte a partir do século XV a.C., apoiando assim a criação de oficinas específicas, ligadas ao templo¹³⁵, com a presença de artesãos de várias origens e com diferentes saberes, mesclando ainda mais a cultura material de todo o vale de Bet-Chan¹³⁶.

¹³⁴ Ver (Ben-Tor e Keel 2012, 88)

¹³⁵ *Idem*, p.98

¹³⁶ *Idem*. p.97

Se os rituais são uma chave imprescindível na vida da comunidade local e dos grupos egípcios que ali se vão estabelecendo, embora apenas periodicamente nesta primeira fase, todo o sistema de crenças tem de ter sofrido ligeiras alterações para continuar a estimular positivamente os grupos que neles participavam, incluindo egípcios, mitânicos e possivelmente também micénicos.

O exemplo maior da miscigenação cultural de Bet-Chan é a estela de Mekal, representando este deus, *“The great god, lord of Beth Shean”*¹³⁷. Existem dúvidas quando ao estrato de onde provém esta estela, sendo que muitos acreditam que tenha sido encontrada no nível IX devido a escorrências de terras do nível superior, contudo, a mistura de elementos locais e egípcios é parte de ambas as realidades cronológicas, pelo que não se cairá em erro quando se a analisa como parte do nível mais antigo, aqui em estudo.

*“Mekal is shown in a long gown with the characteristic pointed beard and a conical cap with horns and streamers. The god holds an ankh in his right hand and a w s-scepter in his left”*¹³⁸. Sendo uma divindade local é normal apresentar traços locais, no entanto é gravada num estilo egípcio¹³⁹, recebendo flores de lótus de um arquitecto chamado Amenemapt e do seu filho Paraemheb, que lhe dedicam o monumento em nome do faraó¹⁴⁰.

O nome do arquitecto aparece também numa outra estela do nível V, como um alto funcionário egípcio que construiu o templo enquanto ali se encontrou e que para cair nas boas graças do faraó lhe terá dedicado a estela. Se o pressuposto estiver correcto, pode considerar-se o seguinte:

1. Mesmo os oficiais egípcios adoptaram os deuses locais para o seu panteão, pelo menos enquanto habitavam nas cidades suas dependentes;
2. A fusão de ambas as religiões foi possível devido às semelhanças ideológicas;
3. Os grupos exógenos participariam nos rituais locais e passaram a conhecer as crenças dos grupos indígenas, apropriando-se delas primeiro e

¹³⁷ Ver (Mullins, The Late Bronze and Iron Age Temples at Beth-Shean 2012, 132)

¹³⁸ *Idem.* p. 134

¹³⁹ Ver (H. Thompson, Mekal the God of Beth Shean 1970, 50)

¹⁴⁰ *Idem.*

alterando-as depois, incluindo-lhe novas asserções, mesmo que só nas suas crenças pessoais;

4. Os grupos locais teriam aceite novas crenças e sido capazes de as inserir nas suas práticas, sem modificar a base fundamental das mesmas;

5. Enquanto espaço público, o templo seria uma área aberta a diversas classes sociais e a diferentes grupos, incluindo os de serviço ao templo, os artesãos, os crentes, os visitantes e os comerciantes;

6. Tendo sido encontrada num dos quartos auxiliares, pode ser o indício de um culto egípcio numa parte integrante, mas separada das salas principais do templo;

7. A presença de escribas egípcios é assegurada, bem como o trabalho em parceria com os artesãos locais para a criação da iconografia final.

Com a presença da estela de Mekal e dos escaravelhos, alguns com o nome de Tutmés III, parece clara a presença de uma elite egípcia no local, primeiro a partir dos oficiais de que há registo no Quarteirão Nordeste, com a cabeça de estátua em basalto e da trombeta de guerra e depois a partir do arquitecto e dos escribas e outros artesãos que se terão incluído na população local e incorporado em alguns grupos.

Esta divisão dos indivíduos por ofícios, relega a origem para segundo plano, uma vez que a criação material demonstra coesão e harmonia no fabrico de artefactos, quer de estilo local e egípcio quer de artefactos mistos. Se toda a criação é um acto de produção que começa com aceitação mental de determinados pressupostos, estaremos perante uma comunidade que à partida aceita o outro e se incentiva a gerar algo de novo que sirva todos e crie uma nova ordem social. A hierarquia mantém-se na cidade, no entanto parece ser fragmentada, ou seja, relativizada consoante o contexto de interacção social de que se trate.

Esta relativização impõe uma ordem social baseada na origem e no ofício, colocando os egípcios no topo no que concerne à administração e à recolha de impostos e tratados políticos internacionais e os cananeus, no que concerne à vida religiosa de toda a comunidade. Sagrado e profano juntam-se e separam-se na mesma medida, implicando respeito e aceitação por ambas as partes, assegurada por momentos de vínculo social (rituais) e de inclusão (ofícios políticos e outros).

Se o papel dos egípcios parece seguro até aqui, o papel das civilizações do Egeu é mais complexo, uma vez que os exemplos materiais de que temos mostra no Templo são todos cerâmicos e de longa tradição, com precedentes do Bronze Médio na região indicada. Os dois fragmentos cerâmicos do pátio 1228 com as figuras feminina e masculina de modelo egeu apontam para um trato directo entre os grupos locais e os grupos micénicos, mas podem ser modelos utilizados durante o período anterior e depostos no nível IX, por quebra ou não utilização por qualquer motivo.

Contextos de interacção social	Grupos	Função
Salas principais do templo	Egípcio e cananaico	Rituais de sacrifício animal (cálice de recolha de fluidos, adaga e altar de basalto), culto de fertilidade (figura feminina e crescente de prata) e protecção pessoal (pendente <i>HeH</i> , <i>Djed</i> , escaravinhos egípcios e botões de carros de guerra)
Quartos auxiliares do templo	Egípcio e cananaico	Rituais de sacrifício (altar), produção de cerâmica (nódulos de argila e bases de bancadas de trabalho) e culto (estela de Mekal)
Sala do forno	Egípcio e cananaico	Rituais de cremação animal (fossa com restos de cinzas animais) e cultos de fertilidade (figurinha feminina) e outros, relacionados com a protecção pessoal (escaravinhos egípcios e botões de carros de guerra)
Quartos auxiliares da sala de forno	Egípcio e cananaico	Semelhantes aos da sala de forno, com cremação (fossas com restos de cinzas animais) e protecção pessoal (botões de carros de guerra e cilindros-selo)

Tabela 15 - Função dos diversos espaços do complexo do templo 1230-1234

Da tabela em cima, pode concluir-se que os rituais de cremação e de sacrifício animal eram muito comuns e ocorriam tanto em espaços abertos (pátio 1228), como em espaços fechados (1234), sala do forno e quartos auxiliares.

Os materiais exclusivamente mitânicos têm pouca expressão na área do templo, provavelmente devido à relativa parecença entre os sistemas ideológicos e pela baixa influência sobre o modelo quotidiano e vivência local.

Os artefactos que ostentam misturas culturais relacionam-se sobretudo com crenças e estão presentes sobretudo na estela de Mekal. Embora os egípcios tenham estado presentes no templo, falta definir que tipo de grupos sociais o frequentariam, isto é, partindo do Egipto e da organização da sociedade por estatutos, pode pensar-se que, chegando a Canaã, tenham mantido o mesmo esquema e enviado apenas determinadas classes, que de algum modo se conseguiram imiscuir na comunidade local.

Observa-se a presença de oficiais do exército do faraó e de escribas e outros artesão, produtores de cerâmica, ourives e arquitectos, aos quais se podem juntar alguns dirigentes, como administradores e outros funcionários públicos, se acreditarmos na utilização do Quarteirão Nordeste enquanto espaço de encontros políticos por eles dirigidos.

Uma vez que a maioria da cerâmica é comum e se encontra associada aos elementos simbólicos típicos de classes médias e altas, não parece correcto pensar na presença efectiva de membros de uma classe baixa egípcia em Bet-Chan, pelo que se pode optar por pensar no sítio como palco de relações diplomáticas e de apoio aos funcionários públicos e exército que os acompanharia na recolha de impostos e na imposição de tratados e alianças com as comunidades vizinhas.

As duas palavras-chave para descrever este contexto de interacção social são introdução e integração:

1. Introdução de modelos cerâmicos egípcios;
2. Introdução de materiais simbólicos egípcios;
3. Introdução de técnicas de fabrico egípcias;
4. Integração de elementos materiais exógenos em objectos locais;
5. Integração das crenças egípcias nas práticas locais;
6. Integração de práticas egípcias em espaços cananaicos.

No fundo, o complexo do templo não altera em nada as conclusões que se têm vindo a retirar da análise aos quarteirões anteriores, apoiando aliás as suas premissas, ao comprovar a raridade de elementos religiosos mitânicos e pelo contrário a confirmar o seu aumento para materiais egípcios e canaaníticos.

Para terminar, pegando no esquema 1 - Interacção entre os elementos mediadores na formação e análise da realidade social no presente estudo – pode dizer-se o seguinte acerca da realidade social:

1. *Práticas religiosas*: públicas (sacrifícios e cremações animais) e semi-privadas (rituais comuns a um grupo pré-determinado com origens exógenas ao sítio);
2. *Sistema de crenças*: públicas (relacionadas com ideologias locais) e semi-privadas (orações e preces pessoais, mas comuns a um grupo);
3. *Cultura material*: tradicional (com produções locais desde o Bronze Médio, incluindo elementos locais e egeus) e inovadora (com a introdução, principalmente, de materiais egípcios);
4. *Interacção material-crença*: introdução (com práticas públicas locais e crenças pessoais indígenas e exógenas), integração (com miscigenações constantes e misturas de materiais com diferentes origens e funcionalidades).

A interface ou contexto de interacção social é público, correspondendo a uma zona de interacção de grupos, de planta e construção canaanítica, com objectos de tradição local e outros novos, egípcios e mitânicos. Por ter várias zonas com funções distintas, em cada uma delas se pode encontrar um contexto díspar, já identificado no esquema acima introduzido - Função dos diversos espaços do complexo do templo 1230-1234 – e que genericamente se pode traduzir por uma coesão sem homogeneidade cultural, baseada na aceitação e integração de todos aqueles que queriam fazer parte das cerimónias executadas.

6.5. Complexo Sul

Os autores consideram este conjunto de salas como espaço para actividades subsidiárias ao templo 1230-1234, sobretudo na área 1241 que faz ligação com o pátio 1228. Aqui se encontraram um cilindro-selo de esteatite e um pendente em faiança, ambos de modelos já descritos e semelhantes aos encontrados no pátio onde se processariam rituais sacrificiais e outros.

Do bétilo da sala 1397, Mullins diz que deve ter feito parte de um culto a uma divindade, uma vez que em Bet-Chan todas as pedras deste género parecem estar associadas a práticas religiosas, especialmente relacionadas com o culto de El.

Também deste espaço saiu um pendente circular em vidro verde, igual a outros também encontrados nos Quartos Norte, Nordeste e Pátio 1228. Da última sala, 1398, retirou-se uma figurinha feminina em cerâmica com uma base de apoio nas costas, idêntica à encontrada na sala do forno do complexo do templo.

É impossível negar a ligação desta área a actividades religiosas, mais uma vez de origem local. Nota-se por outro lado, a escassez de materiais egípcios neste complexo, com excepção de um vaso tipo *“Flowerpot”*. Tanto o bétilo quanto a figurinha feminina são modelos que se conectam mais eficazmente à cultura mesopotâmica, cananaica e micénica do que à egípcia, independentemente desta última ter cultos do feminino e representações destas entidades.

Também do templo 1234 veio um pendente de pedra em formato de bétilo, tornando possível pensar neste como objecto relacionado com uma divindade, feminina ou masculina e relacionada com as mais diversas funções.

O aparecimento de um cilindro-selo mitânico, coloca o grupo no local, o que, tendo em conta a sua origem, não choca em nada com os modelos ideológicos que se têm vindo a considerar até à data para o sítio de Bet-Chan, onde as gentes vindas do Norte da Mesopotâmia estariam presentes, podendo não ter parte activa nas práticas públicas.

Os investigadores têm apontado a sala 1397 como local de refeições e rituais de comensalidade, que considerando a presença do bétilo e do pendente circular não deixam de fazer sentido, uma vez que podem estar arroladas à divindade que ali se cultuava, quem sabe se não a mesma que aparece representada de forma inconcreta na sala 1398.

Existem dois exemplares de pendentes com decoração em cornucópia, aquele que surgiu na sala 1397 do Complexo Sul e um outro da sala 1233, no pátio 1228. Tem-se julgado o grupo de pendentes como parte de um mesmo conjunto, de origem local ou, conforme foi avançado no subcapítulo do Complexo do Templo, egípcia, uma vez que veem sempre associados a estes objectos, contudo, este modelo em particular aparece associado aos cilindros-selo mitânicos, pelo que se pode apontar para a sua utilização como parte do conjunto simbólico que representava este grupo. Por outro lado, pode também ser de origem local e assim, ter sido utilizado pelos grupos sacerdotais ou de serviço ao templo, uma vez que estas tipologias aparecem sempre nas áreas utilizadas para determinadas actividades religiosas, divergindo muitos dos exemplares de lótus dos Quartos Norte que são um espaço habitacional.

Todo este espaço é pobre em objectos simbólicos, mas rico em taças comuns de médias e grandes dimensões, utilizadas provavelmente para o consumo ou preparação de alimentos, como atestam as grandes quantidades de cinzas e restos animais destes quartos.

A comensalidade é um dado adquirido para o Oriente e normalmente associada a comportamentos muito específicos e a acontecimentos concretos, como enterramentos e outros. Sabe-se que no cemitério Norte de Bet-Chan, foram encontrados exemplares de cerâmicas também presentes no complexo do templo e outras áreas, pelo que a comunidade e os grupos ali vigentes têm de ter estado de alguma forma ligados à cidade e à sua vida quotidiana, em qualquer dos ofícios de que já se falou.

Como os materiais não são abundantes e a zona parece vinculada ao Pátio 1228, talvez os animais sacrificados aqui possam ter também feito parte dos procedimentos habituais do complexo Sul e da Sala do forno e quartos auxiliares, de onde vêm objectos das várias culturas estudadas para o sítio.

Estamos, portanto, perante um espaço com uma enorme ligação física aos Quartos Norte e ao pátio 1228, sendo que em termos materiais se encontra mais próxima dos espaços religiosos do templo e restantes salas do que do complexo habitacional. Os Quartos Norte apresentavam um conjunto muito uniforme no que respeita à origem e influências estilísticas dos objectos, contudo, nas áreas circundantes a norma está na mistura e consequente homogeneização de técnicas, matérias-primas e iconografias, onde o Complexo Sul se insere, primeiro pela

presença da figura feminina e bétilo, típicos em todo o Levante e depois pela associação ao cilindro-selo (mitânico), pendente e disco de vidro (cananaico ou mitânico) e depois pelo vaso tipo "*Flowerpot*" (egípcio).

Novamente se pode observar a semelhança funcional dos objectos, com o cilindro-selo, pendente de faiança e disco de vidro, como amuletos pessoais e representando grupos diferentes e relacionando-se com o contexto de interacção social através do bétilo e da figura feminina para culto, transversal a várias culturas e origens.

As palavras-chave para descrever este contexto de interacção social são manutenção e integração:

1. Manutenção dos modelos cerâmicos comuns cananaicos e micénicos;
2. Manutenção das formas arquitectónicas;
3. Manutenção da técnica construtiva;
4. Manutenção das crenças cananaicas;
5. Manutenção das crenças egípcias e mitânicas em espaços locais;
6. Integração de elementos egípcios em materiais locais;
7. Integração de elementos mitânicos nas práticas cananaicas;

A comunhão de diferentes grupos num mesmo espaço é assegurada por este contexto que parece ainda mais particular se se atentar nas cinzas animais e nas grandes taças comuns que aqui se encontram registadas em quantidades substanciais e que apontam para comportamentos regulares da Palestina, mas onde se inserem novas tradições, que se imiscuem naturalmente e permitem a novos grupos manterem as suas próprias crenças pessoais.

Para terminar, pegando no esquema 1 - Interacção entre os elementos mediadores na formação e análise da realidade social no presente estudo – pode dizer-se o seguinte acerca da realidade social:

1. *Práticas religiosas*: semi-privadas (cremações, comensalidade ritual e cultos tradicionais e específicos de certos grupos);

2. *Sistema de crenças*: grupais (relacionadas com ideologias dos grupos presentes);

3. *Cultura material*: tradicional (com produções locais desde o Bronze Médio, incluindo elementos locais e egeus) e inovadora (com a introdução de alguns objectos mesopotâmicos);

4. *Interação material-crença*: integração (com miscigenações constantes em termos ideológicos e materiais) e manutenção (com a conservação de crenças privadas, mesmo que partilhadas pelo grupo).

A interface ou contexto de interação social é semi-privado, correspondendo a uma zona utilizada por vários grupos, mas não pelo total conjunto dos seus membros, dada a especificidade das actividades que ali teriam tido palco, acreditando que se tratariam de rituais de comensalidade e de culto privado e adoração.

6.6. Rua

A área da Rua está dividida em três sectores, consoante a sua proximidade ao Complexo Sul (1391), aos Quartos auxiliares do templo (1238) ou à sala do forno (1340). Foram registados três objectos simbólicos neste espaço, cada qual em sua secção e todos relacionados com o mundo egípcio, aqui se contabilizando a famosa estela do leão e do cão, um pendente sem cabeça, mas que se assemelha às figurinhas do deus *Bes* e um escaravelho com o nome de Tutmés III, respectivamente.

Comecemos por enunciar as palavras-chave capazes de sintetizar esta zona de Bet-Chan: manutenção, introdução e partilha:

1. Manutenção dos modelos cerâmicos comuns;
2. Manutenção das formas arquitectónicas;
3. Manutenção da técnica construtiva;
4. Introdução de esquemas iconográficos mistos;
5. Introdução de materiais simbólicos egípcios;
6. Partilha de espaços e objectos por diversos grupos;

7. Partilha de práticas e crenças, aceites publicamente.

Partindo do esquema anterior, pode passar-se à análise dos objectos aqui encontrados, sendo que como já se avançou, o número de monta de botões de carros de guerra egípcios por toda a área de Bet-Chan indica a presença de aquartelamentos na região durante o século XV a.C., independentemente de se poder considerar uma presença permanente dos exércitos no local. Esta quantidade substancial de objectos com uma funcionalidade tão particular e com modelos tão diversos, impossibilitam á partida negar a existência de grupos militares na zona, contudo, a sua presença pode ter-se devido tanto a questões políticas, como já se aventou, ou a questões de administração, para recolha de impostos e imposição parcial do governo egípcio na região da Síria-Palestina, que as cartas de Amarna confirmam.

A Rua, com uma grande largura pode ter servido o propósito último de abrigar os carros de guerra do exército egípcio que por ali passavam periodicamente e que montariam acampamento no sopé do monte, enquanto os altos funcionários e uns quantos militares se manteriam alojados nos quarteirões de Bet-Chan. Actualmente é impossível confirmar esta hipótese, contudo, o facto de na rua se encontrarem sobretudo artefactos egípcios e tão específicos como estes, especialmente quando se trata da figurinha de *Bes*, pode confirmar a presença de grupos muito específicos, que trazem consigo a sua cultura e que a mantêm, independentemente do sítio onde se encontram.

Não foram registados mais amuletos ou figurações de *Bes* no nível IX de Bet-Chan, contudo, em níveis posteriores, estas vão surgir em grandes números, só suplantadas pela iconografia de *Hathor*, considerada entre outras coisas como a Deusa dos países estrangeiros¹⁴¹ e ali existente depois da ocupação mais premente dos egípcios no local.

Também o Deus *Bes* é símbolo de protecção, sobretudo na altura de partos ou de acasalamento, mas também enquanto estimulador sexual, pintado ou gravado em espelhos e caixas de cosméticos de modo a enaltecer o desejo carnal e promover o nascimento de crianças. Espalhou-se ao longo de todo o levante e inclusive no

¹⁴¹ Ver (Hart, The Routledge Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses 2005, 65)

Chipre se encontraram as suas figurações, sendo normal encontra-lo em Bet-Chan, mas associado a um grupo muito específico de egípcios, do qual podiam fazer parte mulheres, que até à data têm sido desprezadas nas investigações acerca da expansão egípcia pela Ásia.

Em tempos pode ter existido uma passagem directa entre o pátio 1228 e o espaço 1238 de onde vem este pendente de *Bes*, atravessando a sala 1397 de onde vem o disco de vidro e o bétilo, tratados anteriormente. Contudo, não parece haver a possibilidade de o pendente não pertencer à Rua, pelo que será considerado como um objecto de elite, utilizado por um qualquer membro do grupo egípcio que a dado ponto o terá abandonado no local, talvez devido à cabeça partida.

O escaravelho com o nome de Tutmés III aparece um pouco descontextualizado, contudo, a sua utilização teria o duplo sentido de que já se falou, isto é, enquanto símbolo de protecção, no mesmo molde dos pendentes e enquanto símbolo nobre, talvez para lacrar documentos, como outros exemplares que se encontraram nos níveis posteriores de Bet-Chan, sob a forma de sinetes e anéis, também com a gravação dos cartuxos reais.

Ainda existem dúvidas quanto à proveniência da estela do leão e do cão, que tanto pode ter vindo da Rua como do Edifício 1240¹⁴², contudo, e porque a zona da Rua é claramente descontextualizada, mais do que não seja porque era um local de passagem, irá considerar-se a estela como um exemplar presente na zona do referido edifício e da Rua, sendo que ambos estariam dependentes e seriam utilizados pelos mesmos grupos, uma vez que os objectos egípcios se dispersaram largamente por todo o nível e por todas as dependências.

*"Combat scenes are characteristic of the ancient Near Eastern and Mediterranean world. The lion and dog appear individually in several combative scenes; however, the combination of a lion and dog/lioness (whether in struggle or play) has been unique so far at Beth Shean. Despite the difficulties associated with the provenience and interpretation of the slab, it is an important piece of mythological art that had special meaning to its owner, perhaps reflecting some Canaanite mythology"*¹⁴³.

¹⁴² Ver (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002, 130)

¹⁴³ *Idem.* p.132

Assim, será mais um exemplar local, produzido pelos grupos cananaicos, mas que faria jus a uma série de crenças e serviria um grande rol de práticas e de grupos com diferentes origens, podendo ter sido um ponto de união entre diferentes grupos e diferentes zonas da cidade.

É impossível compreender que grupos utilizariam esta parte da cidade, uma vez que tanto nas salas do templo ali perto como no Edifício 1240, grupos locais, egípcios e mitânicos parecem ter estado presentes em dado momento.

Para terminar, pegando no esquema 1 - Interacção entre os elementos mediadores na formação e análise da realidade social no presente estudo – pode dizer-se o seguinte acerca da realidade social:

1. *Práticas religiosas*: não presentes no local, sob a forma de nenhum objecto simbólico de utilização especificamente religiosa ou de culto directo;
2. *Sistema de crenças*: locais (com a estela do leão e do cão) e egípcias (com o amuleto de *Bes* e o escaravelho de Tutmés III);
3. *Cultura material*: tradicional (com produções locais desde o Bronze Médio, incluindo elementos locais) e inovadora (com a introdução, principalmente, de materiais egípcios);
4. *Interacção material-crença*: partilhada (com materiais que integram diferentes crenças em redor de um mesmo objecto).

A interface ou contexto de interacção social é neste caso pública, correspondendo a uma zona de interacção de grupos, de planta e construção local, com objectos de fabrico local e egípcios. Os materiais são muito específicos e têm uma simbologia que só deve ter sido completamente conhecida pelos membros do grupo em questão, independentemente de se tratarem de objectos culturalmente transversais e capazes de integrarem qualquer um dos sistemas ideológicos ali presentes.

6.7. Quartirão Ocidental

Também deste quartirão se retirou o típico conjunto de taças comuns e delicadas de grandes e médias dimensões, ao qual se juntaram as tipologias Egípcio-cananaicas da sala 1407.

A sala 1400 foi identificada como parte de uma área aberta e tem de curiosa a quantidade de tipologias do Bronze Final e a falta de modelos do Bronze Médio ao aos quais se junta o pedestal alto, com cerca de 76 cm de altura e quatro furos perto da base, talvez servindo para queima de óleos, como era típico na região e se vai manter, com os modelos egípcios posteriores. Também daqui veio um botão de quartzito semelhante aos já descritos e que ajuda a colocar determinados membros egípcios nesta área, que aliás se encontra muito próxima da rua e do Complexo Sul.

A figurinha feminina de cerâmica que apareceu na sala 1405 é também um modelo local, apresentando elementos comuns também à cultura egípcia e mesopotâmica, nomeadamente com o desenho da genitália, semelhante também à figura da sala 1232 e da sala 1407.

Sendo a espada *Khepesh* um símbolo de poder, associada à soberania de alguém, pode supor-se uma relação entre esta e a figura feminina já apresentada, ambas pertencentes do mesmo indivíduo, provavelmente um local com algum poder específico, provavelmente ligado ao serviço ao templo ou a um ofício mais destacado na cidade.

A outra figura feminina que apareceu na sala 1407 tem o órgão genital em forma de flor de lótus e amamenta uma criança, reportando-nos para um culto específico e desta feita, relacionado com um qualquer grupo originário do Egito. Aqui, tanto a figuração do lótus como a amamentação são apresentadas em deusas como *Isis*, podendo ainda referir-se à mesma divindade cuidando de *Hórus*, no caso das representações com crianças.

Ao contrário da sala 1405 que pode ter sido habitada por um cananeu, esta pode ter sido utilizada por um egípcio ou por uma elite local que, imitando os materiais exógenos, copia por sua vez as ideologias, aproximando-se mais dos modelos do povo soberano e considerado superior¹⁴⁴.

¹⁴⁴ No estudo da conquista israelita da Palestina, uma das teorias propostas é a “elite emulation”, isto é, a imitação das elites pelas gentes locais na tentativa de se parecerem mais com

Quanto aos cilindros-selo que aparecem sem um contexto específico, implica considerar a presença de grupos mitânicos também neste quarteirão, que parece até à data reportar-se a uma elite governativa ou sacerdotal, mas que pode ter aceite alguns membros do Mitani nos seus complexos. Podem também estar ali presentes por terem sido utilizados pela mesma elite local que assimila os símbolos exógenos e os torna parte integrante da sua própria cultura. Ambos apresentam figuras masculinas, sendo que um deles tem métopas e um cervídeo e o outro só apresenta métopas.

Os cilindros com métopas em forma de B são todos de Bet-Chan e considerados um dos motivos mais antigos de toda a Palestina¹⁴⁵. Podem associar-se também aos cervídeos ou antílopes e reportam neste caso para ideologias mitânicas de base¹⁴⁶.

As três palavras-chave para descrever este contexto de interacção social poderão ser manutenção, partilha e fusão:

1. Manutenção dos modelos cerâmicos comuns cananaicos;
2. Manutenção das formas arquitectónicas e técnicas construtivas;
3. Manutenção das práticas locais;
4. Partilha de objectos que incluem elementos mistos;
5. Partilha de pequenas ideologias com um fundo comum;
6. Mistura de crenças exógenas e locais.

Este contexto de interacção social apresenta características muito particulares, sobretudo associadas à variedade material e diferentes origens, todos nobres, numa zona que foi reconstruída durante o nível mais recente do estrato IX e que se encontra muito próxima do Complexo Sul, de onde vieram figuras femininas

elas e de assim se poderem associar ao poder e estatuto destes grupos. Para tal, copiam os seus elementos materiais de prestígio e utilizam-nos como forma de mostrarem aos demais que também se colocam no poder. Também aqui, se pode pensar na adopção de estratégias similares, uma vez que os objectos egípcios aparecem com grande dispersão e os primeiros a se associarem a objectos locais são aqueles, cuja simbologia é partilhada pelos vários grupos, como no caso das figuras femininas, que são comuns a todo o Levante, mas que apresentando determinadas decorações ou gravações se reportam mais a uma do que a outra.

¹⁴⁵ Ver (Mussell 1983, 24)

¹⁴⁶ *Idem.* p.30

semelhantes, um altar de pedra local (bétilo), cilindros-selo e pendentes locais ou mistos.

De particular neste espaço é o botão de quartzito que é típico dos egípcios com carros de guerra, colocando-os por este motivo na zona. Pensa-se que entre os quartos tenham existido portas, assegurando a privacidade dos mesmos, pelo que se pode apontar para uma utilização do Quarteirão Ocidental por uma elite, separada do resto da população pela actividade social que exerceria e não pela origem.

Já se propôs a utilização dos quartos por sacerdotes ou servidores do templo, agora podendo propor-se a mistura de gentes e de ideologias e práticas, mas todas inseridas dentro de um mesmo esquema de coesão social que o nível IX reporta inequivocamente. Mesmo os cilindros-selo, podem ter estado presentes na pessoa de agentes locais ou egípcios que os tenham recebido como ofertas, sendo símbolos de protecção e referenciais tão particulares de uma realidade desconhecida para os locais e para os egípcios.

Para terminar, pegando no esquema 1 - Interacção entre os elementos mediadores na formação e análise da realidade social no presente estudo – pode dizer-se o seguinte acerca da realidade social:

1. *Práticas religiosas*: locais (com cultos a entidades e divindades femininas) e mistas (representadas por objectos comuns a ambas as tradições culturais);
2. *Sistema de crenças*: mistas (organizadas em volta de ideologias locais, mas aceitando os estímulos externos que não as poriam em causa);
3. *Cultura material*: tradicional (com produções locais desde o Bronze Médio, incluindo elementos locais), recente (com modelos do Bronze Final) e inovadora (com tipologias Egípcio-cananaicas);
4. *Interacção material-crença*: partilhada (com materiais que integram diferentes crenças em redor de um mesmo objecto, agregando grupos).

A interface é neste caso privada, correspondendo a um espaço isolado e de construção mais recente, talvez dirigido pela classe sacerdotal local que integraria novos membros, possivelmente egípcios, presentes na cidade e que se vão tornando

mais naturais no local, imiscuindo as suas crenças e possivelmente também as suas práticas no universo cananeu.

As separações físicas entre os diferentes quartos, podem ser o suporte de toda a noção de junção e manutenção de diferentes membros e de diferentes artefactos, publicamente trabalhados, mas mantidos privados no espaço habitacional dos executantes principais das actividades públicas referidas.

6.8. Edifício 1240

À partida, os investigadores consideram-na uma área monumental, como um centro administrativo, Palacial ou residencial de origem e utilização local, ocupado por oficiais de grande prestígio que se ocupariam da administração da cidade.

Foram encontrados de monta três objectos, um pendente circular com motivos geométricos e que já se relacionou com o grupo mitânico ou local, um cilindro-selo, obviamente mitânico e um botão em mármore, egípcio. São todos típicos desta fase de primeiros contactos internacionais na cidade e representam as três grandes culturas ali presentes de forma mais activa, os grupos cananaicos, os grupos egípcios, sob a forma de oficiais e artesãos e os mitânicos, sob a forma de oficiais e funcionários administrativos.

Tratando-se de um complexo nobre, com uma sala de banhos aquecida e abastecimento de água privado, parece lógico servir a elite existente no sítio, que seria como já observámos, mista, local e egípcia, ou então, servir os agentes superiores dos três grupos ali representados, aqui se incluindo o Mitani.

As três palavras-chave para descrever este contexto de interacção social são manutenção e introdução:

1. Manutenção dos modelos cerâmicos comuns cananaicos;
2. Manutenção das formas arquitectónicas;
3. Manutenção da técnica construtiva;
4. Introdução de modelos cerâmicos egípcios;
5. Introdução de materiais simbólicos egípcios;
6. Introdução de materiais simbólicos mitânicos.

Acreditando que seria a residência dos governadores locais, o facto de ter mais quartos e de neles terem surgido um cilindro-selo e um botão de mármore pode apontar para esta segunda hipótese, tratando-se assim de uma espécie de Palácio, mesmo não sendo o sítio onde se tratariam de assuntos políticos, função de que se ocuparia o Quarteirão Nordeste, se as nossas pesquisas estiverem correctas até ao presente momento.

Para terminar, pegando no esquema 1 - Interacção entre os elementos mediadores na formação e análise da realidade social no presente estudo – pode dizer-se o seguinte acerca da realidade social:

1. *Práticas religiosas*: não presentes no local, sob a forma de nenhum objecto mágico-simbólico de utilização especificamente religiosa ou de culto directo;
2. *Sistema de crenças*: privadas (mas não tendo desempenhado qualquer papel neste espaço);
3. *Cultura material*: tradicional (com produções locais desde o Bronze Médio, incluindo elementos locais e micénicos)
4. *Interacção material-crença*: pouco visível no espaço, tratando-se de uma área habitacional não permanente.

A interface ou contexto de interacção social é neste caso privada, correspondendo a um espaço habitacional semi-permanente para grupos exógenos ao sítio e permanente para as classes hierarquicamente superiores dos grupos locais.

A relativamente baixa quantidade de objectos simbólicos e as diferentes origens dos que ali se encontraram prometem um estatuto social diferente para os que ali se encontravam, independentemente da sua origem. Mais uma vez parece reportar-se a uma diferença através de um ofício e não de uma etnia ou grupo cultural.

7. A crença e a pratica na organização social dos grupos humanos

Antes de mais, é importante notar que este capítulo surge na sequência do capítulo anterior, depois de uma clara distinção entre as crenças e as práticas simbólicas que tiveram lugar em Bet-Chan durante o período estudado.

Se é complicado pensar que é possível existir uma crença sem uma prática e vice-versa, também o é, defini-las quando se pensam sempre em conjunto como partes de um único molde. Não é dizer que não se conjugam perfeitamente para criar um único sistema ideológico, que aliás vive exactamente da permanência de ambas as realidades em sociedades coesas socialmente, contudo, em termos etimológicos são diferentes e de diferentes modos se integram nos grupos humanos identificáveis em qualquer análise.

Como vimos, em Bet-Chan, muitas vezes se mantêm as práticas e se alteram as crenças e outras vezes se mantêm as crenças e se modificam as práticas, consoante os grupos que dirigem determinadas secções funcionais dentro da comunidade. Associar funções sociais a manutenções e modificações simbólicas é por seu turno tentar associar uma realidade passível de análise, através da cultura material, a uma outra que o não é, que é a da totalidade cultural, incorpórea e irreal, mas à qual a arqueologia tenta chegar.

No fundo, as crenças e as práticas nunca se alteram completamente, antes sofrem pequenos ajustes para encaixarem na nova ordem social que se vai criando ao sabor das influências externas que se fazem sentir. Como integrantes do sistema cultural, é através da própria significação de cultura que se podem também entender estas alterações no sistema simbólico que rege acções e pensamentos e motiva processos de identificação social distintos, que por sua vez alteram também a cultura vigente.

Segundo a teoria da *Extended Mind*, que explica que a mente existe e se pode observar além do estudo do cérebro, isto é, através da cultura, que é o seu produto mais complexo, podem compreender-se dois tipos de investigadores, os mais radicais que dizem que também a mente se modifica através dos estímulos

socioculturais em que os indivíduos se inserem e os investigadores mais moderados, que fazem valer a mente cognitiva numa assumpção mais evolutiva, dizendo que ela é situada no cérebro e que apenas faz uso do armazém de memórias externas, da qual fazem parte a chamada cultura material simbólica de Renfrew, para existir no mundo e se manter internamente.

Nenhuma das duas visões é errada, simplesmente analisam diferentes características e diferentes objectos, embora ambas se complementem na criação de conceitos que de outra forma não existiriam.

Desta teoria, vem uma outra designada *Extended Cognition*, que tratando dos processos cognitivos situados ao nível do pensamento, diz que o próprio acto de pensar é ambientalmente situado, dele dependendo para a formulação de raciocínios que em tudo são sociais e por isso culturais.

Esta tem sido uma das ideias-chave de toda a tese exposta, uma vez que permite ver a cultura material como produto da mente e a mente como produto da cultura, mais uma vez, permitindo análises acerca da hominização e humanização, mas sobretudo desta última, uma vez que cremos que o *Homo sapiens sapiens* é já o resultados dos processos evolutivos em que mente e cultura se aliaram.

A cultura, enquanto conjunto ideológico e material, existe na consciência colectiva de determinada comunidade, contudo, como se referiu, em Bet-Chan, diferentes grupos formaram este conjunto humano, pelo que, se poderia supor a permanência de diferentes culturas.

Como se pode então explicar que a unidade cultural seja uma premissa base, visível a nível ideológico e material, quando tantos grupos se podem identificar, cada qual com uma apropriação do espaço única?

Antes de mais, por apropriação, se entende o conjunto de acções que tiveram lugar num determinado contexto de interacção social, palco dos mais variados momentos e de alguma forma subordinado a esses agrupamentos. Em seguida, importa referir que a nível material, o registo analisado é entendido como uma pequena parte do grande conjunto que deveria existir em tempo de vida da comunidade, pelo que este é apenas uma representação ínfima e incompleta de todas as acções que se podem aludir.

Para terminar, temos a própria noção de cultura, que tanto pode ser entendida como fechada no tempo e/ou espaço e sempre referente a uma

determinada sociedade ou, como aberta a variações no tempo e espaço, implicando que a cultura seja adaptativa.

Pensando no caso muito concreto da Bet-Chan do nível IX, a adaptação que os grupos indígenas permitiram a partir dos materiais e crenças dos grupos exógenos que ali chegavam, alterou o conjunto da designada cultura material, à qual foram introduzidas novas tipologias e técnicas de fabrico e mantidas outras tantas formas. Terão estas mudanças na cultura material sido suficientes para alterar a cultura como um todo?

Volta-se assim à ideia de grupo mínimo de características que podem ser observadas e que indicam qual a base estrutural de determinada cultura, excluindo os restantes valores culturais enquanto alicerces, mas não enquanto factores preponderantes. Na verdade, estes outros valores culturais podem ajudar a alterar ou a manter os tais alicerces, tornando cada grupo cultural único no espaço e no tempo. Significa esta unicidade que a cultura não é partilhada por outras comunidades e dispersa também no tempo?

Não, aliás, se tal fosse justo, nunca a tradição poderia existir como determinante na análise dos grupos humanos, que como se referiu em capítulos anteriores, se definem em grande medida pelo tempo mítico, que é o mesmo que dizer, pelo tempo passado, que se mantém activo nas memórias e nos saberes colectivos, motivando a vinculação a espaços (antrópicos e naturais), rituais (simbólicos ou não) e pessoas (antepassados e presentes) e permite a criação de Identidades colectivas.

Assim se percebe que o conceito de cultura tem necessariamente de ser aberto, a pressões internas (tradição e outras) e externas (aculturações e outras), sem as quais não haveria nem manutenções nem transformações que se pudessem observar pelos investigadores.

É neste sentido, de observar as diferentes complexidades, que uma determinada comunidade desenvolve ao longo do tempo, que se torna curioso compreender as dinâmicas entre crença e prática, não só enquanto integrantes religiosos, mas sobretudo enquanto determinantes sociais, uma vez alcançado o papel da religião para os grupos em estudo.

O próximo subcapítulo é precisamente para compreender o que significavam o nível sagrado e profano, religioso e não religioso dos grupos do século XV e XIV a.C. de Bet-Chan.

7.1. O papel da religião em Bet-Chan

Diz Mullins que, sendo o complexo do templo o grande espaço central e nele se congregando muitas das restantes acções decorrentes na restante área, a vida religiosa seria de grande importância social, como aliás se pôde depois considerar através da análise feita nas páginas anteriores.

Tanto em espaços públicos como em espaços privados, as práticas religiosas tinham um papel preeminente. Dependendo do contexto de que se fala, também se faz depender os grupos humanos que se descrevem, servindo o quadro em baixo para sintetizar estas informações.

Contexto de Interação social	Natureza do espaço	Natureza social
Quartos Norte	Habitações privadas de elite	Grupo familiar
Quarteirão Nordeste	Espaço semi-público administrativo	Grupo militar e administrativo
Exterior do templo	Espaço público de acções variadas	Grupo sacerdotal, étnico e económico
Quarteirão Oriental	Espaço público religioso	Grupo sacerdotal e étnico
Complexo Sul	Espaço semi-público religioso ou outro	Grupo étnico e religioso
Rua	Espaço público de acções variadas	Grupo militar, administrativo e outros
Quarteirão Ocidental	Espaço privado para acções de uma classe sacerdotal	Grupo sacerdotal e étnico
Edifício 1240	Habitações privadas de elite	Grupo étnico de classe superior

Tabela 16 - Relação entre as naturezas do espaço e do grupo social, tendo em consideração os contextos de interacção para Bet-Chan no nível IX.

Assim exposta, se compreende a natureza dos diferentes grupos que se formam, consoante as necessidades sentidas, num espaço que passa a ser partilhado por diferentes etnias e por diferentes classes sociais, concebidas fora do ambiente que depois passam a habitar.

Quando em capítulos anteriores se mencionam diferenciações sociais não apenas baseadas em questões étnicas, que à partida, dentro das perspectivas de ocupação do espaço por um reino dominante em relação aos demais é maioritariamente primária, mas baseadas na diferenciação dos espaços e das funcionalidades que a interface material-área permitiu arrolar, definem-se as naturezas dos grupos humanos que nelas poderiam interagir.

Quer isto dizer que a origem iconográfica de um material apenas define a origem do grupo criador, não a do grupo utilizador. Para mais, nesta Bet-Chan, os grupos criadores são locais, mesmo quando se tratam de artefactos egípcios, pelo que nem nestes casos, a origem da iconografia é definidora de grupos criadores, mas tão somente dos grupos que influenciam a sua criação.

Se para os objectos simbólicos egípcios o fabrico é maioritariamente local, pressupõe-se, como demonstra a técnica construtiva, um ambiente de confluências sapienciais entre egípcios e locais, contudo, para os artefactos mitânicos, a produção parece ser inteiramente dependente dos grupos hurritas, não tendo sido identificada nenhuma produção local destes objectos. Para os exemplares egeus, a sua chegada pelo porto de Tell abu-Hawam, identifica-lhe a origem como sendo exógena a Bet-Chan, embora algumas tipologias cerâmicas tenham já uma produção local, produto das antigas relações entre Creta e Canaã.

Esta distinção entre criadores e utilizadores permite somente considerar que é a natureza do contexto de interacção social e não a natureza dos objectos, que define o tipo de distinções sociais que se podem fazer. Ou seja, são a materialização e a identificação que permitem, enquanto conceitos sociais, compreender que em Bet-Chan, a miscigenação humana permitiu o sincretismo material e vice-versa e que, a partir destas, o produto final é uma comunidade coesa, em que, na presença de hierarquias bem definidas, estas não são formadas, em todos os contextos, pelos grupos conquistadores e conquistados.

Assim, e tendo já mencionado anteriormente os contextos existentes e o ponto de formação dos grupos humanos neles intervenientes, resta por ora tentar

perceber que, se os materiais e sua origem se arrolam aos grupos étnicos que os influenciam, a sua acção no tempo e espaço, enquanto agentes não está deles totalmente dependente, uma vez que entre a ideologia que permitiu uma criação e a ideologia que dela se apropriou, se encontra um conjunto de práticas que necessitam de um estudo mais demorado, sobretudo devido ao seu papel na percepção que se pode fazer dos fenómenos interactivos que ali tiveram lugar.

Como se disse, entender o papel da religião num determinado sítio, num espaço circunscrito e num tempo delimitado, é compreender de que forma as acções se prendem a um universo simbólico determinado por crenças que não necessitam de racionalizações para existirem.

A própria tentativa de definir Religião é ingrata neste sentido, pois a religião, enquanto criação humana, tem uma base cognitiva muito concreta, fundamentada na percepção de determinadas acções, como danças, luzes, substâncias psicotrópicas e outras, que têm um espaço concreto nos processos cognoscentes de cada indivíduo. No fundo é dizer que a religião é naturalmente humana e sobretudo, substancialmente social, presa a rituais, onde a memória e a tradição têm um papel indispensável. *“Religious cognition depends on practices, goals, complex emotional and embodied states, and contextual and developmental variables”*¹⁴⁷.

Neste sentido, em que a própria religião não tem uma definição consistente, pois de vários fenómenos se reveste, o papel da prática religiosa, enquanto acontecimento ou conjunto de acontecimentos, pode ser estudada para diferenciar os contextos de interacção, em que a cultura material tem um significado simbólico que é impossível ignorar. Quer isto dizer que, no total, em diferentes ambientes, práticas com contornos dissemelhantes e associadas a determinados conjuntos materiais, ajudam a definir o papel da religião, enquanto agregador social e catalisador de memórias colectivas.

Por outro lado, a crença, mais silenciosa no registo material, infunde carga simbólica às práticas ditas religiosas, podendo ser vista enquanto suporte na manutenção e na transformação cultural de um ou mais grupos que dela façam uso em ambientes públicos e privados.

¹⁴⁷ Ver (Bulbulia e Schjoedt 2012)

A própria separação entre ambientes, denota claramente o papel da crença na criação de espaços sociais, que só são o que são, pelos homens que o constroem diariamente e que se produzem também dentro dele. Se em ambientes públicos o papel da prática é fundamental, pois é a partir dos rituais que se formam os ditos vínculos colectivos entre membros de um mesmo grupo e entre grupos distintos, em ambientes privados, o papel da prática tem que ver directamente com crenças pessoais, que embora influenciadas pelas ideologias e liturgias comuns, se mantém sempre única.

Pode afirmar-se sem receios que se em ambientes públicos as classes sociais que dominam a liturgia são quem escolhe, segundo um objectivo muito concreto, quais as práticas que ali têm lugar, ou seja, a prática é muitas vezes dissociada da crença por motivos políticos ou outros, já em ambientes privados, cada pequeno grupo, isto é, família ou outro, se deixa influenciar por estímulos externos diferentes, permeando à partida o tipo de práticas executadas. Nos primeiros, as práticas definem a escolha das crenças e nos segundos, são sobretudo as crenças que definem as práticas, pelo que é normal que em Bet-Chan se verifique que em espaços públicos religiosos, como o templo e o pátio exterior, todos os grupos humanos sejam aceites e a prática tenha sido uniformizada, permitindo a manutenção das crenças pessoais e grupais que só em ambientes privados têm a sua maior demonstração.

É precisamente por esse motivo que nos Quartos Norte a quantidade de pendentes é tão elevada, pois todos eles são símbolos de ideologias muito particulares que não precisam de um conjunto ritual para fazerem o efeito para o qual foram fabricados.

Estamos, portanto, perante um sítio em que, pela confluência material e ideológica ser tão elevada, modificou grandemente as populações locais tanto a nível das práticas como das crenças. Primeiro com o comércio micénico no Bronze Médio, depois com a exploração e permanência egípcia, e por fim com o Mitani e as guerrilhas pelo território, que, no Bronze Final fizeram do corredor Siro-Palestiniano um local de conflitos armados entre dois grandes impérios.

Sendo um local pequeno, com poucos habitantes e desde períodos anteriores à entrada do Egipto, muito centrado da prática ritual, como parece comprovar-se através da área do templo e quartos auxiliares que estariam também encarregues de toda e qualquer produção artesanal feita para o sítio e restante território, o

comércio com o Mediterrâneo Oriental, na base da economia mediterrânea a que já aludimos, permitiu em primeira mão a entrada de objectos e ideias, que rapidamente se dispersaram e em segunda, a rápida absorção de novos estímulos, vindos com outros povos.

É assim que se pode compreender a falta de sinais de conflitos armados quando o Egipto tenta a ocupação efectiva de Bet-Chan na XIX dinastia e a já mencionada rápida miscigenação cultural que na XVIII dinastia se verificou. Ao analisarmos as crenças e as práticas, não num sentido específico de as compreender concretamente, mas numa tentativa de perceber em que tipo de ambiente, os grupos locais se puderam elevar e em que outros, os grupos exógenos fizeram sentir a sua presença no local, através da diminuição das actividades locais, estamos a tentar compreender a cultura material como produto social.

Como se referiu, os grupos locais terão permanecido numa posição hierarquicamente superior no que toca às actividades do templo, uma vez que, através dos objectos encontrados, a maioria delas se deveriam relacionar com sacrifícios animais e posterior consumo, tanto dentro da área do templo como no pátio exterior.

Quanto aos grupos egípcios presentes nos mesmos ambientes, sabe-se que embora os frequentassem, as práticas enumeradas não eram parte do seu repertório ideológico, contudo, a adaptação a novos ambientes e a aceitação de novos deuses e de novas práticas sempre foi atestada pelos egípcios, uma vez que mantinham a crença de que os deuses ficavam no Egipto, não os podendo proteger fora deste território, a não ser em casos excepcionais. Apenas a deusa *Hathor* e o deus *Bes* têm representações materiais em Bet-Chan, embora só apareçam nas dinastias seguintes, já relacionadas com a reorganização arquitectónica e ideológica do espaço por Ramsés.

Embora também nestas áreas se encontrem objectos de outras origens, são claramente as práticas locais que imperam, embora nenhuma delas exclua outros grupos humanos cujas práticas têm outros contornos. Esta manutenção de práticas, associadas ao sacrifício e queima de animais, típicas das terras da Palestina e da Mesopotâmia, passam a aliar-se a outras crenças, de outros povos, nomeadamente egípcios.

Já os grupos mitânicos, cuja presença se supõe através dos cilindros-selo, que como se disse poderão ter sido utilizados como pendentos, estão presentes nas salas do templo, no seu exterior e no Quarteirão Nordeste, só aparecendo depois no edifício 1240. Estão por isso associados a áreas religiosas e a práticas rituais públicas, que como se referiu, são maioritariamente locais.

Independentemente de como em ambiente privado se processavam as actividades religiosas e de como os diferentes grupos as dirigiam, em espaços públicos todos parecem ter respeitados as normas já vigentes no local. Contudo, alguns objectos em espaços comuns mostram claramente uma miscigenação entre ideologias locais e exógenas.

Esta mistura entre simbologias, ou seja, sincretismo, tem o seu maior exemplo na Estela de Mekal, encontrada junto aos edifícios da rua e mostrando dois egípcios a venerarem o deus.

Como em capítulos atrás se disse, a veneração de um deus local por parte de dois egípcios que terão tido um papel de relevo em Bet-Chan, demonstra claramente como as tradições locais se mantiveram em períodos posteriores. Mekal, enquanto “Senhor de Bet-Chan” demonstra também a apropriação das crenças locais, mas não das práticas como um todo, uma vez que a estela tem uma iconografia tipicamente egípcia, tanto no desenho do trono, como nas vestes dos egípcios.

Já a imagem de Mekal é amplamente mantida, com o desenho da barba, da coroa e do saiote, traços que em vários relevos são representativos dos povos semitas. Temos, portanto, a distinção entre um deus cananaico e dois indivíduos egípcios, presentes em Bet-Chan, entre os séculos XV e XIV a.C., provavelmente detentor do título de arquitecto responsável pelas reconstruções do templo¹⁴⁸.

Muito embora este título possa ter sido de facto importante, sobretudo se podermos considerar a relativamente grande importância dos grupos artesãos em Bet-Chan e da união que neles existiu, entre indivíduos de diferentes origens e da comunhão de saberes que aquelas primeiras gerações produziram, o facto é que a criação da própria estela, monumental, visualmente ligada ao universo egípcio, mas única pela junção entre as ideologias cananaicas, tem em tudo que ver com o sincretismo e com a criação de uma nova identidade social.

¹⁴⁸ Ver (H. Thompson, Mekal the God of Beth Shean 1970, 54-56)

O símbolo do lótus, já desenvolvido anteriormente, é outro dos exemplos deste novo modelo comunitário, presente nos pendentes e amuletos e também na estela, como uma oferenda ao deus. Enquanto referente do Sol, vida, fertilidade e morte, este confere-lhe uma ligação a outros deuses, com outras origens, tornando-o assim um palimpsesto de ideologias.

Uma vez que se tem vindo a distinguir entre crenças e práticas e entre ambientes públicos e privados, é curioso notar precisamente esta união através de pequenos símbolos, mais facilmente aceites e rapidamente dispersos, associados a diversas crenças (panteões) e a diversos ambientes (público-templo e privado-habitações).

Une-se assim toda uma comunidade, em actividades públicas locais, mas que deveriam abarcar toda a gama possível de crenças, unindo grupos e etnias, em rituais muito específicos, mas onde todos estariam presentes.

É por isso importante notar que em Bet-Chan, daquilo que foi possível ver através da análise material, a entrada dos egípcios foi inicialmente muito mais ligada a interesses políticos externos aos próprios cananeus, uma vez que a apropriação de espaços foi precedida pela apropriação social e religiosa e nunca por uma mudança paradigmática, típica dos períodos posteriores.

8. Considerações finais

Tendo sido intenção principal desta tese apresentar um conjunto de teorias cognitivas e sociais capazes de induzir uma metodologia de análise apta a compreender a cultura material na sua relação com o homem social e assim, perceber dinâmicas de interação, numa realidade que à partida se sabia diversificada em termos grupais, delineou-se uma primeira fase para a apresentação das teorias gerais e uma segunda fase para a análise dos materiais simbólicos a partir das mesmas teorias.

Ainda nos dias de hoje é um obstáculo tratar as ciências sociais sem as tentar tornar mais exactas, isto é, sem tentar que apresentem toda uma linha de conjecturas lógicas e irrefutáveis que levem inequivocamente de “x” a “y”, sem registar questões que ponham em causa tanto o postulado inicial como o resultado final. Sendo a Arqueologia um campo transdisciplinar, que implica relações com disciplinas como a Geologia, a Química, a Antropologia e outras semelhantes, facilmente se tenta estudá-la como se de uma delas se tratasse, quando na verdade, independentemente do método de análise, a Arqueologia é uma disciplina histórica que procura inevitavelmente compreender o Homem e as suas dinâmicas sociais, em diversos ambientes e sob diversas configurações.

As ciências que estudam o Homem, fora do seu âmbito “evolutivo”, têm tentado cada vez mais frequentemente examiná-lo enquanto agente, em actividade com o meio e os outros seres, e para tal tem-se incentivado o tratamento do Ser Humano nas suas várias acepções. Entre elas, uma das mais fundamentais é a de que independentemente do ambiente, o Homem é um ser social, que necessita dos outros seres para existir, na mais plena força da sua natureza. A palavra cultura tem sido a base etimológica para definir este conjunto de abstracções vitais que agregam os indivíduos uns aos outros, em vínculos materiais e “humanos”, querendo isto dizer em alianças concretas e não concretas, palpáveis e incorpóreas, dividindo intencionalmente, mas de forma inocente as duas faces de uma mesma essência e assim, permitindo que a Arqueologia se afaste sem culpas dos grupos humanos que tenta compreender.

Observando esta premissa base de que os indivíduos são, em completa concordância do termo, só e apenas no seio de um grupo, eles existem sempre enquanto membros de algo. Esse algo que se funde na harmoniosa relação de uma identidade e de uma identificação, isto é, de um ser e de um grupo, é um projecto longo que se espera poder demonstrar que tudo o que se relacione com um determinado agregado humano pode ser estudado partindo das noções primárias que asseveram que o homem é um ser social.

Aqui, a cultura material é obviamente parte basilar do projecto, uma vez que permite aos indivíduos relacionarem-se uns com os outros e com o contexto ambiental em que se inserem. O conjunto artefactual de uma comunidade é a face corpórea e palpável que serve como mediadora entre os seres utilizadores e a “cultura” abstracta, incorpórea e inconcreta, definível, mas nunca verdadeira de um associado social, sobretudo porque a componente tradicional é uma reguladora exponencial de todas as relações humanas que se conseguem considerar em análise.

A este ponto chave, que é a tradição, junta-se o fosso intransponível entre um acontecimento e a sua descrição, mesmo quando este é realizado pelos seus intervenientes máximos. Contando com a distância entre passado e presente e com a falta de testemunhos dignos de confiança, o mais consistente que se pode analisar é o conjunto material e o cérebro humano, já configurado e cujas funcionalidades são em certa medida compreendidas pelos investigadores, embora a sua plasticidade seja um factor determinante na criação cultural.

Assim, o âmbito geral desta tese foi a definição de grupos materiais por contexto de interacção social, isto é, o representante escolhido para fechar as variáveis a ter em conta na análise do conjunto. Embora seja redutor bloquear certas informações e neste caso em concreto, não contabilizar um estudo diacrónico do sítio, também é redentor poder fazê-lo, libertando os contextos observados, da tradição e inserindo-os numa conjectura única que só posteriormente se tenta inserir no registo global.

Este método, deve permitir, ainda que dependente de análises materiais a sítios com objectos análogos, identificar grupos interactivos e as suas relações com outros grupos e respectivo meio, embora careça ainda de uma metodologia concreta e adaptável.

Neste processo de criação, ainda um ensaio genérico, percebeu-se a relativa facilidade em circunscrever espaços e em trabalhá-los individualmente, pelo menos em sítios com características arquitectónicas semelhantes a este, onde se conseguem identificar diferentes zonas e compreender pela sua construção uma funcionalidade relativa.

Todos os estudos aqui realizados dependiam do entendimento dos objectos por contexto de interacção social, uma vez que é este que indica as possíveis relações entre os materiais e através deles, entre os indivíduos ou grupos. Como se estabeleceu que todos os seres criam e utilizam os objectos, compreender as relações que teriam com determinado conjunto material poderia ajudar a conhecer mais aprofundadamente a funcionalidade dos mesmos, o tipo de grupo que os utilizaria, que em Bet-Chan se dividia pela origem e pelo ofício e as relações entre diferentes grupos dentro de um mesmo espaço.

Conhecer a conjectura global de cada contexto de interacção foi primário sobretudo para entender a função de cada uma das áreas já delimitadas pelos investigadores, a saber:

1. Os Quartos Norte que só apresentavam modelos egípcios e mistos;
2. O Quarteirão Nordeste que apresentava modelos egípcios ligados ao exército e mitânicos ligados a crenças pessoais;
3. O pátio 1228 e exterior do templo que tinha a mesma classe de objectos mitânicos e modelos locais e micénicos tradicionais;
4. O Quarteirão Oriental com o escasso conjunto mitânico privado, objectos de tradição local e um grupo egípcio com artefactos de uso privado e misto;
5. O Complexo Sul com objectos locais e mitânicos;
6. A Rua com materiais egípcios e mistos, na mesma onda do Quarteirão Oriental;
7. O Quarteirão Ocidental com elementos locais mesclados, egípcios tradicionais e mitânicos;
8. O Edifício 1240 com um exemplar mitânico, egípcio e misto.

Ao estabelecer a funcionalidade dos objectos e os grupos a que pertenciam pôde depois compreender-se, para cada um dos contextos, os grupos intervenientes

em cada uma dessas funções e assim ver hierarquias, estatutos sociais, ligações étnicas ou profissionais e possíveis relações entre grupos e entre áreas. Tratando-se de um sítio já amplamente estudado e cujos materiais simbólicos eram já conhecidos e tinham já sido publicados, o papel deste trabalho é fundamentalmente o de ajustar a cada área os grupos e aquilo que os une e os define enquanto tal.

Falou-se no capítulo “Teorias de base” que são os estímulos positivos que permitem a um determinado aglomerado manter-se unido, processo que ocorre na comparação com outros grupos e entre membros de um mesmo grupo, em situações semelhantes e sob estímulos externos idênticos. Desta forma, compreende-se que a cultura material é exemplar de um estilo comum, representativo de uma ideologia que existe devido às condições externas que o permitem.

Foi possível perceber que tipo de materiais estavam associados a determinadas acções e assim, compreender que tipo de grupos agiam, em que contexto e relacionando-se com que outros grupos ali presentes. Esta dinâmica de interacção permitiu por fim supor a presença de um mesmo grupo em mais do que um espaço com mais do que um mesmo grupo dependendo do contexto estudado.

Aquilo que se propõe agora, nestas considerações finais, que são mais do que uma síntese do que se tem vindo a apresentar, é uma reflexão sobre a capacidade que a cultura material tem para ajudar à apreensão do comportamento humano em determinadas circunstâncias, mais ou menos precisas, mas sem dúvida essenciais na criação dos ambientes sociais onde os homens existem e que têm indubitavelmente de fazer parte das abordagens em Arqueologia.

8.1. Religião pública em Bet-Chan

Como se referiu, o complexo do templo 1230-1234 é a área central de toda a cidade durante este período ocupacional. Quando se diz central é no duplo sentido de ser o grande espaço, símbolo visual, mas também no sentido de ser o colectora das maiores actividades com impacto social.

Perceber como é que se organizavam estas actividades e sob que normas pré-determinadas, é perceber também que tipo de grupos nelas interagiam e em que medidas se visavam hierarquias e se introduziam novos elementos ou se mantinham invariavelmente outros. Sendo um espaço público, as regras comportamentais eram

estritamente respeitadas e é por elas que começaremos a análise vigente, servindo esta como molde para as seguintes considerações finais.

Como já se definiu anteriormente, a religião pública, na sua componente prática, é de cariz local, ligada à cremação e sacrifício animal, em diferentes etapas do serviço, desde a escolha do animal, à degolação, escorrimento dos fluídos, oferendas e consumo comunitário. É na Bíblia que se encontram os maiores exemplos destes processos que são naturais na região e que se mantêm nos períodos posteriores, mesmo sob a alçada de outros povos.

Além das taças de grandes e médias dimensões, alguns cálices locais e de características micénicas foram encontrados, espalhados entre as salas do forno e dos quartos auxiliares e pátio 1228 e templo 1234. A estes juntam-se o punhal, encontrado no exterior do templo, junto ao altar de pedra e as grandes fossas de cremação animal, nos mesmos espaços já mencionados.

Dão mostras de acções específicas, que tinham lugar em redor do complexo e que eram executadas por objectos locais e micénicos. Acerca dos primeiros é fácil compreender a escolha, uma vez que são normais aos grupos cananaicos que habitam a cidade e praticam as actividades descritas, contudo, quanto aos segundos, como se veio a referir várias vezes, não se conseguindo entender concretamente o papel dos grupos micénicos no sítio, pressupõe-se por ora que entrem na mesma linha de raciocínio dos objectos locais, uma vez que as relações entre Canaã e as ilhas do Egeu eram já uma tradição do Bronze Médio.

Outras práticas religiosas dizem respeito aos cultos de fertilidade e fecundidade, comuns a toda a região do Levante e aqui representados pelas figurinhas femininas de entidades genéricas que poderiam ganhar uma identidade diferente consoante o grupo que delas fizesse uso.

Esta faceta adaptacional dos materiais religiosos de Bet-Chan é uma das principais características de todo o sítio, sendo o entrosamento cultural muito comum nos vários quarteirões expostos. Sabe-se que tanto cananeus, quanto egípcios e mitânicos tinham cultos femininos, cada qual com os seus rituais específicos, que, no entanto, não parecem ter requerido dentro da cidade de um espaço individual, tendo o complexo do templo, servido todos os grupos e todas as tradições, mesmo que em momentos diferentes.

A capacidade que os grupos tiveram de se adaptar uns aos outros implicou que principalmente por parte dos egípcios ali acantonados houvesse respeito em relação aos cananeus que já ali se encontravam, como integrante da política inclusiva que vinham já a aplicar perante os outros povos com quem contactavam. É certo que em momentos ulteriores, quando a religião pública passa a ser uma ferramenta de agrilhoamento político, a implementação de um panteão e a construção de templos e palácios ao estilo egípcio, bem como a criação de práticas públicas ligadas ao culto faraónico e acolhidas pelos grupos egípcios e não locais, quebrou o ritmo de respeito e adaptação que no nível IX ainda se verifica como a principal artéria interactiva.

O aparecimento algo parco de cilindros-selo nos espaços públicos para culto, também é importante para definir o grupo mitânico que os utilizaria. Mesmo sem haver certezas quanto à natureza destes objectos, que podem ter sido de fabrico local, a quantidade e a dispersão impõem pensar numa alternativa, que aqui se acabou por descrever através da presença efectiva de grupos mitânicos na cidade. Embora raros no templo, são abundantes noutros espaços e relacionam-se sempre com a presença de objectos egípcios e indígenas fora do âmbito público.

Mesmo no caso dos cilindros do exterior do templo, onde se processavam um grande número de actividades públicas, parecem reportar para uma presença, mas não para uma actividade em primeira mão dos membros utilizadores, uma vez que em mais contexto nenhum se destacam, sem ser no Quarteirão Nordeste, cujo ambiente é especialmente distinto.

Sendo a crença uma escolha pessoal, ela implica, para ser mantida por longos períodos de tempo, de contínuos estímulos externos, comuns a um conjunto de pessoas e endurecido por acontecimentos aceites pelo grupo e perpetuados no tempo. Também em Bet-Chan o elemento ideológico é respeitado, porque o contacto com outros povos era recorrente e a natureza das crenças tinha sempre inúmeros pontos em comum entre grupos.

Independentemente desta semelhança essencial, em termos formais a prática é distinta, embora com elementos análogos, como é normal em ideologias deste género. Em Bet-Chan, como já se referiu, também práticas semi-privadas ou privadas tiveram espaço para existir, embora, tendo em conta a quantidade de

amuletos e outros objectos do género, que se encontraram nas áreas habitacionais revele que os grupos prefeririam fazê-lo fora dos espaços públicos.

Só os grupos locais, utilizariam mais recorrentemente o espaço, sobretudo porque a arquitectura, sendo muito específica e comum à Palestina daquele período, apresenta nichos, escadarias, pequenos altares e disposições espaciais que por si mesmos já implicam uma utilização com conhecimento de causa e uma adaptação às crenças indígenas tradicionais.

Foi-se aludindo ao longo do trabalho para a relativa diferença entre as práticas públicas e locais e para a diferença destas para com o universo ideológico dos diferentes aglomerados humanos, pelo que importa agora referir apenas que enquanto espaço comunitário, os cananeus estavam no topo hierárquico do sítio, independentemente da classe social a que pertenciam.

Esta hierarquia, honraria obviamente a hierarquia já implementada em Bet-Chan, pelo que seriam os sacerdotes e servidores do templo, bem como a elite local administrativa, a usar a área mais activamente e com maior reconhecimento público, não implicando, no entanto, a ausência de grupos canaaníticos de classe mais baixa, apenas sendo mais complicado ter deles sinais materiais.

Divididos em grupos étnicos e depois profissionais, as actividades religiosas tinham carácter público e privado, aceitando todos aqueles que socialmente fossem propensos a poder nelas participar e/ou assistir, e permitiam a manutenção material e abstracta das normas já existentes bem como a introdução de novos constituintes, desde que fossem capazes de se imiscuir gradual e subtilmente nos antigos. A coesão é notória e a inclusão de novos grupos e respectivas culturas também, independentemente de como decorreu o processo, de que infelizmente não temos mostras precisas.

8.2. As dinâmicas grupais na restante cidade

Os Quartos Norte foram os primeiros a ser descritos e os primeiros a demonstrar nitidamente a presença de um único grupo. Todos os objectos contabilizados são egípcios e claramente referentes à simbologia do lótus, podendo representar uma elite que por ali permaneceu o tempo suficiente para que os seus objectos se depositassem.

O Edifício 1240 por outro lado parece ter sido uma habitação indígena, também de uma elite, uma vez que a residência tem inclusive um sistema de recolha e aquecimento de águas, mas ter servido também para acolher outros grupos, importantes o suficiente para ali se terem demorado.

O facto de terem aparecido objectos mitânicos e egípcios em quartos diferentes aponta também para esta realidade, em que uma habitação, tipo palácio servia como habitação semi-permanente ou permanente de um oficial local e como espaço para acolher as elites estrangeiras que por algum motivo ali chegavam.

Tentar compreender que tipo de actividades puderam ter levado grupos egípcios e mitânicos a ocuparem o mesmo espaço, num período em que andavam em guerra aberta foi um dos objectivos desta tese e no fim, depois de aplicar a metodologia descrita, pensamos poder apontar uma possibilidade, que embora precária e ainda sem mais provas conclusivas se ajusta a toda a dinâmica social identificada até ao momento para as restantes zonas do nível IX.

Atentando nos materiais do Quarteirão Nordeste e nos outros exemplos do exterior do templo, propôs-se já a possibilidade de grupos egípcios, formados por um exército não muito numeroso e por altos oficiais, talvez comandantes ou representantes de Tutmés III na Ásia Menor e de grupos mitânicos, constituídos por classes semelhantes de homens, se ter encontrado em Bet-Chan.

Como factores a favor desta moção, temos a localização do sítio, na estrada de Hórus e a meio caminho entre os dois territórios inimigos, as cartas de Amarna que apresentam propostas de alianças entre ambos e o casamento entre o filho e neto de Tutmés III com princesas mitânicas, quando por fim o tratado de paz foi assinado. Em termos arqueológicos, o Quarteirão em vista, tem objectos utilizados pelo exército egípcio, que, por controlar a cidade, seria hierarquicamente superior ao Mitani, que aparece caracterizado pelos cilindros-selo, usados como amuletos.

No único espaço da cidade em que claramente se identificam oficiais egípcios (com a presença da trombeta e da estátua), é inequívoca a presença de militares durante o século XV a.C. em Bet-Chan, embora a sua permanência possa não ter sido constante. Sabe-se que colectavam impostos e combatiam os inimigos que queriam açambarcar território e pôr em perigo o próprio Egipto, pelo que não parece estranho considerar a sua presença em Bet-Chan com o intuito de reunir tropas,

descansar e reorganizar estratégias, às quais se podiam juntar a realização de reuniões políticas, como aquela que levou à criação de alianças e tratados.

Embora seja impossível à data comprovar esta possibilidade, ela não parece, à luz dos factos conhecidos e das conclusões que se retiraram nos capítulos anteriores descabida, até porque a frequência dos materiais mitânicos é sempre perseguida pela dos materiais egípcios, nunca os primeiros tendo sido encontrados isolados destes, embora os segundos o façam.

O outro espaço onde se encontraram cilindros-selo foi no designado Complexo Sul, descrito como um edifício para actividades de comensalidade e de onde veio o bétilo e uma figurinha feminina e um grande conjunto de cinzas animais. Pode crer-se na relação deste complexo às actividades do templo, uma vez que também aqui a utilização de animais cremados e ingeridos é digna de nota. Assim, insere-se uma vez mais na categoria de prática religiosa, unindo diversos grupos que partilhariam crenças semelhantes.

Torna-se clara a componente indígena do sítio, com as suas grandes áreas a delimitarem esta importância enquanto centro religioso e produtor, uma vez que relacionado com o templo se encontraram bastantes indícios de fabrico de cerâmicas e objectos de ourivesaria. Já antes se expôs a importância da indústria de faiança de Bet-Chan e é interessante notar que esta se encontra arrolada ao templo, enquanto centro produtor e distribuidor, talvez orientado pela classe dirigente do mesmo e que poderia habitar numa das áreas envolventes.

Sendo um sítio tão nitidamente religioso não é estranho pensar que a classe nobre, de elite, fosse sacerdotal ou outra a ela ligada, exercendo as funções de chefe religioso e político, como tantas vezes se confirmou para o mundo levantino, do qual Bet-Chan faz invariavelmente parte. Também assim se pode aceitar a presença dos objectos do Quarteirão Ocidental, do qual fazem parte a espada *Khepesh* e a figurinha com o lótus genital e uma criança ao colo.

Oferendas feitas ao chefe de estado, corresponderiam a oferendas que soubesse apreciar, como aquelas que têm que ver com as suas principais funções. Deste modo, a entrada de um exército acompanhado por oficiais formados pela administração e com intuítos políticos não entraria em conflito com um chefe religioso que mantém o seu estatuto, enquanto mestre de cerimónias e figura pública indiscutível, sendo o mundo sagrado e profano uma e a mesma coisa.

É mais uma vez impossível confirmar estas possibilidades, contudo, com uma metodologia como esta, que prima sobretudo, o tratamento dos contextos de interacção, aprimorando o método, poderá ser um dia exequível entender grupos humanos, mesmo que obsoletos, através das ciências humanas.

Várias outras cidades foram ocupadas pelo Egipto durante os séculos seguintes, muitas das quais apresentando modelos materiais semelhantes aos estudados, contudo, perceber de que modo em cada contexto ou ambiente se processaram as relações entre grupos é considerar que em cada sítio a ocupação foi única, mesmo que semelhante.

Em Bet-Chan, por ser um centro religioso já antigo, com longa tradição desde o Bronze Médio as práticas públicas foram sempre aceites pelos grupos exógenos que no fundo se aproveitaram da localização privilegiada da cidade para as suas campanhas políticas e só posteriormente a ocuparam definitivamente e a tornaram totalmente egípcia.

Foi como se disse nas introduções, uma escolha de momento e o delinear de estratégias foi-se processando consoante as necessidades externas, ligadas ao invasor mitânico e não propriamente cananaico.

...

Do método e da análise retiraram-se inúmeras hipóteses, que mais desenvolvidas poderão eventualmente criar um quadro de certezas e incertezas mais concretas que aquelas que aqui se puderam estabelecer. É como se clarificou inicialmente, um ensaio metodológico e um tratamento material praticável, mas não completo, do nível IX de Bet-Chan.

Abriram-se possibilidades que de outro modo não teriam bases sociais em que se apoiar e que agora, estão mais perto de poderem ser confirmadas ou descartadas. Não é a conclusão perfeita, com um relato histórico fechado e cheio de certezas, é por outro lado um planalto de caminhos abertos à espera de serem explorados.

E se não for da experimentação e do erro, de que outro modo poderão os homens estudar outros homens e estabilizar as variáveis que fazem dele um ser de realidades e não de verdades universais?

9. Referências bibliográficas

Assmann, J. "Communicative and Cultural Memory." Em *Cultural Memory Studies. An international and interdisciplinary Handbook*, 109-118. New York, 2008.

Baars, J. *A cognitive theory of consciousness*. California: Cambridge University Press, 1988.

Ben-Tor, D., e O. Keel. "The Beth-Shean Level IX Group. A Local Scarab Workshop of the Late Bronze Age I." Em *All the Wisdom of the East: Studies in Near Eastern Archaeology and History in Honor of Eliezer D. Oren*, 87-104. Israel: Ben-Gurion University of the Negev, 2012.

Bodenhausen, G., S. Kang, e D. Peery. "Social Categorization and the Perception of Social Groups." Em *The Sage: Handbook of Social Cognition*, 318-336. Fiske, S.; Macrae, N., 2011.

Braun, E. *Early Beth Shan (Strata XIX–XIII): G.M. Fitzgerald's deep cut on the Tell*. Philadelphia: University of Pennsylvania Museum of Archaeology 121, 2004.

Bulbulia, J., e U. Schjoedt. "The neural basis of religion." Em *Neural*, 169-190. 2012.

Costermans, J. *As actividades cognitivas: Raciocínio, decisão e resolução de problemas*. Coimbra: Quarteto editora, 2001.

Donald, M. "The Central Role of Culture in Cognitive Evolution: a Reflection on the Myth of the "Isolated Mind"." Em *Origins of the Human Mind: Three stages in the Evolution of Culture and Cognition*, de M. Donald, 19-38. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

- Dovidio, J., S. Gaertner, A. Pearson, e B. Riek. *Social Identities and Social Context: Social Attitudes and Personal Well-Being*. Vol. 22, em *Advances in Group Processes*, 231-260. Emerald Group Publishing Limited, 2005.
- Edwards, I. E. S., C. J. Gaad, e N. G. L. Hammond, . *The Cambridge Ancient History: Early History of the Middle East*. Vol. I. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- Ellemers, N., R. Spears, e B. Doosje. "Self and Social Identity." *Annual Review Psychology*, 2002: 161-186.
- Emerir, S. "Music and Musicians." *UCLA, Encyclopedia of Egyptology*, 2013: 1-16.
- Everret, J. *Intergroup Contact Theory: Past, Present, and Future*. Editado por Magazine Issues. 2013.
- Geertz, A. "Defenition as analytical strategy in the study of Religion." *Historical reflections*, 1999: 445-475.
- Gilmour, G. "Mycenaean IIIA and IIIB pottery in the Levant and Cyprus." *RDAC*, 1992: 113-128.
- Han, S., e G. Northoff. "Understanding the self: a cultural neurocsience approach." *Progress in Brain Research*, 2009: 203-212.
- Han, S., Northoff, G., K. Vogeley, B. Wexler, S. Kitayama, e M. Varnum. "A Cultural Neuroscience Approach to the Biosocial Nature of the Human Brain." *Annual Review of Phycology*, 2013: 335-359.
- Hart, G. *The Routledge Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*. Londres e Nova Yorque: Routledge, 2005.
- . *The Routledge Dictionary of Egyptian Gods and Goddesses*. Oxon: Routledge, 2005.

- Hodder, I. *Symbols in action: Ethnoarchaeological studies of material culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.
- Hogg, M., D. Terry, e K. White. "A Thale of Two Theories: A Critical Comparison of Identity Theory with Social Identity Theory." *Social Psychology Quarterly*, 1995: 255-269.
- Killebrew, A. *Biblical Peoples and Ethnicity: an Archaeological study of Egyptians, Canaanites, Philistines, and Early Israel, 1300-1100 B.C.E.* Atlanta: Society of Biblical Literature, 2005.
- . *Ceramic craft and thecnology during the Late Bronze and early Iron Ages: The relationship between pottery Thecnology, style and Cultural Diversity*. Jerusalem: Hebrew University of Jerusalem, 1999.
- Krizan, Z., e R. Baron. "Group polarization and choice-dilemmas: How important is self-categorization?" *European Journal of Social Psychology*, 2007: 191-201.
- Lakoff, G. *Women, Fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- Lucas, G. *Understanding the Archaeological Record*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- Luckmann, T. "Remarks on Personal Identity: Inner, Social and Historical Time." Em *Identity: Personal and Socio-Cultural*, editado por Anita Jacobson-Widding, 67-91. Atlantic Highlands, 1983.
- Malafouris, L. "The Brain-Artefact Interface (BAI): A chalange for Archaeology and Cultural Neuroscience." *SCAN*, 2010: 264-273.
- Malafouris, L. "The cognitive basis of material engagement: Where brain, body and culture conflate." Em *Rethinking materiality: the engagement of mind with the material world*, editado por E. DeMarrais, C. Gosden e C. Renfrew, 53-62. Oxford: McDonald Institute for Archaeological Research, 2004.

- Mazar, A, e R. Mullins. *Introduction and overview*. Vol. II, em *Excavations at Tel Beth-Shean 1989-1996: The Middle and Late Bronze Age Strata in area R*, de A. Mazar e R. Mullins, 1-22. Jerusalem, 2007.
- Mazar, A. *Introduction and Overview*. Vol. III, em *Excavations at Tel Beth-Shean 1989-1996: The 13th–11th centuries BCE (Areas S and N)*, editado por N and Mazar, A. Panitz-Cohen, 1-32. Oxford: Oxford University Press, 2009.
- Mazar, A. *Introduction and Synthesis*. Vol. IV, em *Excavations at Tel Beth-Shean 1989-1996: The 4th and 3th Millennia BCE*, editado por A. Mazar, 1-33. Jerusalem: Beth-Shean Valley Archaeological Project at the Hebrew University of Jerusalem, 2012.
- Mazar, A. “Tel Beth-Shean: History and Archaeology.” Em *One God, One Cult, one Nation: Archaeological and Biblical Perspectives*, editado por R. G. Kratz and H Spieckermann. Berlim: De gruyter, 2010.
- “Tel Beth-Shean: History and Archaeology.” Em *One God, One Cult, One Nation: Archaeological and Biblical Perspectives*, de A. Mazar, editado por R. Kratz, H. Spieckermann, B. Corzilius e T. Pilger, 239-271. Berlim/New York: De Gruyter, 2010.
- . “The Egyptian Garrison Town at Beth-Shean.” *Proceedings of a conference at the University of Haifa*. Leiden: Brill, 2011. 1-32.
- Mazar, A., e Y. Rotem. “Tel Beth Shean During the EB IB Period: Evidence for Social Complexity in the Late 4th Millenium BC.” *Levant*, 2009: 131-153.
- Messick, D., e D. Mackie. “Intergroup Relations.” *Annual Reviews Psychology*, 1989: 45-81.
- Miller, G. A. “The Cognitive Revolution: a historical perspective.” *Trends in Cognitive Sciences*, 2003: 141-144.

- Moscovici, S. "On Social Representations." Em *Social Cognition, perspectives on Everyday understanding*, de J. P. Forgas. London, 1981.
- Mullins, R. *Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian*. Jerusalém: Hebrew University of Jerusalem, 2002.
- . *Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison*. Jerusalem: Hebrew University of Jerusalem, 2002.
- . *Encyclopedia Judaica*. Vol. 2. Farmington Hills: MI: Thomson Gale, 2006.
- . *Encyclopedia of the Bible and Its Reception*. Vol. 3. Berlin/New York: Walter de Gruyter Publishing House, 2011.
- Mullins, R. *Reflections on levels XI-IX of the University Museum Excavations*. Vol. II, em *Excavations at Tel Beth-Shean 1989-1996: The Middle and Late Bronze Age Strata in Area R*, editado por A. Mazar e R. Mullins, 23-38. Jerusalém: The Institute of Archaeology, The Hebrew University of Jerusalem, 2007.
- Mullins, R. *Reflections on levels XI-IX of the University Museum Excavations*. Vol. II, em *Excavations at Tel Beth-Shean 1989-1996: The Middle and Late Bronze Age Strata in Area R*, de M. Amihai e R. Mullins, 23-38. Jerusalem, 2007.
- . "The Late Bronze and Iron Age Temples at Beth-Shean." *Temple Building and Temple Cult: Architecture and Cultic Paraphernalia of temples in the Levant (2. - 1. Mill. B.C.E.)*. Wiesbaden, 2012. 127-158.
- Mussell, M. *The Cylinder Seals of Late Bronze Age Palestine as Indicators of Hurrian Influence*. Wifrid Laurier University, 1983.
- Renfrew, C. *Archaeology: The Key Concepts*. London and New York: Routledge: Taylor and Francis Group, 2005.
- Renfrew, C. "Mind and Matter: cognitive Archaeology and External Symbolic Storage." Em *Cognitions and Material Culture: The Archaeology of Symbolic Storage*, de C. Renfrew e C. Scarre, 1-6. Cambridge: McDonald Institute Monographs, 1998.

Renfrew, C., e P. Bahn. *Archaeology: Theories, Methods and Practice*. Quinta. London: Thames & Hudson, 2008.

Sherman, S., Percy, E. "The Psychology of collective responsibility: When and Why Collective Entities are likely to be held responsibly for the misdeeds of individual members." *Journal of Law and Policy*, 2010: 137-170.

Smith, E. E. *Cognitive Science: History*. Vol. 12, em *International Encyclopedia of the Social and Behavioral Sciences*, editado por N. Smelser e P. Baltes, 2154-2158. Oxford: Elsevier Science, 2001.

Smith, E., e D. Medin. *Categories and Concepts*. London: Harvard University Press, 1981.

Smith, e., e S. Queller. "Mental Representations." Em *Blackwell Handbook of Social Psychology: Intraindividual Processes*. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

Tajfel, H. "Social identity and intergroup behaviour." Em *Social Science Information*, 65-93. 1974.

Tajfel, H., e J. Turner. "The social identity theory of inter-group behavior." Em *Psychology of Intergroup Relations*, 7-24. Chicago, 1986.

Tajfel, H., M. Billig, e R. Bundy. "Social Categorization and Intergroup Behaviour." *European Journal of Social Psychology*, 1971: 149-178.

Thompson, H. *Mekal the God of Beth Shean*. Leiden: Brill, 1970.

Thompson, T. *Early History of the Israelite People: From the Written and Archaeological Sources*. New York: Brill, 1994.

Anexos

Índice de mapas

<i>Mapa 1</i> - Mapa dos sítios do Próximo Oriente, in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002).....	150
<i>Mapa 2</i> - Vista aérea das áreas R, S e M de Bet-Chan. A vermelho a área R em todas as suas fases, in (Mazar e Mullins, Excavations at Tel beth-Shean 1989-1996: The Middle and Late Bronze Age in Area R 2007).....	151
<i>Mapa 3</i> - Mapa topográfico de Bet-Chan exibindo as áreas intervencionadas in (Mazar e Mullins, Excavations at Tel beth-Shean 1989-1996: The Middle and Late Bronze Age in Area R 2007)	152
<i>Mapa 4</i> - Distribuição das cerâmicas de estilo-egípcio em Canaã durante o Bronze Final in (Martin & Barako, 2007).....	153

Índice de plantas

Planta 1 - Planta esquemática do nível R-1b in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)	154
Planta 2 - Planta esquemática do nível R-1a in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)	155
Planta 3 - Planta esquemática do nível IX após as escavações dos anos de 1985 e 1989-1996 in (Mullins, 2002)	156
Planta 4 - Planta da sobreposição dos níveis R-1b e R-1a in (Mullins, 2002)	157
Planta 5 – Planta do Complexo do Templo 1230, Quarteirão Oriental in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)	158
Planta 6 – Planta do tempo 1234 e respectivas salas auxiliares e sala de forno in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)	158
Planta 7 – Planta do Quarteirão Nordeste in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)	159
Planta 8 – Planta do Pátio 1387, parte dos Quartos Norte in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)	159

Planta 9 – Planta do Quarteirão Ocidental in (Mullins, Beth Shean during the
Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002).....160

Planta 10 – Planta do Edifício 1240 in (Mullins, Beth Shean during the
Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002).....160

Índice de tabelas

<i>Tabela 1</i> – datas sugeridas para os faraós da XVIII dinastia egípcia in, (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002, 2).....	161
<i>Tabela 2</i> - Bet-Chan no Bronze Final e I Idade do Ferro: Tabela estratigráfica in (Mazar 2011, 180).....	162
<i>Tabela 3</i> - Divisão da XVIII Dinastia baseada nas divisões do Bronze Final in (Mullins, Beth-Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite settlement to Egyptian Garrison 2002, 11)	162
<i>Tabela 4</i> - Unidades dos Quartos Norte e Pátio 1228 associado	163
<i>Tabela 5</i> - Unidades do Quarteirão Nordeste.....	163
<i>Tabela 6</i> - Unidades do Pátio 1228 e exterior do Templo 1230-123.....	163
<i>Tabela 7</i> - Unidades do Quarteirão Oriental.....	164
<i>Tabela 8</i> - Unidades do Complexo Sul.....	164
<i>Tabela 9</i> - Unidades da Rua.....	164
<i>Tabela 10</i> - Unidades do Quarteirão Ocidental-Edifício 18970	165
<i>Tabela 11</i> - Unidades do Edifício 1240	165

Índice de imagens

<i>Imagem 1</i> - Pendente em vidro	162
<i>Imagem 2</i> - Taça de cerâmica piriforme	162
<i>Imagem 3</i> - Roda de vidro azul	162
<i>Imagem 4</i> - Pendente em ouro	162
<i>Imagem 5</i> - Pendente em ouro	162
<i>Imagem 6</i> - Pendente em ouro	162
<i>Imagem 7</i> - Boca de trompete	163
<i>Imagem 8</i> - Cabeça de estátua egípcia em basalto	163
<i>Imagem 9</i> - Figurinha em Bronze e ouro	163
<i>Imagem 10</i> - Pendente em ouro	163
<i>Imagem 11</i> - Cilindro-selo	163
<i>Imagem 12</i> - Cilindro-selo	163
<i>Imagem 13</i> - Cilindro-selo	164
<i>Imagem 14</i> - Cilindro-selo	164
<i>Imagem 15</i> - Cilindro-selo	164
<i>Imagem 16</i> - Cilindro-selo	164
<i>Imagem 17</i> - Pendente com leão e touro	164
<i>Imagem 18</i> - Pendente em faiança	164
<i>Imagem 19</i> - Pendente em faiança	164
<i>Imagem 20</i> - Adaga de bronze	164
<i>Imagem 21</i> - Pendente em faiança	164
<i>Imagem 22</i> - Cálice decorado	165
<i>Imagem 23</i> - Figura feminina em cerâmica	165
<i>Imagem 24</i> - Pendente em faiança	165
<i>Imagem 25</i> - Pendente em faiança	165
<i>Imagem 26</i> - Adaga de bronze	165
<i>Imagem 27</i> - Placa de marfim	165
<i>Imagem 28</i> - Taça decorada	165
<i>Imagem 29</i> - Escaravelho de esteatite	165

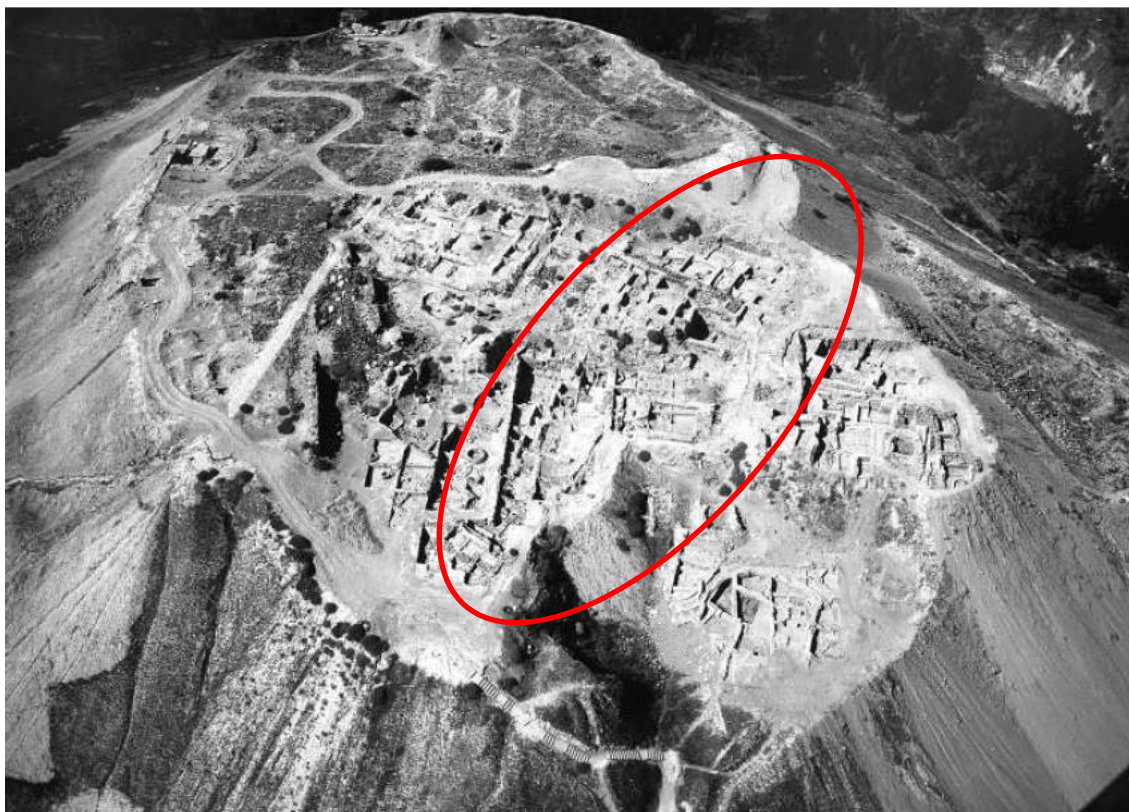
<i>Imagem 30</i> - Pendente em faiança	166
<i>Imagem 31</i> - Pendente em faiança	166
<i>Imagem 32</i> - Molde de joalheria	166
<i>Imagem 33</i> - Pendente em faiança	166
<i>Imagem 34</i> - Crescente de prata	166
<i>Imagem 35</i> - Pendente de faiança	166
<i>Imagem 36</i> - Pendente de faiança	166
<i>Imagem 37</i> - Botão de calcário	166
<i>Imagem 38</i> - Altar de basalto	166
<i>Imagem 39</i> - Botão de alabastro	167
<i>Imagem 40</i> - Pendente de faiança	167
<i>Imagem 41</i> - Estela de “Mekal”	167
<i>Imagem 42</i> - Taça micénica	167
<i>Imagem 43</i> - Escaravelho de esteatite	167
<i>Imagem 44</i> - Escaravelho de esteatite	167
<i>Imagem 45</i> - Figura feminina em cerâmica	168
<i>Imagem 46</i> - Botão de mármore	168
<i>Imagem 47</i> - Krater micénico	168
<i>Imagem 48</i> - Pendente em pedra	168
<i>Imagem 49</i> – Botão	168
<i>Imagem 50</i> – Botão	168
<i>Imagem 51</i> – Botão	168
<i>Imagem 52</i> - Cilindro-selo	168
<i>Imagem 53</i> - Escaravelho de Tutmés III em esteatite	168
<i>Imagem 54</i> - Cilindro-selo	168
<i>Imagem 55</i> - Cilindro-selo em esteatite	169
<i>Imagem 56</i> - Pendente em faiança	169
<i>Imagem 57</i> – Bétilo em basalto	169
<i>Imagem 58</i> - Disco de vidro	169
<i>Imagem 59</i> - Figurinha feminina de cerâmica	169
<i>Imagem 60</i> - Escaravelho de Tutmés III	170
<i>Imagem 61</i> - Figurinha de faiança	170

<i>Imagem 62 - Estela do Leão e do Cão</i>	170
<i>Imagem 63 - Pedestal de culto</i>	171
<i>Imagem 64 - Botão de quartzito</i>	171
<i>Imagem 65 - Espada Khepesh</i>	171
<i>Imagem 66 - Figurinha feminina de cerâmica</i>	171
<i>Imagem 67 - Figurinha feminina de cerâmica</i>	171
<i>Imagem 68 - Cilindro-selo</i>	171
<i>Imagem 69 - Cilindro-selo</i>	171
<i>Imagem 70 - Cilindro-selo</i>	172
<i>Imagem 71 - Botão de mármore</i>	172
<i>Imagem 72 - Pendente de faiança</i>	172

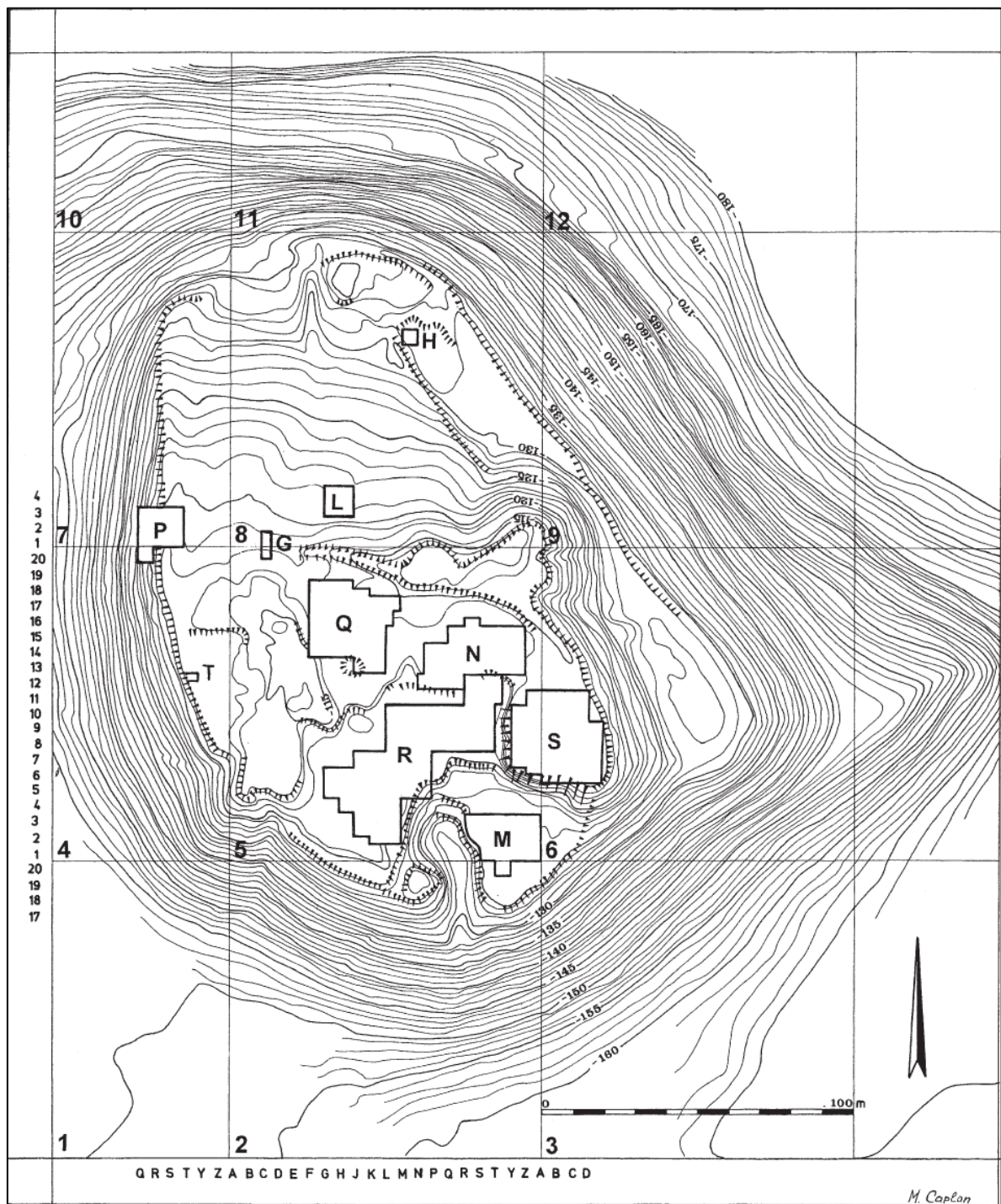
Mapas



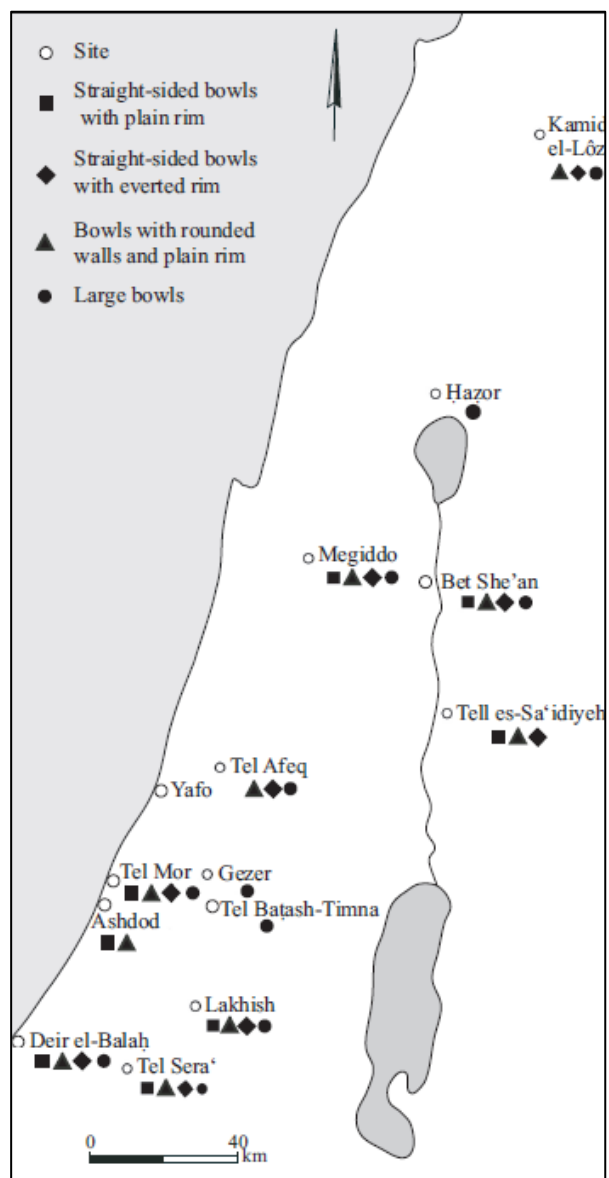
Mapa 1 - Mapa dos sítios do Próximo Oriente, in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)



Mapa 2 - Vista aérea das áreas R, S e M de Bet-Chan. A vermelho a área R em todas as suas fases, in (Mazar e Mullins, Excavations at Tel beth-Shean 1989-1996: The Middle and Late Bronze Age in Area R 2007)

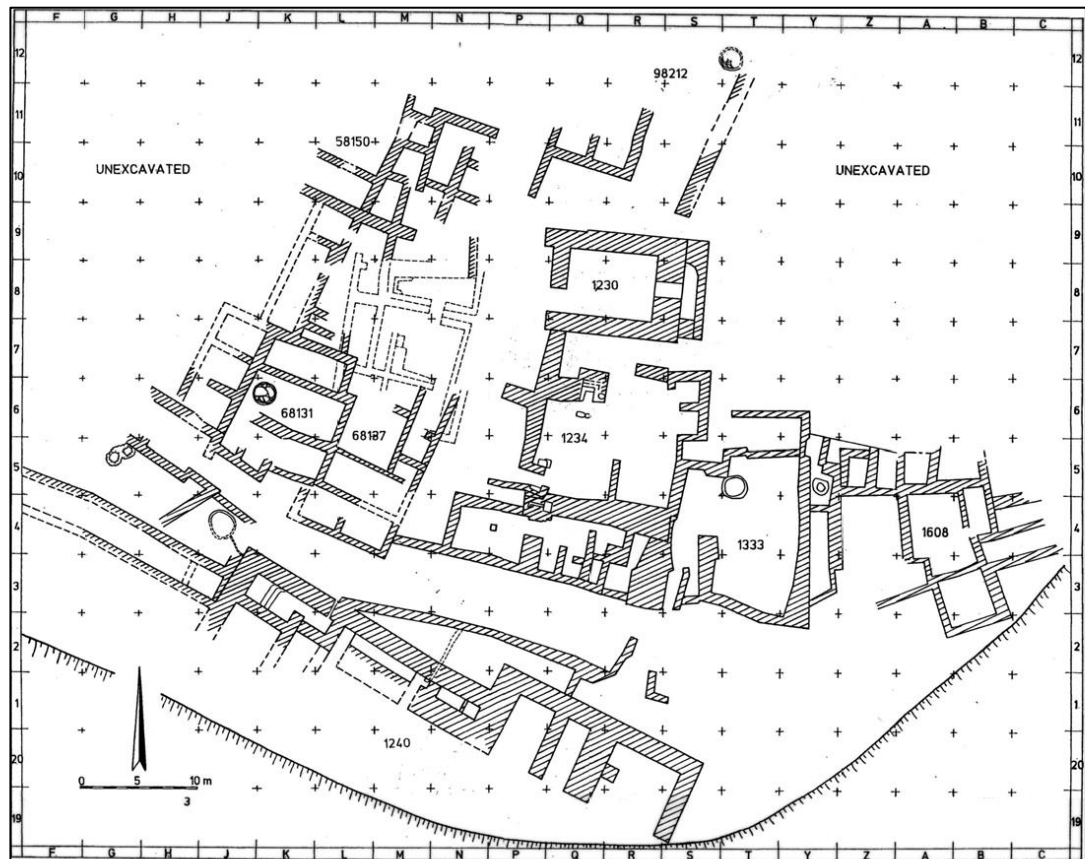


Mapa 3 - Mapa topográfico de Bet-Chan exibindo as áreas intervencionadas in (Mazar e Mullins, *Excavations at Tel Beth-Shean 1989-1996: The Middle and Late Bronze Age in Area R* 2007)

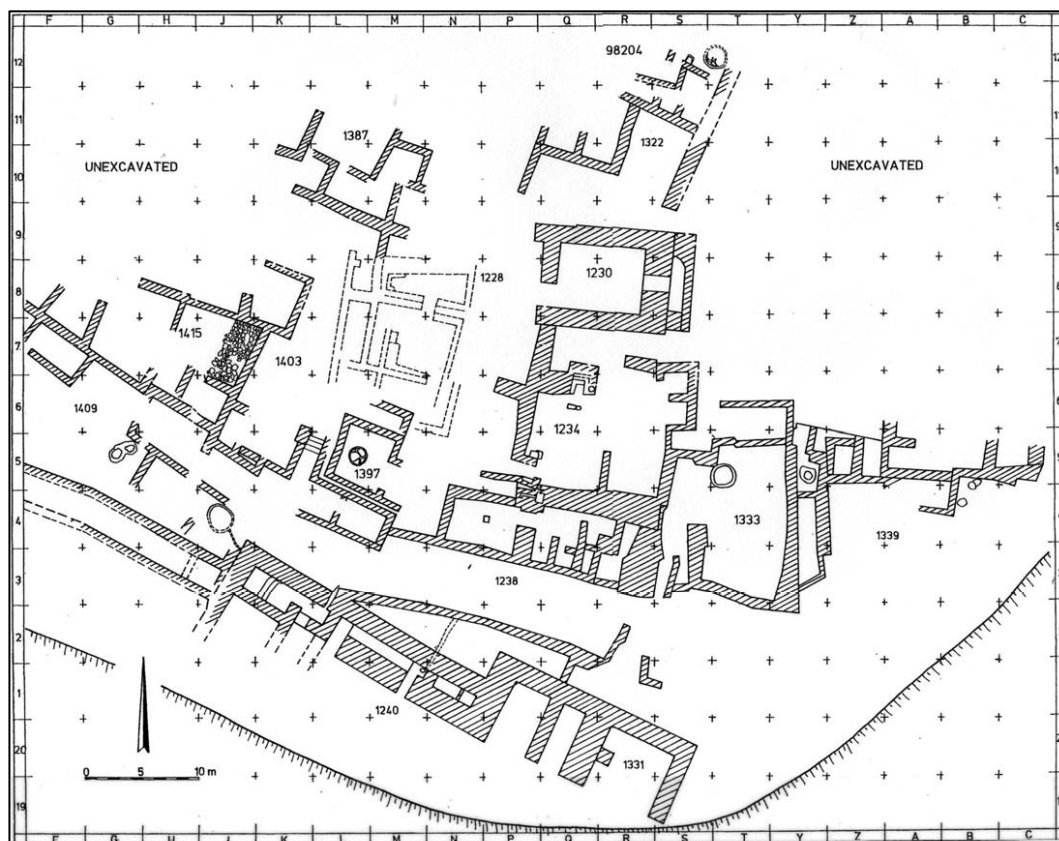


Mapa 4 - Distribuição das cerâmicas de estilo-egípcio em Canaã durante o Bronze Final in (Martin & Barako, 2007)

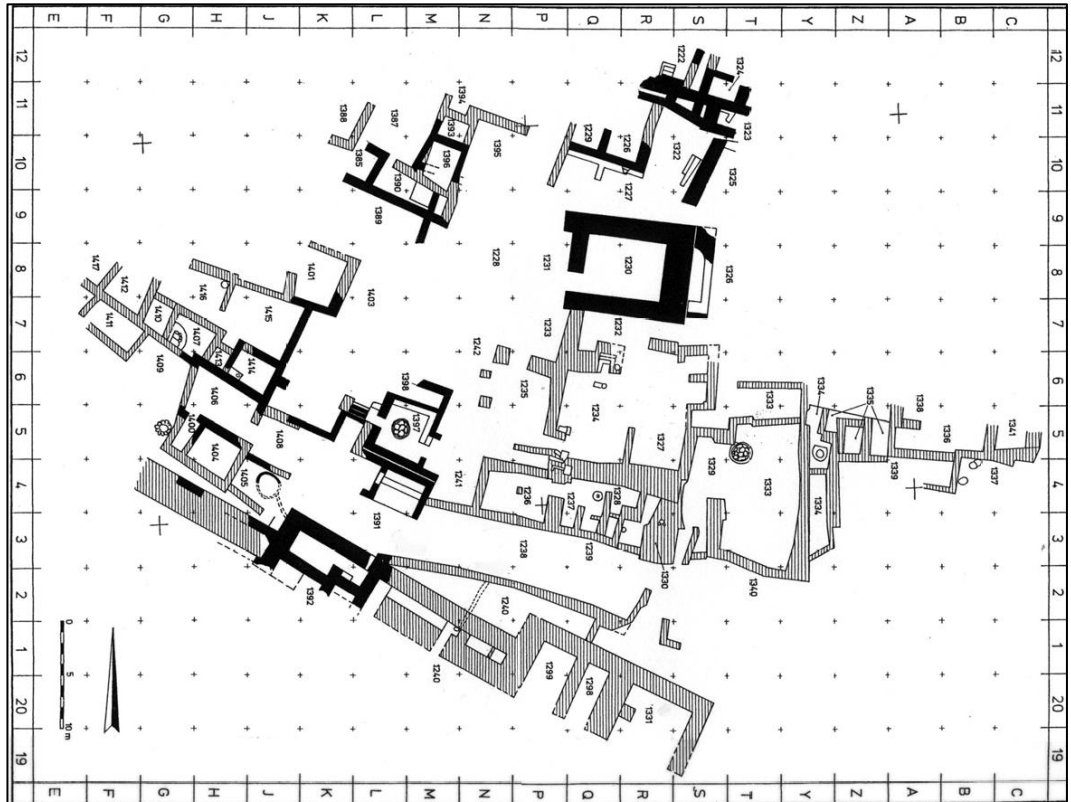
Plantas do sítio



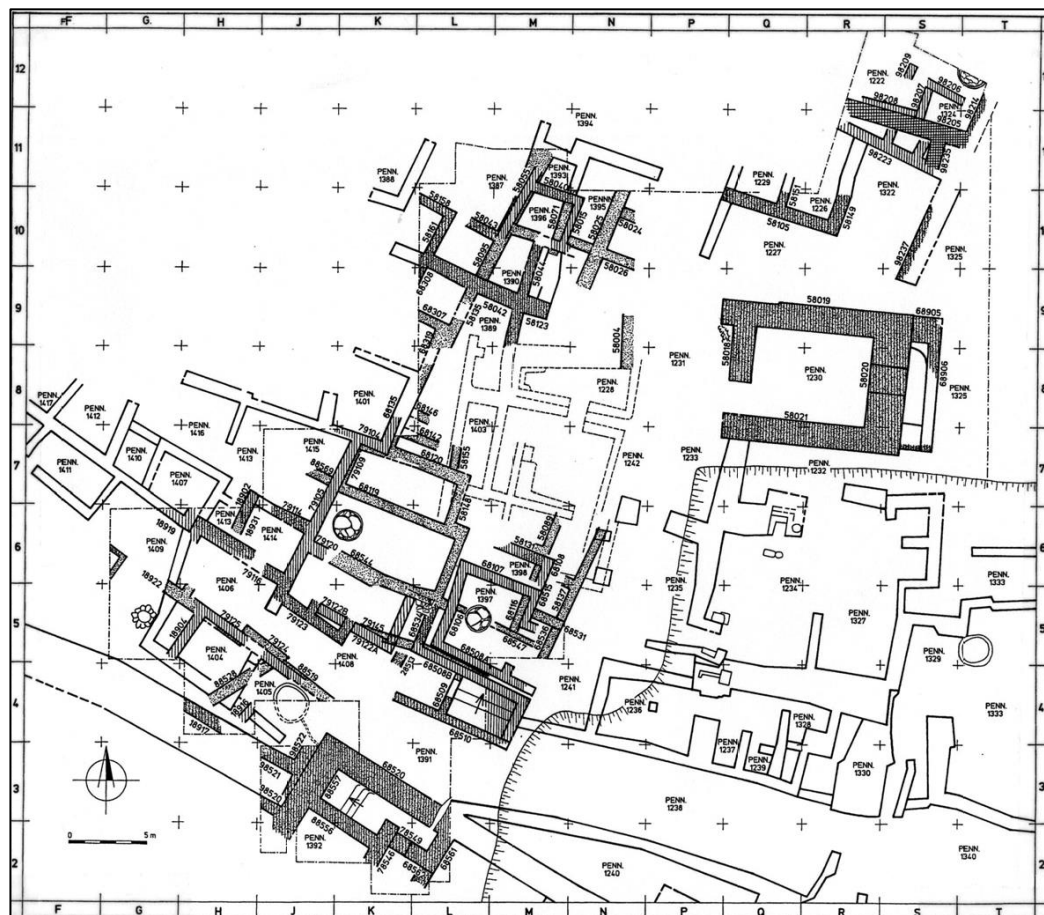
Planta 1 - Planta esquemática do nível R-1b in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)

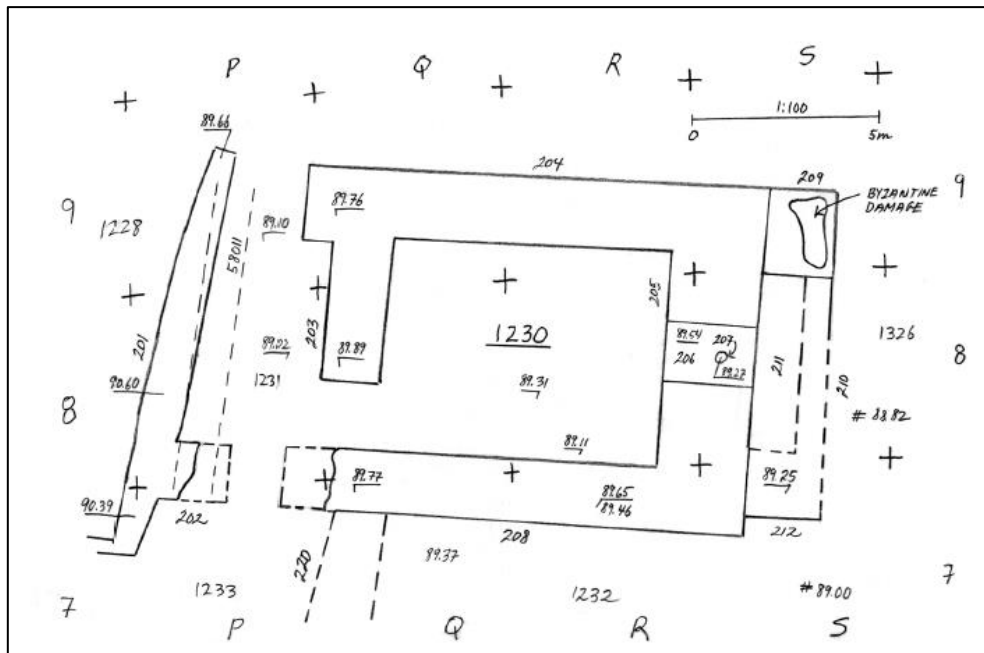


Planta 2 - Planta esquemática do nível R-1a in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)

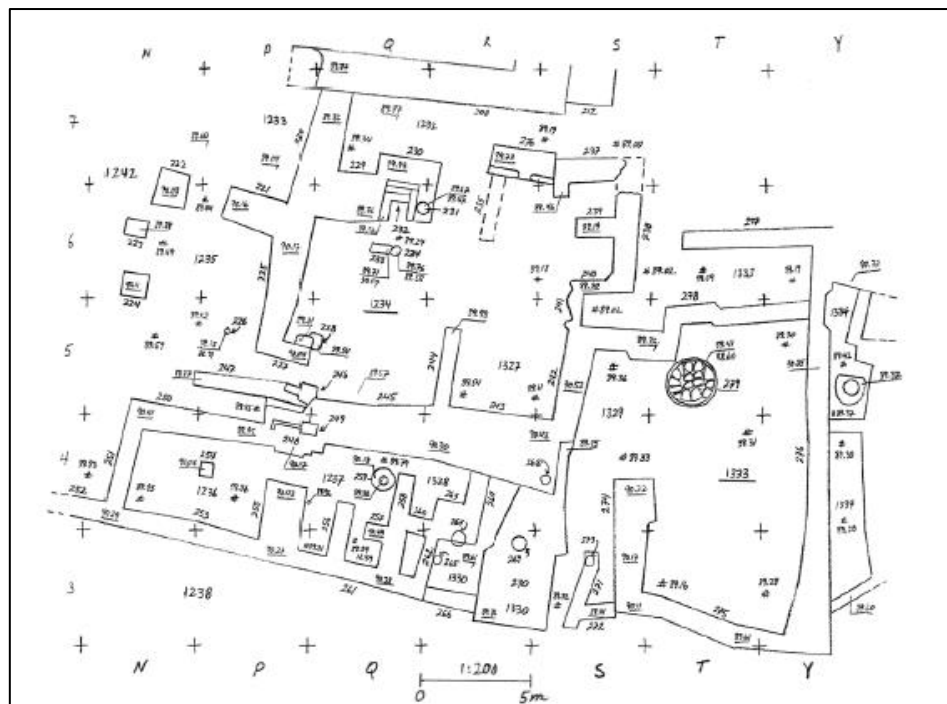


Planta 3 - Planta esquemática do nível IX após as escavações dos anos de 1985 e 1989-1996 in (Mullins, 2002)

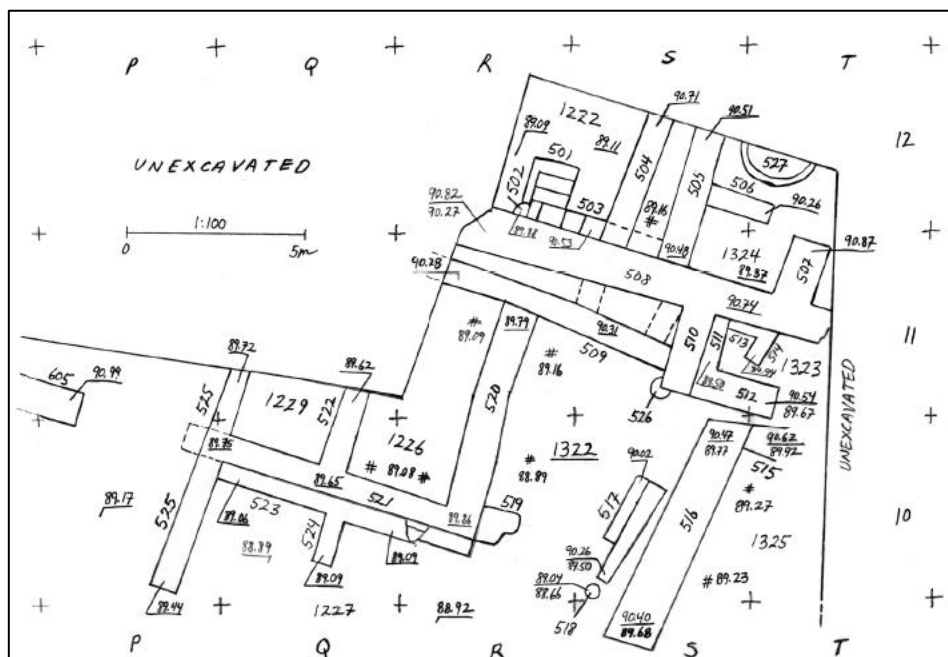




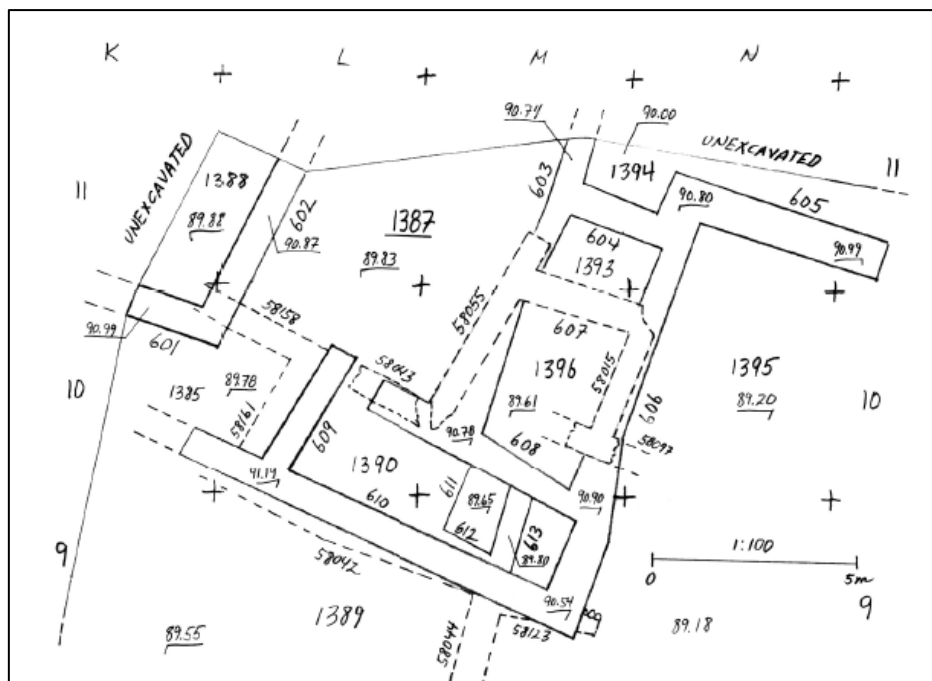
Planta 5 – Planta do Complexo do Templo 1230, Quarteirão Oriental in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)



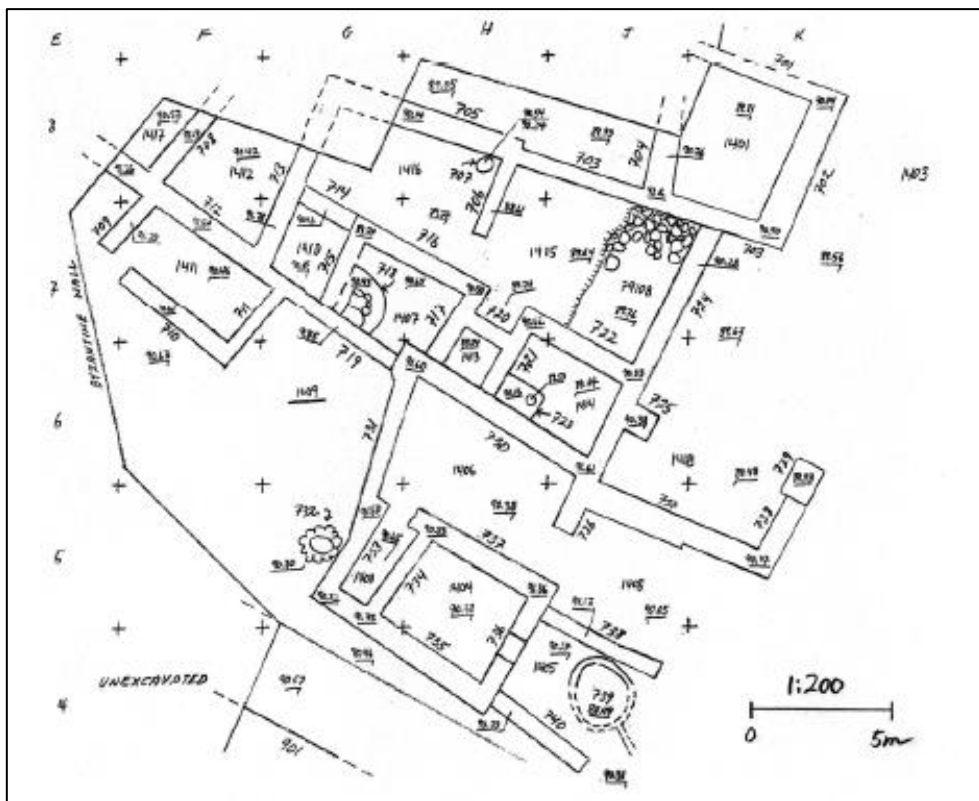
Planta 6 – Planta do tempo 1234 e respectivas salas auxiliares e sala de forno in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)



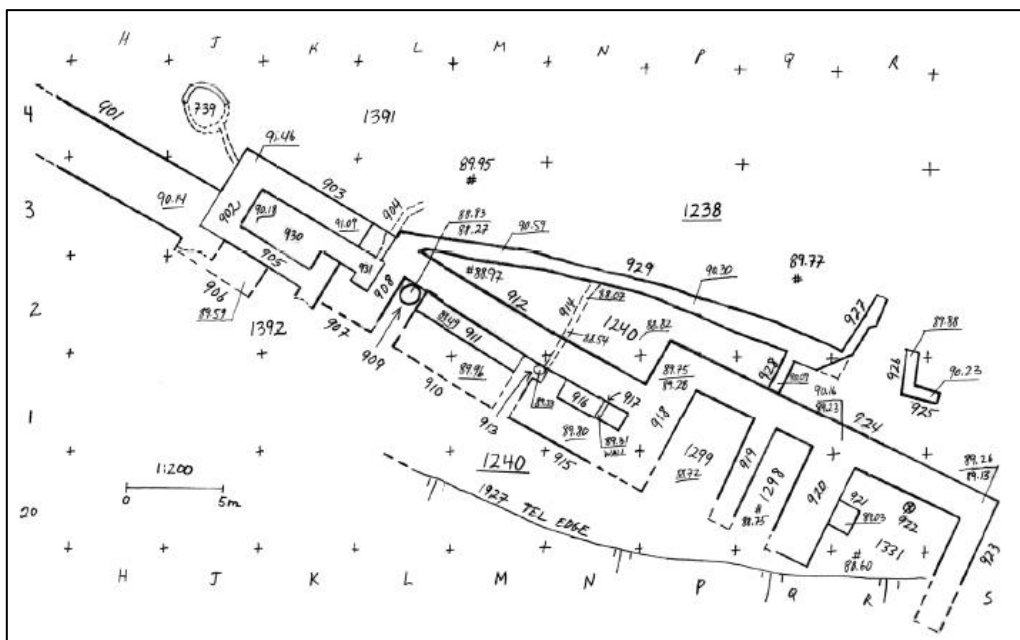
Planta 7 – Planta do Quarteirão Nordeste in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)



Planta 8 – Planta do Pátio 1387, parte dos Quartos Norte in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)



Planta 9 – Planta do Quarteirão Ocidental in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)



Planta 10 – Planta do Edifício 1240 in (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002)

Tabelas

<i>Faraó</i>	<i>Redforf 2001</i>	<i>Kitchen 1987</i>	<i>Baines & Malek 1980</i>	<i>Krauss 1985</i>
<i>Ahmose</i>	c. 1569-1545	1550-1525	1550-1525	1539-1514
<i>Amenhotep I</i>	c. 1545-1525	1525-1504	1525-1504	1514-1493
<i>Thutmose I</i>	c. 1525-1516	1504-1492	1504-1492	1493-1481
<i>Thutmose II</i>	c. 1516-1504	1492-1479	1492-1479	1481-1479
<i>Thutmose III</i>	1504-1452	1479-1425	1479-1425	1479-1457
<i>Hatshepsut</i>	1502-1482	1479-1457	1473-1458	1479-1457
<i>Amenhotep II</i>	1454-1419	1427-1400	1401-1391	1392-1382
<i>Thutmose IV</i>	1419-1410	1400-1390	1401-1391	1392-1382
<i>Amenhotep III</i>	1410-1372	1390-1352	1391-1353	1382-1344
<i>Amenhotep IV</i>	1372-1355	1352-1336	1353-1335	1352-1336
<i>Smenkhkare</i>	1355	1338-1336	1335-1333	1338-1336
<i>Tutankhamun</i>	1355-1346	1336-1327	1333-1323	1336-1327
<i>Ay</i>	1346-1343	1327-1323	1323-1319	1327-1323
<i>Horemheb</i>	1343-1315	1323-1295	1319-1307	1323-1295

Tabela 1 – datas sugeridas para os faraós da XVIII dinastia egípcia in, (Mullins, Beth Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite Settlement to Egyptian Garrison 2002, 2)

Período	Séculos a.C.	UM (University Museum)	HU (The Hebrew University Excavations)		
			Áreas R e S	Área N Norte	Área Q
<i>Idade do Ferro IB</i>	11 ^o	Templos do Nível V e estruturas do Nível VI tardio	### S-2	N-2	
<i>Idade do Ferro IA</i>	12 ^o até c. 1140	Nível VI	### S-3 ^a -b	N-3a N-3b	Q-1 (Edifício 1500) Q2 (?)
<i>Bronze Final IIB</i>	13 ^o	Nível VII tardio e Nível VII		N-4	Q-2
	13 ^o	Nível VIII			Q-3 (?)
<i>Bronze Final IIA</i>	14 ^o	Nível IX 1	R-1a		
<i>Bronze Final IB</i>	Fim do 15 ^o	Nível IX 2	R-1b		
<i>Bronze Final IA-B(?)</i>	15 ^o	-	R-2		

Tabela 2 - Bet-Chan no Bronze Final e I Idade do Ferro: Tabela estratigráfica in (Mazar 2011, 180)

Período	Fase da 18 Dinastia	Governantes egípcios	Datações a.C.
B.F. IA	Inicial	Ahmose I - Hatshepsut	1550-1458
B.F. IB	Média	Thutmose III- Thutmose IV	1458-1391
B.F. IIA	Final	Amenhotep III- Horemheb	1391-1307

Tabela 3 - Divisão da XVIII Dinastia baseada nas divisões do Bronze Final in (Mullins, Beth-Shean during the Eighteenth Dynasty: From Canaanite settlement to Egyptian Garrison 2002, 11)

HUE	UME
78301	1228 (parcialmente)
	1395
58063	1396
58143	1393/1394
58150	1397
58154/68301	1390/1387 (parcialmente)
58067	
58085	
58061/58096/68306a	1389
	1388
	1385
	1403

Tabela 4 - Unidades dos Quartos Norte e Pátio 1228 associado¹⁴⁹

HUE	
1322	1222
	1324
	1323
	1325
	1322
1226	1229
	1227
	1226

Tabela 5 - Unidades do Quarteirão Nordeste

HUE	UME
58009	1228
58132	1231
58033	1333
58009	1242
58008a	1235

Tabela 6 - Unidades do Pátio 1228 e exterior do Templo 1230-123

¹⁴⁹ Tabelas de correlação de Unidades e Loci entre as escavações da Universidade Hebraica de Jerusalém e do Museu

HUE	UME
1230	1230
	1326
	1231
	1233
1234	1232
	1327
	1232
1236	1236
	1237
	1239
	1328
	1330
	1329
1333	1339
	1334
	1335
	1341
	1337
	1332

Tabela 7 - Unidades do Quarteirão Oriental

HUE		UME
68131	68132	
	88536	
68137	58092	
	68545	
	68578	
	68528	1391
	68580	1241
	68535	1397
79113		

Tabela 8 - Unidades do Complexo Sul

HUE
1238
1340
1406
1408
1391

Tabela 9 - Unidades da Rua

HUE	UME
18970	1404
	1400
	1406
79108	1415
	1406
	1414
	1413
	1407
	1410
	1412/1417
	1411
	1409
	1405
	1401
	1403

Tabela 10 - Unidades do Quarteirão Ocidental-Edifício 18970

HUE	
1240	1298
	1299
	1331

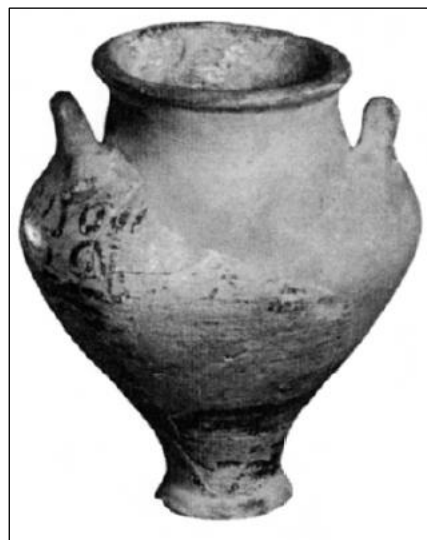
Tabela 11 - Unidades do Edifício 1240

Fotografias dos materiais analisados

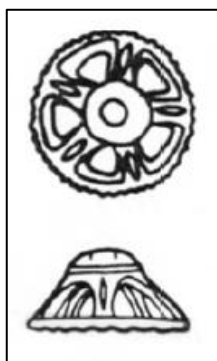
Materiais dos Quartos Norte e Pátio 1228 associado



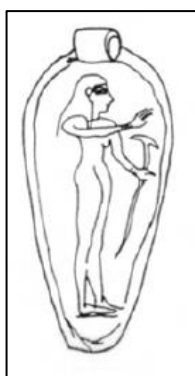
1



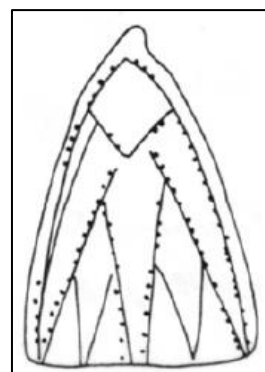
2



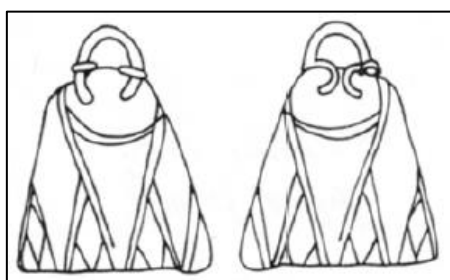
3



4



5



6

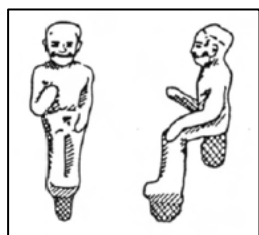
Materiais do Quarteirão Nordeste



7



8



9



10

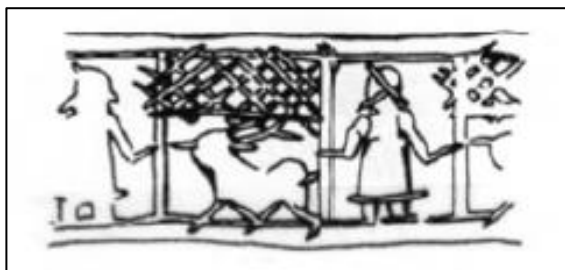


11



12

Materiais do Pátio 1228 e exterior do Templo 1230-1234



13



14



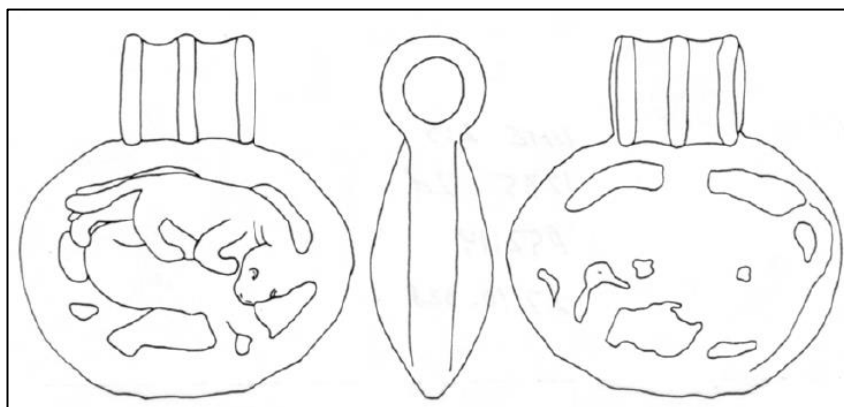
15



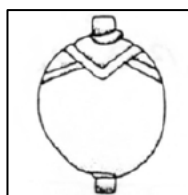
16



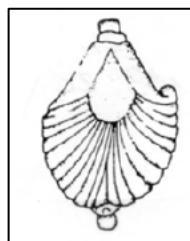
17



18



19



20



21

Materiais do Quarteirão Oriental



22



23



24



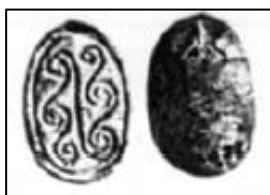
25



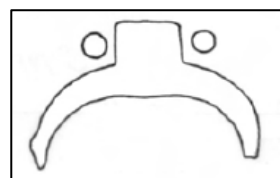
26



27



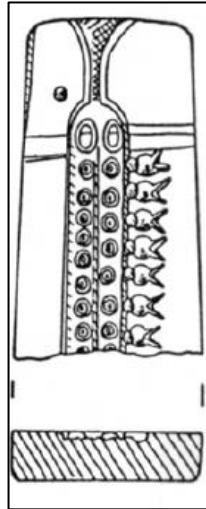
28



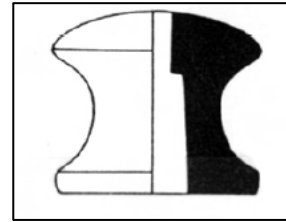
29



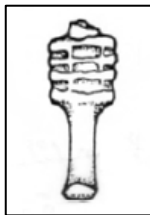
30



31



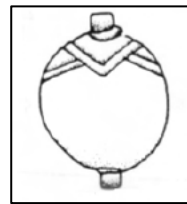
32



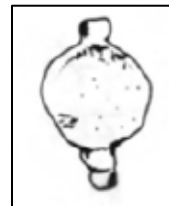
33



34



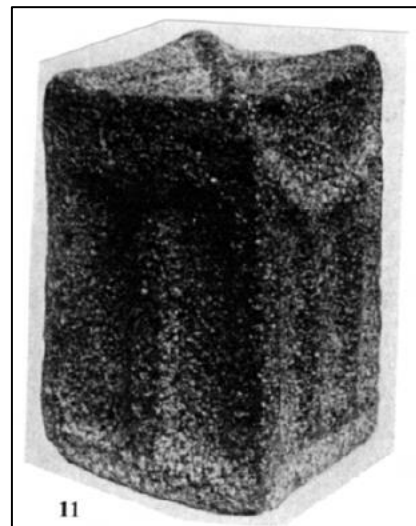
35



36

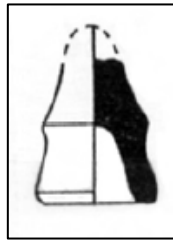


37

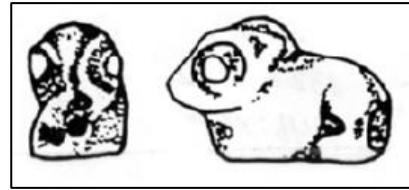


11

38



39



40



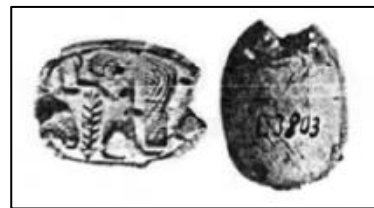
41



42



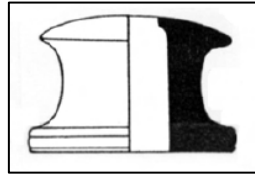
43



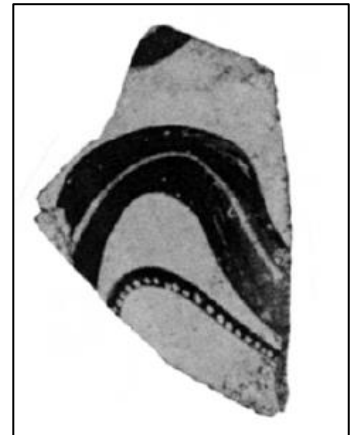
44



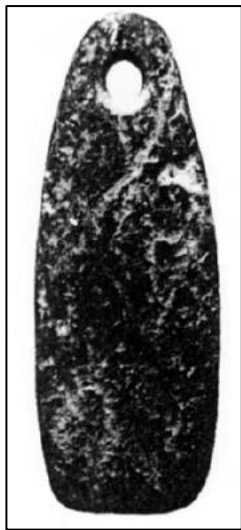
45



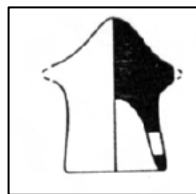
46



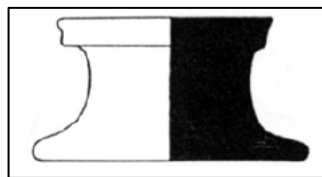
47



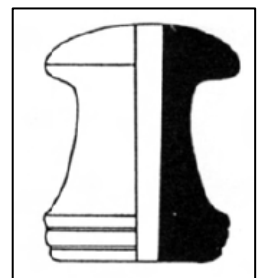
48



49



50



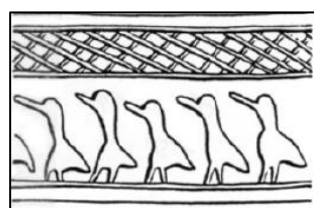
51



52

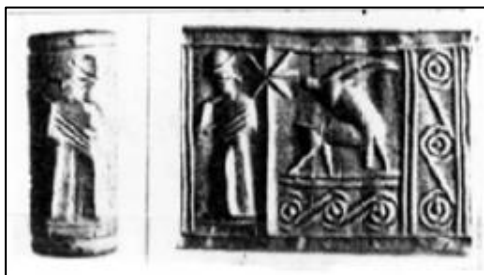


53

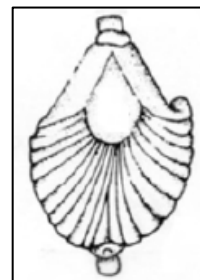


54

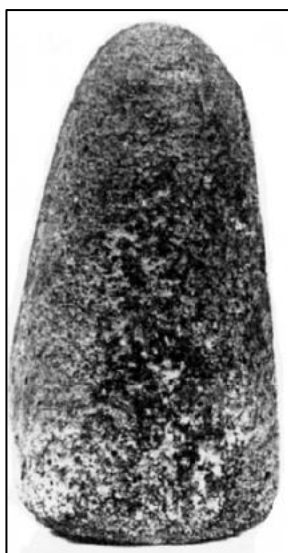
Materiais do Complexo Sul



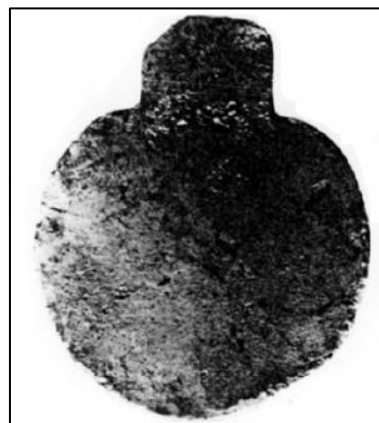
55



56



57



58

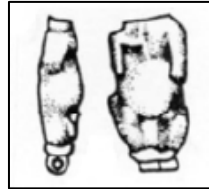


59

Materiais da Rua



60

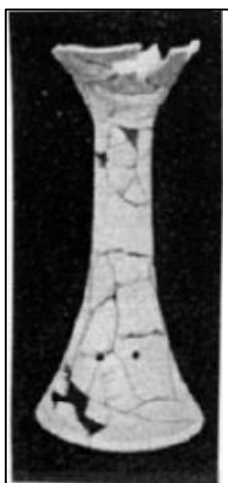


61

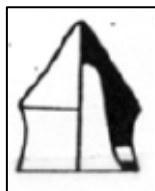


62

Materiais do Quarteirão Ocidental



63



64



65



66



67



68

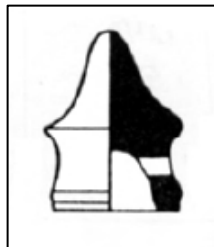


69

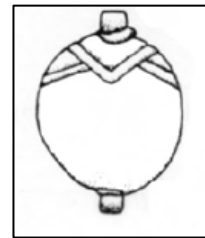
Materiais do Edifício 1240



70



71



72